



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
CURSO DE MESTRADO
LINHA DE PESQUISA: PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL E PSICANÁLISE

MARINA DINIZ LUNA DO NASCIMENTO

**O CORPO EM CENA: ESCARIFICAÇÕES EM ADOLESCENTES DO
SEXO FEMININO**

RECIFE

2019



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
CURSO DE MESTRADO
LINHA DE PESQUISA: PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL E PSICANÁLISE

MARINA DINIZ LUNA DO NASCIMENTO

**O CORPO EM CENA: ESCARIFICAÇÕES EM ADOLESCENTES DO
SEXO FEMININO**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Mestrado em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica

Orientação: Profa. Dra. Edilene Freire de Queiroz

RECIFE

2019

N244c

Nascimento, Marina Diniz Luna do

O corpo em cena : escarificações em adolescentes do sexo feminino / Marina Diniz Luna do Nascimento, 2019.

95 f. : il.

Orientador: Edilene Freire de Queiroz

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica. Mestrado em Psicologia Clínica, 2019.

1. Adolescência - Aspectos psicológicos . 2. Corpo e mente. 3. Automutilação. 4. Clínica psicanalítica. I. Título.

CDU 159.964.2

Ficha catalográfica elaborada por Catarina Maria Drahomiro Duarte - CRB
4/463

MARINA DINIZ LUNA DO NASCIMENTO

**O CORPO EM CENA: ESCARIFICAÇÕES EM ADOLESCENTES DO
SEXO FEMININO**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Mestrado em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientação: Profa. Dra. Edilene Freire de Queiroz

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Edilene Freire de Queiroz
(Orientadora)

Profa. Dra. Paula Cristina Monteiro de Barros

Profa. Dra. Elizabeth Regina Almeida de Siqueira

Recife, 20 de Maio de 2019

A quem me fez e faz insistir,
inventar e descobrir sobre o amor,
dedico.

AGRADECIMENTOS

Às vezes acho as palavras pequenas para expressar o que sinto. Outras tantas, é a elas que recorro quando não consigo falar. De toda forma, neste curto (ou gigante) espaço que é uma página em branco, escrevo palavras que me permitam agradecer, bem como, tornar eterno.

Inicio falando sobre a dificuldade dessa escrita, e por mais solitária que ela tenha sido, sem estes aos quais agradeço, ela não seria possível.

Agradeço àqueles que me incentivaram a estar onde estou hoje, inclusive me dando subsídios em todas as etapas da minha vida. Nesta etapa não seria diferente. Foram eles que insistiram e me deram a mão para realizar esse mestrado: Marino, Josélia, Mariana.

Agradeço àquelas que foram companhia na seleção, nas aulas e no percurso da Academia, que saíam de Campina Grande-PB comigo e topavam desbravar as aventuras da estrada, do mestrado e da cidade (Recife-PE): Cristina e Thayse.

Agradeço a minha tia que me acolheu em sua casa, que me deu teto e com quem conversei e partilhei coisas boas; e a minha outra tia que, em um momento final da dissertação, percorreu a cidade para entregar meu trabalho. Obrigada, tia Marilene e tia Leda.

Agradeço aos lugares por onde tive/estou tendo oportunidade de passar como profissional: CAPS I – Queimadas e Clínica Dr. Maia (atual). Esse trabalho foi atravessado por um modo de pesquisa implicado na prática, e foi por meio dessa implicação que produzi inúmeras questões que me mobilizaram e me levaram a outras. Portanto, aos pacientes que foram acolhidos e que, de certa forma, inspiraram-me e deram-me subsídios para essa escrita, sou grata.

Agradeço àqueles que tive a oportunidade de conhecer na turma, com quem partilhei boas risadas, papos sérios e brincadeiras, e que tornaram o primeiro ano do mestrado mais leve, em especial: Paulo, Priscilla, Bruna, Silvia. Mas agradeço principalmente àquela com quem, inesperadamente, a vida me promoveu um encontro singular e com quem construí um afeto muito além da sala de aula: Ayanne.

Agradeço a Universidade Católica de Pernambuco e aqueles que a compõe, que de alguma forma passaram pelo meu caminho nesse período. Aos secretários e funcionários, que foram sempre solícitos nos momentos em que precisei.

Agradeço aos professores que moveram algo em mim, fazendo-me pensar e atrever-me a sair da minha zona de conforto. Agradeço, porque passei a ver o mundo de outra forma, a pensar de uma outra maneira e a enxergar grandes possibilidades, atravessada pela coragem. Obrigada, Consuelo, Veronique, Ricardo e Cristina Amazonas.

Agradeço a Elizabeth Siqueira pela honra de ter sua presença em minha banca. A experiência da dissertação torna-se ainda mais rica quando temos a oportunidade de ver quem nos serviu como inspiração e como respaldo teórico lendo o produto dessa pesquisa. Sem dúvida sua escrita tem importante ressonância nesse texto.

Agradeço aos amigos que em algum momento, durante esses dois anos, entenderam minhas ausências, compreenderam minhas angústias e acolheram minhas dificuldades. Eles, que agora são continuidade da minha família: Edgley e Gabriel.

Agradeço de forma muito especial a minha orientadora, que me acolheu em um momento difícil do processo, que fisgou e recortou as desordens do meu pensamento e da minha escrita. Sem ela, essa ordenação não seria possível.

Agradeço a Paula Barros. Realmente me faltam palavras para descrevê-la. Desde nosso primeiro encontro senti sua leitura atenta, sua ética, sua escuta e sua sensibilidade. Agradeço por todo esse acolhimento, por vezes, materno. Agradeço à ela, que, mesmo sem saber, operou uma função importante, se não imprescindível, para que esse trabalho estivesse pronto. Agradeço por cada leitura, por cada indicação de texto, por cada palavra, por cada detalhe e por cada gesto. Paula, saiba que essa escrita tomou forma graças a suas indicações e, por isso, ela nunca foi só minha.

Agradeço a Leandro. Deixei-o por último, porque não sabia como agradecer-lo. Agradeço-lhe pelo lugar que você me oferece na sua vida, que acabou por me proporcionar um novo lugar na minha. Obrigada por me permitir ser sujeito; obrigada por ser tão companheiro e me autorizar a ser a sua companheira; obrigada por isso que nós dois estamos construindo e movendo dentro de nós; obrigada por sustentar meu desejo vivo; e obrigada pela liberdade que você me oferta estando ao meu lado.

*No papel não caberia,
o que no corpo já não cabia,
na poesia caberia.*

Mana Bernardes, 2007

RESUMO

As escarificações na adolescência têm ganhado espaço e estatuto de problema social, chegando cada vez mais aos espaços de acolhimento de psicologia, tanto no âmbito público quanto no privado. Este trabalho buscou problematizar as autolesões em adolescentes do sexo feminino, refletindo como se dá o uso do corpo para essas meninas. Partindo da escuta clínica, foi possível perceber que há um enigma no feminino que passa pelo corpo. Para abarcar essa questão e dar corpo ao trabalho, foi percorrido um caminho teórico, encontrando-se, assim, subsídios na teoria psicanalítica freud-laciana e nos seus comentadores, sobretudo a respeito da adolescência, do corpo e do feminino. E para dar respaldo às discussões, foi utilizada como metodologia a pesquisa em grupos de automutilação no *facebook*. Desses grupos foram utilizados depoimentos e imagens que subsidiaram, junto àquilo que ficou da experiência clínica, a discussão da questão que norteou o trabalho. Foi possível perceber que as escarificações são saídas encontradas pelas adolescentes para o que não é possível ser dito pela palavra. Os cortes funcionam, portanto, como uma tentativa de dizer o impossível. A partir dos relatos das meninas, percebe-se que elas buscam encontrar soluções singulares para o que não conseguem verbalizar, ou seja, o indizível. Posto isso, compreende-se que o corpo se localiza como insistência de uma letra de gozo e, diante desta, busca-se uma escrita possível. Portanto, propõe-se pensar alternativas possíveis para encarar um novo lugar para o corpo, tendo visto nos próprios discursos que tanto os grupos fazem função como a escrita do impossível também opera de forma transformativa.

Palavras-chave: Adolescência. Corpo. Clínica psicanalítica. Feminino. Automutilação.

ABSTRACT

The scarification in adolescence has gained space and status as a social problem, reaching more and more the reception spaces of psychology, both in the public and private spheres. This study sought to problematize the self-harm in female adolescents, reflecting how the body is used by them. Starting from clinical listening, it was possible to perceive that there is an enigma in the feminine that passes through the body. To encompass this question and to compose the study the theoretical path was traversed, finding subsidies in the Freud-Lacanian psychoanalytic theory and its commentators regarding adolescence, body and feminine. And in order to support the discussions, it was used as a methodology the research in self-mutilation groups on *facebook*, of these groups were used testimonials and images that subsidized, along with what has remained of the clinical experience, the discussion of the question that guided the work. It was possible to perceive that the scarifications are exits found by the teenagers for what can not be said by the word, the cuts function as an attempt to say the impossible. For those girls there is something that is of the order of the impossible, and which they seem to find singular solutions to this which is unspeakable. After this we perceive that the body is located as an insistence of a letter of *jouissance*, and in front of it a possible writing is sought. Therefore, it is proposed to think possible alternatives to the new place for the body, having heard in the speeches themselves that both groups of the function and the writing of the impossible also operates in a transformative way.

Keyword: Adolescence. Body. Psychoanalytic Clinic. Female. Self-harm.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Grupo selecionados para pesquisa.....	26
--	-----------

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Qual o motivo dos cortes?.....	Erro! Indicador não definido.
Imagem 2 - Grupos de apoio	Erro! Indicador não definido.
Imagem 3 - Grupo de apoio. Postagens	Erro! Indicador não definido.
Imagem 4 - Grupo de apoio. Postagens	67
Imagem 5 - Grupo de apoio. Postagens	Erro! Indicador não definido.
Imagem 6 - Grupo de apoio. Postagens	Erro! Indicador não definido.
Imagem 7 - Grupo de apoio. Postagens	Erro! Indicador não definido.
Imagem 8 - Grupo de apoio. Postagens	Erro! Indicador não definido.
Imagem 9 - Braços cortados	Erro! Indicador não definido.
Imagem 10 - Página de apresentação de grupo do Whatsapp	71
Imagem 11- Pernas cortadas.....	Erro! Indicador não definido.
Imagem 12 - Cortes	Erro! Indicador não definido.
Imagem 13 - Cortes	Erro! Indicador não definido.
Imagem 14 - Cortes	Erro! Indicador não definido.
Imagem 15 - Cortes.....	84
Imagem 16 - Formas de escrita/inscrita.....	91

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 PERCURSO DA PESQUISA: O QUE ESCUTAR DE UM CORPO EM ATO	18
2.1 Da experiência de escuta: do sintoma coletivo ao singular de cada história	20
2.2 Fazendo grupo: compartilhando experiências	21
3 ADOLE(SENTE): DES(CONSTRUINDO) SABERES	28
3.1 Re(cortes) da história da adolescência	29
3.2 Sobre a adolescência: o que a psicanálise tem a dizer?	34
3.3 Adolescência e corpo	38
4 SABERES E ABISMOS DO FEMININO NA ADOLESCÊNCIA	41
4.1 O enigmático do feminino para Freud	43
4.2 O feminino em Lacan: a singularidade do gozo	47
4.3 A adolescente: feminino, singular	51
5 O CORPO EM ATO NA ADOLESCÊNCIA	59
5.1 O início dos cortes: daquilo que não se pode dizer	60
5.2 Identificações: fazendo grupo é possível dizer algo	65
5.3 O corpo em ato nas adolescentes meninas: algo escapa	74
5.4 A escrita do impossível	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	91

1 INTRODUÇÃO

Lacan (1901-1981) em “O tempo lógico e asserção da certeza antecipada”, organizou o fazer clínico em três momentos, que nos ajudaram a pensar a própria pesquisa e seu empuxo a um tempo lógico. O primeiro momento proposto por Lacan trata do **instante de ver** que, especificamente nesta pesquisa, deu-se em dois momentos: inicialmente, no estágio em uma Instituição Universitária¹ que oferta atendimento clínico à população através do Sistema Único de Saúde (SUS); e, posteriormente, em um Serviço Público de Saúde Mental², na prática da psicanálise aplicada. Nesses dois momentos, uma particularidade da adolescência chamou nossa atenção, a saber: o uso do corpo em sobreposição ao discurso.

Durante os atendimentos clínicos a esse público, foi notório o uso do corpo de uma forma que o colocava, por vezes, em risco, como: o envolvimento com drogas, o submeter-se a situações de perigo, o lesar-se e a prática de atos infracionais. Tais riscos pareciam ter um ponto em comum: o sujeito às voltas com o perigo de ser “pego”; com o risco de “ser visto”, ou ainda, com o não suportar que os levava a ficar “à beira da morte”. A forma como o sujeito se utiliza do seu corpo na adolescência passou, portanto, a ser um ponto de interesse. Assim, Freud (1919) afirma que quando nos depararmos com algo novo e não familiar, este algo torna-se estranho a nós. Mas não há nada mais ambivalente, nesse sentido, que o encontro da adolescência com esse novo corpo, não apenas orgânico, mas também estático, de modo que o corpo é aquilo que o adolescente tem de mais próximo e de mais estranho; é algo assustador e íntimo, que ele ataca com toda sua voracidade, como quem ataca um estrangeiro. Foi exatamente desse lugar – de adolescentes que usam o seu corpo como palco de atos que são carregados de sofrimento – que foram suscitadas diversas questões: seriam esses atos direcionados ao olhar do Outro³? Seriam eles utilizados para estabelecer laços com um grupo? Seriam fenômenos políticos e culturais? Seriam tentativas de fugir da dor de um trauma? O que esses atos (re)velam?

O que nos chamou atenção, contudo, foi que apesar de reparar que há algo em comum entre os discursos e entre os atos das adolescentes, reconhecemos que a presente pesquisa, tal qual a psicanálise, sustentou-se naquilo que, por ser uno, ficou como um enigma para os demais

¹ Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – Localizada em Campina Grande – PB.

² CAPS I – INTEGRAÇÃO – Localizada em Queimadas – PB.

³ O Outro grafado com letra maiúscula trata-se de uma concepção lacaniana que diferencia do outro minúsculo. O segundo representa o semelhante, aquele que encontramos no laço social. E o primeiro é tomado com a dimensão de um primeiro Outro, que carrega por si só o tesouro dos significantes, pois é através dele que nos inserimos no mundo, simbolicamente falando. Ou seja, trata-se de um Outro que nos dá a possibilidade de existir enquanto sujeitos.

profissionais que as acompanhavam, e também assim o parecia ser para as próprias adolescentes.

Todas essas questões remetem também a uma indagação crucial para aqueles que atendem adolescentes: como estabelecer uma transferência, tendo em vista que a procura por atendimento se dá, na maioria das vezes, pelos responsáveis, e a chegada dos adolescentes ao analista é atravessada pela resistência que circunscreve a relação com um outro? Esta última questão, dada a sua complexidade, e considerando o interesse principal desta pesquisa, ficará para uma outra oportunidade.

Retomando a proposta lacaniana, que apresenta três momentos, e ainda no instante de ver, foi possível elaborar todas essas questões, especificamente durante a prática da psicanálise aplicada em um Serviço Público de Saúde Mental, tanto a partir dos processos de acolhimento, como a partir dos acompanhamentos. Um sintoma, entre os observados, ganhou destaque, coincidindo com as discussões sobre o tema na atualidade: o ato de cortar-se, escarificar-se, sobretudo no público adolescente do gênero feminino.

Esse sintoma foi percebido em casos acolhidos no serviço de saúde mental (CAPS) e foi necessário constituir um grupo terapêutico com tais adolescentes, haja vista o número de casos semelhantes que chegavam ao serviço. Foi, portanto, a forma como as meninas estavam se utilizando da dor no corpo, mesmo que isso pusesse em risco suas próprias vidas, que impulsionou esta pesquisa.

Dito isso, entramos no segundo momento do tempo lógico proposto por Lacan, o **tempo de compreender**. Nele buscaram-se subsídios em pesquisas diversas, e no que a teoria psicanalítica tinha a nos dizer sobre o tema. Nesse processo, então, foi compreendido que o termo “autolesão” se refere ao ato de se machucar intencionalmente, de forma superficial ou moderada, alterando o tecido corporal, sem intenção suicida consciente, mas que resulte em ferimento suficientemente grave para provocar danos. Entre os atos considerados como autolesão estão: escarificar-se; queimar-se; bater-se; morder-se; beliscar-se; atritar objetos contra a pele; impedir ferimentos de cicatrizarem; coçar excessivamente a pele; derramar ácido, água sanitária ou outros materiais corrosivos sobre a pele; tudo isso para que ocorra o aparecimento de um ferimento (SALUD & SOCIEDAD, 2018; ARCOVERDE & SOARES, 2012).

O termo autolesão traz a melhor definição para associar ao comportamento das adolescentes que a prática psicanalítica nos revelou. Esse trabalho deteve-se a pesquisar especificamente as escarificações, ou seja, o ato de cortar-se, que é popularmente conhecido como *cutting* ou automutilação (FERREIRA & COSTA, 2018), sendo estes dois últimos termos os que mais são identificados em pesquisas realizadas sobre a temática.

Ainda no tempo de compreender, verificamos que, atualmente, a prática da autolesão vem sendo discutida, e as estatísticas mostram percentuais em torno de adolescentes que se colocam nesta situação, chegando a causar estragos e danos irreversíveis ao corpo, muitas vezes bordejando a morte, devido a intensidade com que se cortam.

Segundo pesquisas (SALUD & SOCIEDAD, 2018), no Brasil, o tema da automutilação ainda é pouco abordado, apesar da elevada procura sobre ele na *internet*. Tomando por base justamente esta busca recorrente, os autores identificaram que, enquanto em 2012 a palavra automutilação tinha sido pesquisada 141 vezes em vídeos do *youtube*, e em 2015 existiam apenas 7 comunidades no *facebook*, hoje, em 2019, já são encontrados 7.140 resultados de vídeos sobre o mesmo tema, e no *facebook* já existem 94 comunidades com o título automutilação, e a maior delas contém 15.116 membros.

Mais recentemente, em pesquisa realizada no *facebook* com a temática automutilação, foram encontrados um total de 97 grupos e um número de 350.000 de incidência do termo no site de pesquisa *google*, demarcando, desta forma, um crescente número de pesquisas sobre o tema.

Os autores acima mencionados traçaram um perfil para os membros das redes sociais, tentando localizar qual público tem maior incidência no envolvimento com a temática. Os dados encontrados apontaram que o perfil é, em sua maioria, do gênero feminino (70,60%), com *status* de relacionamento solteiro (47,51%), residentes no Sudeste do país (76,09%). Quanto a idade, a maioria dos membros não declara essa informação (97,54%). Contudo, pela porcentagem de vínculo escolar (ensino fundamental e ensino médio) ser 67,92%, deduz-se que a faixa etária situa-se na adolescência, e além disto, 82,91% declaram ser de instituições públicas (SILVA E BOTTI, 2018). De forma similar, pesquisas internacionais também identificaram o gênero feminino como sendo mais propenso a ser registrado e a participar ativamente de páginas em redes sociais virtuais que abordam o comportamento autolesivo, uma vez que a maioria dos indivíduos em *web sites* com conteúdo sobre automutilação afirmam ser do sexo feminino (78,9%) (WHITLOCK, POWERS & ECKENRODE, 2006 apud FERREIRA & COSTA, 2018).

Diante dos dados que mostram que há uma crescente incidência de adolescentes que provocam autolesões e que há um número significativo deste ato no gênero feminino, consideramos relevante pesquisar trabalhos que tratassem do tema na medida que esse público passa a chegar cada vez mais aos consultórios de psicologia, bem como aos serviços públicos de saúde.

O trabalho de Lorena (2016), intitulado “Um corpo para demarcar-se: estudo psicanalítico acerca das escarificações na adolescência” nos traz contribuições interessantes

para o fenômeno da escarificação. No seu texto, a autora esclarece sobre a adolescência e o ato de marcar o corpo como uma forma de escapar de uma dor da qual não se consegue dar conta pela via da palavra. Posto isto, percebe-se que o fenômeno das escarificações vai sendo produzido quando há uma dor psíquica que domina o adolescente, de maneira que, essas lesões se dão de forma gradativa, na tentativa de trazer um alívio temporário, como uma reivindicação a um Outro que se faz “cego e surdo” por não percebê-lo, além da falta de ancoragem que esses adolescentes parecem não encontrar nos laços.

Essa discussão proposta pela autora coincide com a discussão realizada por Ferreira e Costa (2018) em seu texto “Mensagens sobre escarificações na internet: um estudo psicanalítico”, no qual os autores afirmam o lugar da escarificação enquanto modalidade de escrita, ou seja, a dor no corpo distancia o afeto que incomoda e, ao mesmo tempo, a repetição do ato faz com que se retorne novamente a esse afeto. Portanto, essa marca demonstra um limite da palavra e que, de certa forma, esbarra em um limite de compreensão, passando a ser inscrito de outra forma. A escarificação, deste modo, teria mais relação com uma escrita, para estes autores.

As autoras discutem ainda que se recorre ao corpo muito mais do que às palavras, principalmente no caso de adolescentes do gênero feminino, sendo, segundo Lorena (2016), os significados dos cortes únicos e remetendo à história pessoal de cada uma, apesar de haver questões que se repetem.

Assim é preciso localizar quais são essas questões com a adolescência, com o feminino e com o corpo para esses sujeitos, que parecem dizer algo que se insere no impossível de escrever e, por isso, acabam fazendo com que os jovens recorram aos cortes. Partindo do pressuposto que esses sujeitos se deparam com um impasse, percebido na escuta clínica e na atuação no Serviço Público de Saúde Mental, intuímos que há um enigma na adolescência e no feminino, em que os sujeitos expressam de forma sintomática, através do corpo. Contudo, a questão da escarificação ganha outro estatuto na medida que são dores provocadas em si mesma, que, de certa forma, apresentam uma dualidade: se, por um lado, a escarificação surge para aplacar a angústia, ou seja, aquilo que é posto na fala sobre o motivo do início dos cortes; por outro, ela surge como uma espécie de “vício” que escapa ao discurso e que se apresenta como “impossível parar”.

Portanto, o percurso teórico da pesquisa conduziu-nos a pensar sobre o ato da escarificação em adolescentes do gênero feminino, atravessado por uma preocupação histórica, social e política, que vem ganhando destaque, e que, cada vez mais, chega às instituições e aos consultórios de psicologia. É imprescindível revisitar as teorias e discussões a respeito do tema, bem como escutar o que está sendo falado pelas adolescentes, a fim de promover uma nova

discussão que possa vir a contribuir com a atuação profissional junto a essas jovens que chegam aos mais diversos espaços de saúde, educação e assistência.

A presente pesquisa, portanto, apresenta enquanto objetivo geral: problematizar as autolesões em adolescentes do sexo feminino, refletindo como se dá o uso do corpo por estas adolescentes; e enquanto objetivos específicos: revisar as noções sobre a adolescência com as ressonâncias da época; investigar o que a teoria psicanalítica tem a dizer sobre a relação das adolescentes com seu corpo; analisar o ato de escarificar-se, considerando as teorias mais recentes sobre o tema à luz das mudanças culturais e à luz da própria psicanálise; e construir o lugar dado pelas adolescentes ao seu ato.

Esse percurso foi realizado através de uma pesquisa empírica, tendo em vista nossa escuta, enquanto pesquisadores, ao longo de uma experiência clínica. Além disto, buscamos realizar uma revisão de literatura norteada pela teoria psicanalítica, principalmente Freud-lacanianiana e seus comentadores, retomando e discutindo as noções postas por eles. Para auxiliar essa pesquisa, realizamos uma busca de adolescentes do sexo feminino que realizavam cortes no corpo e produziam algum texto, disseminando-o na rede social *facebook*.

Deste modo, nesta pesquisa estudamos o fenômeno de autolesões em meninas, tendo acesso a estas através de depoimentos postados em grupos no *facebook*, e, em paralelo, retomamos a experiência de escuta clínica ao longo das discussões. Assim, o corpus desta pesquisa se baseou nos depoimentos produzidos pelas adolescentes que faziam escarificações e disseminavam algum conteúdo sobre isso nos grupos virtuais de adolescentes na rede social *facebook*.

Esse percurso buscou trazer contribuições para a atuação clínica junto a este público, reconhecendo que cada sujeito que chega é novo, singular. Importante mencionar também que novas discussões não pretendem esgotar as interrogações, e muito menos criar fórmulas de atuação, mas sim levantar pontos que nos façam pensar e, principalmente, que se nos coloquem como um no lugar daquele que se propõe a escutar e nunca banalizar o ato, promovendo um espaço para a palavra.

Assim, foi preciso estarmos atentos ao que foi sendo trazido sobre os adolescentes e também por eles revelado, para, enfim, chegar ao terceiro e último momento desta pesquisa: **o momento de concluir**. Este foi feito a partir da realização de discussões a respeito do lugar dado às escarificações para estas meninas e da discussão sobre o que essas escarificações dizem, como dizem, para que dizem e para quem dizem. Ou seja, é preciso ouvir o que é dito pelos adolescentes e suas tentativas de sobreviver às suas dores, utilizando-se de malabarismos próprios.

2 PERCURSO DA PESQUISA: O QUE ESCUTAR DE UM CORPO EM ATO

Esta pesquisa partiu de um lugar empírico por possuir ressonâncias particulares da nossa escuta, sendo assim, é preciso apresentar qual foi o caminho que escolhido. Sabemos que uma pesquisa pode ser realizada de diversas maneiras, dependendo primeiramente do objeto a ser pesquisado, ou seja, é diante de um problema que se constrói uma questão e passa-se a pensar as possíveis soluções ou discussões que podem ser levantadas em torno desta.

A psicanálise, desde seus primórdios, partiu da problemática que surgia na escuta, época esta na qual Freud construía suas questões para fazer suas elaborações teóricas. Freud foi um clínico, um teórico e um pesquisador. A prevalência da escuta na experiência de pesquisa psicanalítica propõe uma modalidade singular de construir o problema. O psicanalista, portanto, escuta em seus mais variados campos de atuação e sublinha elementos inconscientes do discurso do sujeito, podendo abarcar uma rede de significados possíveis.

Arteiro (2017) discute a visão de Freud a respeito da pesquisa em psicanálise referindo que ela é indissociável da clínica, na medida que, estando o pesquisador atento para determinados elementos inconscientes, põe-se a investigá-los. Desta maneira, inaugura-se uma particularidade para a psicanálise, pois parte do singular. Isto é, na psicanálise preza-se por esse lugar de fala, e que este se dê como uma construção ao longo da pesquisa, e não que se feche enquanto hipótese de pesquisa antes que a mesma aconteça.

A psicanálise, portanto, funciona, desde sua criação, como um procedimento terapêutico, como um conjunto de conhecimentos em contínua expansão e reformulação e enquanto construção teórica especulativa, revendo conceitos e deixando em aberto as considerações futuras (ARTEIRO, 2017). Esses apontamentos norteiam o que a pesquisa psicanalítica fez, e também faz avançar a clínica, uma vez que contribuem para a elaboração de questões nos saberes instituídos e, a partir das formas em que estão se dando as atuações, representam uma contínua formação prática, como nos pontua Barros (2015).

Figueiredo, Nobre e Vieira (2001), em conformidade com os pressupostos da pesquisa em psicanálise, apontam que a proposta deste tipo de pesquisa é buscar um saber que não seja apenas uma reafirmação teórica, e sim que se pautem na clínica, na qual os pressupostos teóricos que a fundamentam podem ser postos à prova. Os autores, portanto, apostam que há uma relação indissociável entre investigação e tratamento, por acreditarem que assim, configura-se e sustenta-se a produção de um saber a partir das sutilezas de tal relação.

Queiroz (s/d) também discute a respeito da pesquisa em psicanálise e afirma que esta deixou, não apenas uma terapêutica ou teoria, mas um método de investigação. Inegavelmente,

o objeto da psicanálise não é possível de ser captado por meio de experimentos já que trata-se do inconsciente.

Posto isso, sabemos que seu objeto e sua atenção voltam-se ao sujeito do inconsciente, como nos pontua:

O sujeito na pesquisa em psicanálise é, pois, aquele que, através da linguagem e na linguagem - assujeitado às leis que a organizam - constitui o universo físico como universo discursivo, trazendo junto a marca de sua presença. [...] A psicanálise o reintroduz (o sujeito), mas de maneira peculiar, como sujeito do inconsciente, o que é diferente da representação de cada indivíduo tem de si. (COSTA E POLI, 2006, p. 14).

Costa e Poli (2006) levantam uma discussão acerca do objeto psicanalítico e argumentam justamente que a manifestação discursiva nos possibilita ter acesso ao sujeito na sua produção de enunciados, ou seja, expõe-se as formações inconscientes presentes no discurso. Essas formações implicam não apenas a fala, mas também conjugam o significante e o corpo, símbolo e pulsão, que não se correspondem a sentidos consensuais. Essa manifestação discursiva se sobressai na clínica, mas também vem encontrando novos espaços em que possui a mesma riqueza de detalhes em decorrência da sua livre associação. Trata-se de uma nova modalidade discursiva nos ambientes midiáticos, os quais representam um novo contexto sociocultural, que permite investigar algo abrangente sem perder a individualidade (ARTEIRO, 2017).

O ambiente virtual vem sendo uma das possibilidades de pesquisa em decorrência do seu livre acesso aos usuários e, conseqüentemente, aos seus discursos. Esse casamento, frente a ampliação dessa possibilidade, expõe uma expansão de acesso a sintomas atuais, discussões atuais, novas formas de fazer grupos e de expor na página aquilo que lhe convém. Essa livre associação traz grande benefício à pesquisa em psicanálise, posto que dessa forma, encontramos uma possibilidade de acesso àquilo que está nas entrelinhas.

Ademais, Silva (1993) aponta que se define uma ciência pelo seu objeto e pelo seu método de investigação. Para a psicanálise, o inconsciente é seu objeto e tem-se acesso a ele através da gama de significados possíveis que organizam seu discurso e seus atos. Deste modo, esta pesquisa é em psicanálise porque se pretende estudar o fenômeno de autolesões corporais em meninas, sendo o ponto de partida os depoimentos postados em grupos de adolescentes no *facebook* e sendo retomada a experiência de escuta clínica ao longo das discussões. Complementarmente, para respaldar a discussão, também foi investigado o que está posto sobre a adolescência, o feminino e o corpo na teoria.

Assim, o corpus desta pesquisa é composto por depoimentos produzidos pelas adolescentes que fazem escarificações e o disseminam nos grupos virtuais de adolescentes na rede social *facebook*. Tais grupos funcionam para as adolescentes como um canal para criar

laços pela via da identificação, como também sugerem um espaço para apropriação dos atos e para produção de discursos sobre estes. Por outro lado, esta pesquisa se caracterizou por uma revisão de literatura sobre o corpo, a adolescência e o feminino, pautada na teoria psicanalítica, principalmente Freud-laciana e seus comentadores, retomando e discutindo as noções teorizadas por eles.

2.1 Da experiência de escuta: do sintoma coletivo ao singular de cada história

A construção dessa pesquisa teve início com a elaboração de questões emergentes na experiência clínica, ou seja, do lugar da escuta dos adolescentes, em que alguns elementos destacaram-se. A primeira experiência com adolescentes se deu em dois momentos da formação em Psicologia: inicialmente, enquanto estagiária em uma Instituição Universitária, que oferta atendimento clínico à população através do Sistema Único de Saúde (SUS); e posteriormente, em um Serviço Público de Saúde Mental (CAPS), na prática da psicanálise aplicada. Nos dois momentos uma particularidade da adolescência nos chamou atenção, a saber: o uso do corpo em sobreposição ao discurso. Contudo, foi na segunda dessas experiências que produzimos esta pesquisa, a partir da escuta de adolescentes do sexo feminino que realizavam escarificações.

A prática em grupo é comum no CAPS enquanto modalidade de intervenção em um serviço substitutivo de saúde mental. São ofertadas oficinas terapêuticas para as demandas que chegam ao serviço, afim de serem promovidas estabilizações possíveis para o quadro emergencial e para que o sujeito possa construir um laço social. Durante a atuação, chegou ao serviço casos de adolescentes que foram acolhidos e que apresentavam sintomas comuns: autolesões, humor depressivo, baixa autoestima, tentativas de suicídio e dificuldade nas relações parentais. Diante desse público com características em comum, foi demarcado um grupo para intervenção. O grupo era fechado, mesmo havendo uma certa rotatividade em decorrência da saída de alguns membros e chegada de novos.

O público do grupo, em sua maioria, era composto por meninas. Cada uma com uma história singular que poderia encontrar nesse espaço um lugar de escuta. Não cabe aqui a descrição dos casos, tendo em vista que esse não é o objetivo desta pesquisa, contudo nos cabe o recorte daquilo que nos chamou atenção na escuta flutuante e que mobilizou a construção da questão clínica.

As adolescentes chegavam, em sua maioria, com perfil bastante retraído, pouca fala e pouca interação. A proposta do grupo as levava a construir determinadas identificações, isso era percebido nas falas das mesmas, que concordavam entre si, referindo-se umas às outras

como sentindo as mesmas coisas, partilhando escritos, músicas, desenhos e produções diversas no grupo, que foi construindo uma dinâmica própria.

Na experiência de escuta desse grupo foi possível perceber que as adolescentes traziam elementos de sua história de vida e encontravam nele um espaço de fala. As histórias singulares que as meninas localizavam sobre a dificuldade de saber o que fazer estavam diretamente relacionadas aos sintomas que surgiam, ou seja, a tristeza, a dificuldade nas relações parentais e também na escola, a baixa autoestima, e também as autolesões.

Em seguida ao início dos cortes, algo se sobressaía na continuidade deles, sendo um elemento que ganhou destaque na medida que as meninas passavam a localizar as escarificações como um “vício”, em que elas não conseguiam parar de fazê-lo. Esse grupo, portanto, além de um espaço de fala para partilhar suas angústias, também passava a ser um espaço de partilha sobre seus atos, como uma espécie de parceria.

O espaço entre o início das escarificações e sua continuidade, e aquilo que as adolescentes justificavam sobre o motivo dessa recorrência, nos fez questionar a prática clínica e refletir em que medida poderíamos repensá-la com e para esse público. Posto isso, esse foi o elemento que forneceu a pesquisa o aporte para produzir nossas questões, que embasaram o lugar empírico desta pesquisa, bem como de onde esta partiu.

2.2 Fazendo grupo: compartilhando experiências

As questões clínicas deram respaldo para construir um novo *locus* de investigação. A partir da experiência singular, a teoria ganha corpo para expandir esse *locus*:

A partir dessa experiência singular, a teoria analítica ganha corpo quando se consegue, na transmissão, tornar suficientemente universal um caso particular - casos clínicos são portadores neles de universais o bastante para transmitir, o que não implica uma generalização do que se encontra em questão. Constitui-se um impasse quando, em nome de ideologias, a lógica inverte-se e o lugar para o particular fica comprometido. (Barros, 2015, p. 40).

Pensando nisso, e segundo a metodologia da pesquisa realizada por Arteiro (2017), entendemos que os ambientes midiáticos representam um novo contexto sociocultural, nos permitindo investigar algo mais abrangente, porém sem perder a individualidade. Essa autora, pautada na visão sobre a importância do ambiente virtual na atualidade, em que se tem acesso a milhões de usuários, voltou sua pesquisa para a investigação dos depoimentos acerca do objeto de estudo da mesma.

Deste modo, respaldamos essa pesquisa no ambiente virtual com o material disponível em grupos de *facebook*, acessando os depoimentos representativos de questões sociais. Sabendo desse livre acesso que todos os usuários têm à rede, podemos fazer dele uma via direta para as

experiências das adolescentes com as escarificações, distanciando-se do caso clínico por não se tratar de um caso acompanhado, como foi vivenciado na experiência do grupo do CAPS. Isso possibilita ser um importante procedimento de pesquisa, dispensando o processo do comitê de ética, visto que o material colhido está exposto na rede.

Além do acesso direto do grande público que utiliza a rede, do acesso aos depoimentos e da possibilidade de discussão de forma coletiva e individual, o ambiente virtual também permite perceber o espaço de publicação como uma página em branco, que possibilita o usuário qualquer tipo de construção. Isso proporciona, segundo Arteiro (2017), que o sujeito exprima suas marcas próprias, fazendo desse espaço um percurso singular conduzido por uma posição subjetiva, não deixando de ter sua relevância por ser um discurso livre e, como qualquer discurso, revelando nas suas entrelinhas desejos, angústias, gozo, ou seja, o próprio inconsciente. Não se trata, portanto, de aprofundar algum caso particular, posto que não temos acesso aos sujeitos em um espaço de escuta, mas trata-se de utilizar os elementos publicados para discutir sobre o fenômeno.

Por ser um público adolescente e, partindo do pressuposto que a dimensão que buscamos visualizar é não apenas a fala, mas também a forma como o corpo é utilizado por esse grupo, entendemos que o corpo expõe muito mais do que apenas efeitos anatômicos e fisiológicos, sendo ele palco de uma grande dimensão de expressões do inconsciente, e, por isso, identificamos a importância de pensá-lo como alvo de dor e objeto de gozo.

Para tanto, abordamos não apenas os pressupostos da psicanálise, mas também a concepção da Antropologia em que o corpo também é coletivo. Nesse sentido, Le Breton (2002) defende que o uso do corpo para o homem envolve a inserção simbólica que este exprime. Para o autor, nascem do corpo e se propagam nele as significações que fundamentam a existência individual e coletiva. Através do corpo o homem apropria-se de sua vida e torna-se capaz de traduzi-la a terceiros, servindo-se dos discursos que compartilha com os outros.

Le Breton (2002) segue pontuando que pela corporeidade o homem faz do mundo uma extensão de sua experiência, transformando as tramas e elementos de sua história disponíveis à ação e à compreensão. Portanto, a partir dessa experiência, são produzidos sentidos e o homem se insere de forma ativa no interior do espaço social e cultural. Assim, compreendemos que este é um ponto importante no que tange à possibilidade do ser humano conseguir tomar o corpo como essa experiência. Para que seja possível introduzir o corpo no mundo humano, atravessado por esse elemento da linguagem e da cultura, prescinde-se a existência de um outro. Ou seja, Le Breton (2002) afirma que para ser possível a apreensão do corpo como essa totalidade de significações, faz-se necessário o efeito conjugado da educação e das identificações que levam o sujeito a se inserir no círculo social.

Apesar da experiência da vida ser vista de forma singular pelo sujeito, a expressão corporal, como também sua subjetividade, é atravessada por elementos sociais. Os outros contribuem para modular os contornos de seu universo e dar ao corpo o estatuto social que necessita, oferecendo a possibilidade de construir-se como autor do grupo de pertencimento. Deste modo, no interior de um grupo, todas as manifestações corporais do autor são virtualmente significantes na medida que os parceiros do grupo as reconhecem. Os atos corporais só têm sentido, portanto, quando relacionadas ao conjunto de dados da simbologia própria do grupo social (LE BRETON, 2002).

Siqueira (2009) realça a importância das identificações na teoria psicanalítica. Isso porque é através da identificação que é possível pensar no processo de subjetivação e da constituição do Eu, bem como, por conseguinte, a estruturação do inconsciente. Para a psicanálise, a identificação não é apenas uma simples imitação, mas uma forma de junção do laço afetivo com o objeto.

É a partir dessa discussão que se compreende que o forte elemento das identificações atravessa o sujeito, marcando-o enquanto experiência de corpo. Desse modo, o corpo passa a expressar um sintoma coletivo que diz da apreensão do sujeito com os significantes advindos do Outro, porém também diz da forma como cada um os apreende e como estes tornam-se marca no seu corpo.

Pautado nesse percurso, o caminho metodológico nos direcionou para analisar o lugar dado pelas adolescentes do sexo feminino ao ato de escarificação, que localizam nos grupos um espaço de fala, tanto como se deu inicialmente do lugar da experiência de escuta clínica, como nas formações de grupos no web site *facebook*.

Portanto, percebemos a especificidade da experiência do fazer um grupo na adolescência, para notar a necessidade de adentrar em seu contexto, principalmente no que hoje é possível visualizar de forma mais recorrente na formação do laço social nas redes sociais. Sendo assim, é na rede que os sujeitos constroem laços e desenlaces e onde produzem determinadas identificações que repercutem na “vida real”, nas suas tramas e nas suas construções a respeito da vida. Para tanto a pesquisa na *internet* seguiu algumas etapas que serão descritas a seguir:

- I. Inicialmente foi realizada uma busca por pesquisas recentes, e foram encontrados estudos como o de Ferreira e Costa (2018) e Silva e Botti (2018), que também percorreram o caminho de adentrar nesse universo *online*; de modo que esse trabalho assemelha-se à proposta das mesmas ao analisar os depoimentos postados por adolescentes que se intitulam como tal e também são do gênero feminino para articular o aporte teórico da teoria psicanalítica, aos elementos dessas postagens e ao ato da

escarificação. Ficou evidente que recorre-se às redes sociais como uma forma de buscar elementos que possibilitem analisar o lugar dado no discurso das adolescentes ao escarificar-se.

- II. Em seguida, em decorrência dos números propostos pela pesquisa de Silva e Botti (2018), verificamos que no Brasil o tema da automutilação ainda é pouco abordado nas pesquisas científicas, apesar da elevada procura sobre o tema na internet. É a partir de buscas *online* que se investigou a incidência do tema automutilação na internet. Nesta pesquisa foram encontrados no *facebook* a temática automutilação em 97 grupos, e um número de 350.000 de incidência do termo no site de pesquisa *google*, demarcando desta forma uma crescente recorrência do termo na web.
- III. Em seguida, foram selecionados destes 97 grupos, cinco (5) grupos para serem utilizados na análise desta pesquisa, sendo o critério de escolha o número de usuários, ou seja, os escolhidos foram aqueles que tinham um número de participantes significativamente maior que os demais. Para entrar em alguns desses grupos, era preciso fazer uma solicitação, sendo necessário responder a um questionário para ser ou não autorizado a entrar: “Responda a essas perguntas dos administradores. Isso os ajuda a analisar as solicitações de entrada e somente eles poderão ver suas respostas”. Desse modo, explicamos sobre o intuito da entrada no grupo sob fins de pesquisa e não respondemos às questões feitas por eles. A autorização foi liberada pelos administradores dos grupos sem nenhuma ressalva, e nos localizamos na posição de observadores, sem interferir ou fazer qualquer tipo de comentário nas postagens.
- IV. Posteriormente foram realizadas duas análises dos elementos postados nesses grupos, tais como: seus *posts*, depoimentos, descrição em suas imagens, as respostas dos *posts* e a descrição. A primeira análise tinha a intenção de deixar-se fisgar pelo que nos chamasse atenção, algo que seguiu a proposta de Arteiro (2017). Esse momento foi nomeado de leitura flutuante, baseado no pressuposto da escuta flutuante proposto pela psicanálise, em que o psicanalista está atento àquilo que se sobressai como elemento inconsciente do discurso, para demarcá-lo e pontuá-lo, sendo possível delimitar o que está nas entrelinhas, a fim de produzir uma verdade sobre o texto lido de acordo com aquilo que lhe chamou atenção.
- V. Na quinta etapa tratamos de realizar uma outra leitura, que teve o objetivo de selecionar quais recortes seriam utilizados para discussão. Para isto foi preciso que estivéssemos atentos ao nosso inconsciente para adentrar no campo intersubjetivo que o encontro com os dados produz (ARTEIRO, 2017). Nesse momento, a experiência clínica nos possibilitou demarcar e direcionar as falas relevantes para o recorte da discussão, tendo

em vista que alguns elementos já eram questões que gostaríamos de discutir como objetivo da pesquisa. Portanto, o que norteou a busca dos elementos para discussão foi o que se sobressaiu enquanto questão na experiência clínica, sendo a discussão pautada no início dos cortes, o desencadeamento, ou seja, aquilo que levou as adolescentes a recorrerem a escarificação, e o que mobilizou a sua continuidade, isto é, o que as levou a permanecerem escarificando-se.

VI. Na sexta etapa discutimos os recortes das falas e imagens retiradas dos grupos, bem como realizar a articulação possível com o que foi vivenciado enquanto experiência, e o que foi discutido teoricamente na revisão de literatura. Seguindo estas etapas, seguem na tabela os grupos selecionados para discussão:

Tabela 1

Grupos selecionados para pesquisa.

Nome do grupo	Número de participantes	Tipo do grupo	Forma de entrar no grupo	Descrição do grupo
Automutilação V8	1,7 mil membros	Grupo fechado, de apoio	Resposta de questionário: 1- Porque você se corta? 2- Promete que não vai julgar ninguém? 3- Você contará sua dor?	Se você pratica ou já praticou a automutilação saiba q podemos te ajudar e não vamos te julgar pois somos todos iguais ☺
SOS automutilação grupo de apoio	5,3 mil membros	Grupo fechado, de apoio	Resposta de questionário: 1- Você se automutila/ já se automutilou? Qual é a razão de querer entrar no grupo? 2- Quantos anos você tem? Você quer parar de se automutilar? 3- Você faz algum tratamento? Já fez?	Esse é um grupo de apoio para pessoas que sofrem com a automutilação. Se nos ajudarmos e apoiarmos tudo ficará mais fácil e mais suportável. Você não está sozinho! <ul style="list-style-type: none"> • Regras do Grupo: <ul style="list-style-type: none"> - É proibido postar fotos e/ou vídeos de automutilação, pois outros membros podem se sentir estimulados a se cortar. - Proibido propagandas! Se achar que realmente precisa fazer uma propaganda, que ela tenha a ver com o tema do grupo. - É proibido qualquer estímulo ao suicídio, a automutilação, e transtornos psiquiátricos ou a qualquer atividade ilegal. - É proibido qualquer tipo de agressão ou bullying. - É proibido o compartilhamento de qualquer informação que coloque em risco a vida. (exemplo: como se matar, como se cortar, como desenvolver um transtorno alimentar) - Grupos de whatsapp são de total responsabilidade dos criadores e participantes e não são vinculados ao nosso grupo. -Esse é um grupo de apoio. Qualquer regra quebrada será avaliada, podendo a postagem ou comentário ser excluído e/ou o membro ser banido. - Sejam gentis. Gentileza gera gentileza!

Auto-mutilação	2.558 membros	Grupo fechado, de apoio	Solicitação ao administrador.	Regras: - Não ofender, julgar ou humilhar qualquer integrante do grupo. - Nada de palavrões - proibido criticar e julgar a religião alheia - se for divulgar outro grupo do facebook aqui favor avisar o adm primeiro (sujeito a exclusão do post) - ajuda é sempre bem vinda... vamos ajudar para sermos ajudados. -Proibido qualquer assunto relacionado a sexo. -Proibido postar grupos de whatsapp. - Caso tenha algo a reclamar entre em contato com os ADMS. - Nada de brigas e tretas. - Nada de incentivar pessoas a cometer suicídios ou auto-mutilação, isso nao é o objetivo do grupo. - Não tirar nada daqui do grupo para fora e nen expor a intimidade alheia. (sujeito a ban permanente) -Respeitar os ADMS, os MODS e as regras. (NÃO RETIREM AS REGRAS DO POST FIXO DO GRUPO, ELAS AJUDAM A MANTER A ORDEM.) - Júlia
Automutilação #se presente	2.158 membros	Grupo fechado, de apoio	Solicitação ao administrador.	Oi? Bem-vindo(@) você consegue expressar-se agora? Ou você já se tornou inerente ao escuro, aponto de não enxergar as esperanças? Você pode mostrar seu mundo, sinta-se avontade aqui, você pode encontrar pessoas que fazem, o que você faz. Você não está sozinho(@). Transforme sua cabana amarga em um parque de Diversões, que profbem inundações de lágrimas e tristeza.♥♥
Automutilação	1.035 membros	Grupo aberto, de apoio	Aberto para todos os interessados.	Toda forma de amor é possível e aqui esta a nossa , em breve muito breve nossa família estará unida , sem essa distancia pequena

3 ADOLE(SENTE): DES(CONSTRUINDO) SABERES

O termo adolescente perpassa pelo desenvolvimento histórico e pela sua inserção no campo social. Sabendo disso, constrói-se uma noção que possibilite elaborar uma especificidade comum à adolescência, que se desbrava no enigmático que ela pode apresentar com sua desconstrução de saberes. Segundo Alberti (2009), foi possível notar que o adolescente passa a ser aquele que se depara com algo inominável, e esse encontro é necessariamente faltoso. Sendo assim, a autora desenvolve a respeito do termo ao longo do seu livro e apresenta que, por haver esse encontro com o real⁴, a adolescência circunscreve um ato como modalidade de emergência do real, ou seja, com a intenção de sair da cena que é insuportável para ele, surge o ato. Esse ato é sempre imprevisível e o sujeito fica em suspenso.

Há algo que emerge na adolescência que demanda determinada apreensão com relação ao sexo, à morte e à existência. Além das mudanças púberes, a sua inscrição no mundo exige uma posição que o sujeito precisa dar conta por si só e não à sombra de outro, como na posição infantil. Isso exige minimamente uma separação do Outro para que seja possível elaborar as suas noções a respeito do próprio corpo e do seu lugar no mundo.

Alberti (2009) argumenta que a adolescência não responde a nenhuma definição. Aquilo que geralmente situa o início da adolescência é a maturação sexual fisiológica, que se transforma no desencadeamento pulsional. Esse início prescinde que ele refaça o conhecimento acerca de si, do seu corpo, que passa a ser estranho e lhe proporciona um misto de sensações até então não vividas. “O adolescente tem medo de seu corpo e não sabe se servir dele, o que provoca a angústia e o receio de cometer faltas em relação ao proibido”. (ALBERTI, 2009, p. 24).

Caem as certezas e as seguranças. É preciso que cada um construa sua forma de se haver com seu corpo por si só. Haveria na adolescência um direcionamento para o ato muito mais do que para a palavra, pelo que se vê nas discussões a respeito, como também o que se escuta na própria clínica. E esse ato parece se dar em resposta a algo, o que lhe passa a ser estrangeiro, seja advindo do Outro ou seja do seu próprio corpo. Não se pode, contudo, prever qual será o ato e, por isso mesmo, caem as certezas acerca do adolescente. Nesse contexto, é preciso ir em

⁴ O encontro com o Real trata-se daquilo que escapa ao aparato simbólico. Ou seja, o Real é tido na teoria laciana como aquilo que não é possível apreender em palavras ou pela ordem da compreensão, é aquilo no qual o sujeito se vê sem possibilidade de explicação, como por exemplo para a vida, o sexo, a morte, não há o que ser dito, apenas vivido. Se o simbólico abarca a possibilidade de inserção no mundo da linguagem, o real é aquilo que escapa a qualquer definição.

busca dele e escutar os seus atos e suas palavras para desvendar o que ele está tentando construir.

3.1 Re(cortes) da história da adolescência

No que tange ao termo adolescente, é preciso remontar a história do seu lugar na sociedade para compreender a noção que temos hoje sobre o mesmo. Para isso, Ariès (1986) faz um levantamento da história social da infância, buscando como essa faixa etária estava nas famílias e como os adolescentes passaram a ser nomeados dentro dos espaços sociais. O autor passa a prestar atenção nas obras de arte postas em cada período histórico, investigando, naquele recorte de tempo, como a infância e a adolescência apareciam e a partir de que momento passaram a ser consideradas.

Inicialmente Ariès (1986) refere que até o século XII as representações artísticas desconheciam a infância ou não a representavam. Em seguida, afirma: “é mais provável que não houvesse espaço para a infância nesse mundo” (ARIÈS, 1986, p. 51), nesse momento ele aponta as crianças como adultos em miniatura, tendo em vista que nas obras de arte elas eram postas sem traços infantis, mas apenas reproduzidas em escala menor, sendo o tamanho a distinção entre o infantil e o adulto. A infância era um período de transição que logo se perderia, então seria esquecido, tanto no que tange a sua lembrança, como a sua representação.

Por volta do século XIII, surgem expressões artísticas de alguns tipos de crianças que se aproximam do sentimento moderno, principalmente representadas nas figuras de anjos. Nesse sentido, foram inauguradas figuras de adolescentes, ou seja, representavam crianças “mais ou menos” grandes, que eram educadas para ajudar nas questões religiosas e destinadas às ordens. Esses anjos adolescentes se tornariam frequentes no século XIV e persistiriam até o *quattrocento* italiano. Já o sentimento de pureza destinado à tenra infância, limitava-se a figura do menino Jesus, sendo a partir da arte italiana, que se desenvolveu e se expandiu essa noção, não sendo possível distinguir até o momento uma diferença clara entre a infância e a adolescência, sendo vistas de forma indiferenciada e representadas nas obras de arte equivalendo a mesma coisa (ARIÈS, 1986).

No século XVI, a criança propriamente dita passa a existir, contudo, como denominação presente junto ao seu túmulo ou ao de adultos. Ariès (1986) vem aqui referenciar que o retrato da criança morta, nesse século, marcou um momento importante em que não havia uma associação da criança a uma personalidade, e sim, que elas morriam em grande número e assim permaneceu sendo até o fim do século. Foi no século XVII que as crianças, sozinhas, passaram

a surgir em retratos, bem como os retratos de família passaram a se organizar em torno da criança.

Assim, embora as condições demográficas não tenham mudado, no que se refere a mortalidade infantil no fim do século XVI e começo do século XVII, começou-se a despertar uma sensibilidade em reconhecimento da infância. No século XIX, a pintura passou a ser substituída pela fotografia e, nesta época, foi dado continuidade ao lugar do infantil.

Portanto, segundo Ariès (1986) a descoberta da infância se deu no fim do século XIII e sua evolução pode ser acompanhada na história da arte, mas os pontos que sinalizam o desenvolvimento para se pensar a particularidade da infância, passaram a se dar no fim do século XVI para o começo do século XVII. Ou seja, na sociedade tradicional, a criança mal era vista enquanto tal, e muito menos o adolescente.

Viola (2017), seguindo o pensamento antropológico, diz que a adolescência atravessa o tempo e o espaço das sociedades e que, a partir dos discursos que incidem sob ela, passa a ser vista de diversas maneiras, ou seja, transforma-se. Assim, a autora aponta que a noção sobre a adolescência é amplamente discutida por diversos campos do saber e por diferentes discursos, o que implica dizer que não pode ser apontada a ela uma definição fixa, na medida em que ela se produz e atravessa o tempo e o espaço das sociedades, ou seja, a partir de uma época, ela apresenta ressonâncias e dissonâncias particulares. Dessa forma, não estamos diante de um dado imutável, mas, na história da adolescência, o que encontramos são vestígios da figura do adolescente e, dessa forma, revisitar essa noção seria remontar a narrativa das relações sociais e dos mitos que organizam uma época.

Diferentemente da construção levantada por Ariès sobre a história da infância, ou sobre outros temas investigados por outros autores como a loucura, a sexualidade, a escola, a família ou o casamento, por exemplo. Então, essa construção a respeito da adolescência se torna difícil na medida que houve um apagamento de uma história conhecida e estabelecida sobre ela, o que não indica que o adolescente só tenha surgido no século XIX. Portanto, partimos do lugar da construção do conceito social e do aparecimento da figura deste no laço familiar.

Segundo a etimologia da palavra “adolescente”, proveniente do latim *adolescens*, que é sinônimo de “crescer”, supomos que enquanto recorte de um momento da existência humana, esse seria o momento de transição em que há um corpo “crescente”, tanto em seus aspectos morfológicos, como sociais e simbólicos. Essa lacuna temporal, momento de suspensão, é marcado por mecanismos ritualísticos de transição que operam a transmissão de saberes de uma geração à outra.

Viola (2017) aponta que, na sociedade da Grécia Antiga, o sistema de educação e formação ética tinha repercussões na construção sobre o adolescente. Nesse sistema, recorda o autor, os jovens eram submetidos a rigorosas formações físicas e morais para que se tornassem cidadãos “completos”. Nessa educação, os jovens submetiam-se a provações físicas em treinamentos militares severos. Nesse sentido, o pertencimento do jovem à comunidade estava acima dos laços familiares, isso quer dizer que para tornar-se homem era preciso estar pronto para a guerra, para proteger sua cidade e ignorar o medo: não havendo espaço para a singularidade.

Em uma sociedade masculina, nada era investido na transição da mulher para a vida adulta, a qual se passava despercebidamente. Essa ausência indicava às meninas o lugar de determinação cultural, ou seja, se não há uma transição sustentada pela cultura, estas passam a ser associadas ao lugar de seguir o compasso da natureza, acompanhando as mudanças orgânicas que as tornam aptas para procriar (VIOLA, 2017).

Já na sociedade romana, há um dispositivo particular para transmitir uns instrumentos necessários a essa passagem: o pai. A potência paterna ganhou força nessa cultura para que ele decidisse sob a vida e a morte dos seus filhos. Nesse contexto, a condução da vida adulta é chamada *adulescentia* e eram utilizados ritos de passagem obrigatórios que os jovens se submetiam para alcançar um papel social e político (VIOLA, 2017).

Na Idade Média, não se reconhecia a adolescência no cotidiano. As crianças se misturavam aos adultos e tornavam-se homens ou mulheres de forma muito rápida, sem que houvesse uma transição propriamente dita. A aprendizagem era transmitida através dos adultos, e os jovens tinham a figura de aprendizes que observavam e seguiam os ensinamentos, não sendo inseridos completamente na vida comunitária em decorrência das suas condições físicas. Na modernidade, é inserida uma nova noção que traz a questão da sexualidade à tona. É nesse momento que a diferença entre os sexos se coloca na forma de uma irrupção violenta. Desse modo, é de acordo com a visão rousseauiana, que se traz a questão dos conflitos subjetivos e dos arroubos emocionais associados à irrupção da sexualidade. Neste panorama já se tem em vista que se trata de uma outra noção, a qual não parte mais da generalização, mas de um lugar em que se fala da questão subjetiva que atravessa a todos (VIOLA, 2017).

Ao considerar as figuras e papéis sociais da história da vida privada, a adolescência passa a ser vista como “idade crítica”. O que era ignorado nas sociedades tradicionais por volta do século XVII, passa a ser visto, do ponto de vista crítico no século XIX, quando a medicina se apropria da puberdade e direciona um tratamento para seus reajustes, com base na ideia de

que se desperta a sexualidade e a violência nessa fase. Surge assim, a ideia do adolescente criminoso, direcionando a esse período da vida uma patologia própria. Em consequência da nova visão do adolescente, passa-se a tratá-lo com um novo conceito social, dentro do contexto da modernidade, associado ao perigo e àquele que subverte as normas sociais a partir do momento que passa a expressar sua subjetividade, com seus conflitos e afetos.

Viola (2017), ao fazer um levantamento sobre os momentos do adolescente no decorrer dos séculos, afirma que o adolescente é um conceito de tonalidade ocidental, que vai emergindo lentamente dentro das sociedades industriais e consolida-se no decorrer do século XIX, paralelo ao estabelecimento da obrigatoriedade escolar. A sociedade moderna⁵ ocidental, que encontra-se em intensa transformação com os avanços industriais e do capitalismo, experimenta por si só uma crise estrutural com mudanças expressivas nas relações sociais, públicas e privadas. O adolescente localiza-se neste contexto como o resto, extraído das fraturas cada vez mais evidentes dos laços sociais.

A construção de uma época nos apresenta as falhas e as conquistas de um sistema político, social e histórico. Contudo, recai sobre a figura do adolescente o lugar de fracasso, representando aquele que vai pelo lado oposto da tradição. Dessa forma, a figura do adolescente representa a desobediência e a contestação da tradição vigente até então. Esta precisou ser transformada por ser posta como um sistema social caduco, no qual o singular era excluído da lógica, e o corpo de cada um pertencia a outros e, por isso, não se tinha um saber sobre ele e não se tinha espaço de fala. A sexualidade sem amarras e a violência, tidas como características da adolescência, põem em movimento um lugar que subverte a lógica, e é desse outro movimento que nos debruçamos nesse trabalho (VIOLA, 2017).

Com o contexto da globalização na cultura ocidental moderna, o adolescente passou a não vivenciar o espaço de tempo entre a infância e a vida adulta. Essa mudança de posição é sinalizada em várias culturas com os ritos de passagem que, em algumas, é vivenciada com uma única cerimônia, que apresenta, após o rito, a nova posição do sujeito. Em outras sociedades, contudo, esse rito pode ser um processo, com uma sucessão de provações. Entretanto, a intenção do rito é uma: passar de um estado a outro, o que resulta, indiretamente, em alguma perda.

Nas sociedades modernas, pós-modernas e hipermodernas, a sociedade não oferta ritos que conduzam o sujeito a esse processo; não se oferta orientações para existir e se localizar no

⁵ A modernidade tem início no século XVI, no final da Idade Média, mas ganha força e consolida-se com o advento do sistema econômico do capitalismo, inserindo assim, um sistema de pensamento e um modo de vida do século XIX. O apogeu da modernidade culmina na revolução da ciência e da tecnologia no século XX, tornando o mundo globalizado (VIOLA, 2017).

laço social. O que antes era ofertado pelas sociedades “tradicionalis”⁶ era um modelo de passagem que dava ao adolescente um *status* e um reconhecimento social. Em muitos casos, esses ritos se davam com provações físicas dolorosas e marcas no corpo, e a função da dor física e da marca na pele se dá para representar a mudança de identidade. Esse simbolismo acaba por trazer o pertencimento do corpo do jovem ao corpo coletivo, à comunidade (VIOLA, 2017).

A autolesão, portanto, era utilizada enquanto rito de passagem com relação a um grupo, ou seja, como uma forma de inserção. Na atualidade, parece haver uma outra relação com a autolesão, que está mais localizada no lugar do sofrimento psíquico e na relação do sujeito com seu corpo. Isso nos indica uma modificação nos laços sociais, como já nos propõe Freud (1930 [1929]), afirmando sobre um desajuste diante do que se apresenta como novo na cultura, nos avanços da ciência e da tecnologia, bem como no apogeu da civilização que, em certa medida, sustenta-se sobre o sofrimento.

A história nos situa a dinâmica dos atos adolescentes a partir da modernidade como uma resposta ao não funcionamento de algo, localizando-se no lugar da denúncia de algo que está posto. O corpo é como um vetor semântico, no qual a relação com o mundo é construída, e produz cerimoniais dos ritos de interação, conjunto de gestos, produção de jogos sutis da sedução, técnicas do corpo, exercícios físicos, relação com a dor, com o sofrimento, como nos pontua Le Breton (2007). O autor continua dizendo que a existência é corporal, por isso a relação do homem com o mundo é vivida pelas lógicas sociais e culturais que atravessam esse corpo. Desse modo, é no corpo que nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva, e é na adolescência que o processo de socialização da experiência corporal é uma constante da condição social do homem.

O adolescente moderno passa a tentar dar conta, à sua maneira, do encontro com o real do sexo e da morte, buscando saídas possíveis para seu processo de transição, já que a civilização não oferece alicerces simbólicos para que o sujeito tente se haver com tais questões. E, assim, encontra-se muito mais chances de uma relação com seus grupos, em parcerias identificatórias os quais passam a produzir sintomas semelhantes e traços em comum. Diante disso, Lacadée (2017, p.) se questiona: “De que os adolescentes sofrem, hoje?”. E o que podemos apreender desses sintomas? É necessário investigar o que os leva aos atos, mesmo sabendo dos riscos que tais atos têm sob suas vidas.

⁶ Sociedade tradicional é um termo de Le Breton para dizer das sociedades primitivas (Le Breton citado em Viola 2017)

Assim, reparamos que, de acordo com o momento histórico, o sujeito adolescente teve diversas formas de ser nomeado e construído, e que o mesmo passou por inúmeras modificações as quais trazem a visão social sobre esse grupo em cada época. Talvez por isso não possamos pensar em um conceito sobre a adolescência, visto que este é mutável e em trânsito. Alberti (2009) propõe que esse conceito trata-se muito mais de um mecanismo de desconstrução do que de uma construção de um saber sobre a adolescência. E, portanto, o psicanalista não saberá o que é melhor para o adolescente e sim, partindo do lugar de escuta, poderá ver as possibilidades de cada um com o encontro com o real do sexo e da morte – sempre faltoso – e da responsabilidade dos seus atos.

Miller (2015) tem essa mesma visão ao dizer que a adolescência é controversa por ser possível tomar vários olhares sob ela. Mas, em resumo, podemos situar a adolescência enquanto uma construção do sujeito frente a algo que se apresenta como novo para ele. Posto isso, sobre o adolescente apenas podemos desconstruir nossos saberes para, enfim, escutá-los em sua singularidade, e, assim, ofertarmos uma construção possível.

3.2 Sobre a adolescência: o que a psicanálise tem a dizer?

Freud e Lacan não chegaram a definir o termo adolescência. Contudo, ao fazer suas colocações sobre a puberdade, sinalizavam uma visão semelhante a que se tem nesse momento. Além disso, foi no mesmo momento histórico que se investigava e construía a noção da adolescência que surgia a psicanálise. Portanto, a psicanálise interessa-se pela adolescência, apesar de não citar o termo propriamente dito. Freud (1905), nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, refere-se à puberdade como sendo um dos tempos que marcam os processos referentes à sexualidade, postulando que na infância a libido se dirige a um circuito voltado ao autoerotismo, enquanto que na puberdade as transformações referentes à sexualidade levariam o sujeito a construir o objeto sexual de modo definitivo. Na infância, a pulsão sexual seria exclusivamente autoerótica e na puberdade, encontraria o objeto sexual.

O novo alvo sexual confere aos dois sexos funções completamente diferentes. Assim, o desenvolvimento sexual passa a discrepar bastante. É na puberdade que se estabelece a diferenciação entre os sexos e, a partir dela, há uma influência definitiva sobre a configuração da vida humana. Para Freud (1905), o direcionamento nesse período do desenvolvimento se dá para o encontro com o sexual e isto não acontece sem um sentimento de tensão, ou de desprazer. O autor continua trazendo a noção que existe uma pressão para modificar a situação psíquica, o que se dá de forma estranha ao sujeito, na medida que esbarra no prazer e no desprazer sentido. Na sua hipótese frente a questão da puberdade, ele afirma que na neurose as perturbações

sexuais mostram semelhança com a clínica das intoxicações e de abstinência do uso de substâncias tóxicas produtoras de prazer, constatando a hipótese da construção da dualidade de sentimentos que as questões da sexualidade apresentam nesse período, estando ora relacionadas ao desprazer, e ora relacionadas ao prazer.

Freud (1905), no mesmo ensaio, diz que as fantasias infantis retornam não mais do lugar da representação, e o fazem com o objetivo de concretizar-se, agora reforçadas pela permanência somática, ou seja, passa a se dar no corpo. O desligamento da autoridade dos pais, de forma opositiva a eles, faz o jovem buscar elementos na cultura, o que demarca um importante movimento que difere do infantil. O que se localiza neste ponto é que a visão de Freud não deve ser posta de maneira restritiva, já que essa nova posição acontece no mundo e no laço social.

O termo puberdade na verdade trata-se de algo distinto do termo adolescência, por isso não podem ser vistos como sinônimos. Porém, no contexto da construção freudiana, em que o paradigma da adolescência estava se consolidando, o mesmo não se referiu a questão da adolescência em si. Deste modo, a puberdade refere-se a algo da maturação sexual que se dá para todos, ou seja, é universal e incide na imagem corporal do sujeito. Por outro lado, a adolescência diz respeito à forma como o sujeito se endereça ao Outro e se reposiciona no laço social. O enlace da puberdade com a adolescência direciona para um fenômeno que se inscreve tanto pela via do embaraço com a imagem corporal, como no laço com o outro (VIOLA, 2017).

Freud produziu sua contribuição a respeito do momento psicosexual do adolescente a partir da sua construção referente à puberdade, que pôde encontrar nesse recorte de tempo um momento para viabilizar o acesso à vida adulta. A teoria freudiana recorta a importância de uma desvinculação dos pais para ingressar na comunidade social.

Freud (1930) avança em sua teoria, e já em o “Mal-estar na civilização”, ele produz a dualidade na qual o sujeito se encontra diante do que é interno (pertence ao Eu) e o que é externo (pertence ao mundo), instaurando o princípio da realidade. Essa dualidade torna-se uma busca para estabelecer uma defesa das sensações desprazerosas que vêm do seu interior. O princípio do prazer vem a buscar um lugar de harmonia, mas esbarra com o mundo interno, fazendo com que haja apenas satisfações repentinas de necessidades represadas. O autor então acrescenta que o sofrimento ameaça a partir de três lados: do próprio corpo, do mundo externo e, por fim, das relações com outros seres humanos. O que pode ser acrescentado é que existem fontes de sofrimento que Freud intui que estejam ligadas à fragilidade do corpo, à prepotência da natureza

e à insuficiência das normas que regulam os vínculos humanos na família, no Estado e na sociedade.

Freud (1930) ainda nos adverte que a busca pelo prazer permanece acontecendo durante toda vida, e esta pode ser buscada em vários movimentos: a satisfação irrestrita, o isolamento/distanciamento, as drogas, a religião, o trabalho psíquico e intelectual, a arte, o amor e a beleza.

Logo, é preciso estar atento ao movimento que o sujeito irá se deparar na dualidade do mundo externo e interno dentro da sua construção psíquica, e que o mesmo é atravessado por sofrimentos que refletem em uma relação destes com seu corpo e com o laço social. Portanto, essa questão nos parece remeter ao que se inaugura na adolescência a partir do momento diante do qual há um posicionamento que difere do infantil, mas que também não é adulto. O adolescente se vê diante das dualidades que a inserção no mundo adulto exige, e como passar de um momento ao outro (infantil-adulto) que não seja por um processo de rito, ou seja, como os jovens hoje estão fazendo essa travessia.

Lacan (2001) faz o prefácio do despertar da primavera, uma peça de *Wedekind*, que conta a história de adolescentes com um impasse frente ao sexual e à mortalidade. Na história da peça há vários elementos interessantes, como o fato dos adolescentes sonharem a respeito do sexo para enfim, arriscarem falar a respeito e ir em busca dele, o que Lacan situa como o véu que antecipa o ato sexual. Ele então pontua que para todos há um mal entendido no encontro com o sexual onde ninguém poderia escapar ileso, e é justamente no momento da adolescência que algo desse véu se desmascara. Lacan (2001, p. 562) então coloca: “apontei a ligação de tudo isso com o mistério da linguagem e com o fato de que ao propor o enigma que se encontra a sentido do sentido, o sentido do sentido está em que ele se liga ao gozo do menino como proibido”.

Além desse encontro com o sexual, um dos personagens tem um diálogo com um mascarado, que passa a ser uma cena central na peça.

Nessa cena Melchior - um adolescente de 14 anos - encontra-se no cemitério, depois de ter fugido de um reformatório, para onde havia sido mandado em função da gravidez da garota com quem tinha se iniciado no exercício sexual. A garota morre fazendo um aborto. Na cena do cemitério surge a figura de um homem mascarado, “o Senhor Disfarçado”. Ele entra na cena para salvar Melchior, que estava caindo na conversa do fantasma de seu amigo Moritz, que se suicidara. Melchior se encontra no cemitério com o fantasma desse amigo que tenta, de todas as formas, seduzi-lo para que ele o acompanhe. Promete todas as facilidades, mostrando as vantagens de estar morto. Coloca-se acima do bem e do mal, acima da dor, acima do sofrimento. Melchior está por ceder, porque não tem onde se amparar. “O Senhor Disfarçado” afasta o fantasma e se propõe a enviar Melchior para a casa de seus pais. Melchior lhe

pergunta: “quem é o senhor? O senhor é... o meu pai?” O Senhor Disfarçado pede-lhe confiança e não lhe diz quem é. Nega, no entanto, que fosse seu pai, porque se o fosse, Melchior teria reconhecido sua voz. (COSTA E POLI, 2010, p. 144).

É interessante indicar que, apesar da peça ser construída em um momento distante, as questões que parecem circunscrever a adolescência são as mesmas. Isso não retira a singularidade de como cada um enfrentará as suas questões sobre o sexo e sobre a morte. Costa e Poli (2010) sinalizam que cedo ou tarde os sujeitos enfrentarão esses desafios e são eles que marcam, para as autoras, a passagem adolescente.

Lacan (2010) sugere que o autor da peça se utiliza desse embaraço entre vários sujeitos adolescentes para que um personagem possa construir sua ficção, seu nome próprio. E então, diante dos nomes do pai existe o mascarado, que quer dizer: “o pai tem tantos e tantos que não há Um que lhe convenha, a não ser o Nome do Nome do Nome. Nome que seja seu Nome-Próprio, a não ser o Nome como Ex-sistência. Ou seja, a aparência por excelência” (LACAN, 2010, p. 559). Vemos, portanto, o sujeito que se serve de “nomes” para construir sua “existência”, diante daquilo que lhe é mascarado enquanto tal. E porque essa construção se dá justamente nesse recorte de tempo da adolescência em que se recorre aos Nomes para dizer de um lugar que precisa advir.

Logo, é percebemos que nesse momento o sujeito precisa recorrer a um nome, que procura no laço social para que o seu nome próprio possa advir. Sabendo que a busca no social não se separa desse encontro do sujeito com os enlaces e desenlaces da cultura, a questão sobre os sofrimentos dos jovens hoje, nos possibilita pensar que, o que se coloca enquanto sofrimento tem a ver com a história familiar e cultural e da forma como são inseridos nestas. O que nos antecipa que o problemático, que vem na forma de sintoma para o adolescente, é se houver o desencontro com o Outro nesse momento de transição.

Desse modo, tomar a adolescência como uma resposta sintomática quer dizer que cada um vai sobreviver e vai construir um saber fazer frente às modificações que se produzem com o corpo e com o laço. Constatamos, nesse panorama, que inúmeros são os sintomas que dizem uma resposta ao desencontro tanto com o corpo como com o laço: transtornos alimentares, autolesões, violência escolar, exclusão social, sensação de solidão, ausência de vínculo com a figura paterna. O que se identificou nessas jovens é justamente uma desorientação, marcada por uma angústia que nos conduziu ao questionamento: se o processo da adolescência sempre foi vivido como um momento de crise, e se as transformações de uma época possibilitariam encontrar novas formas de atravessar esse momento (LACADÉE, 2017).

A queda do saber transmitido pelo Outro, ou seja, a falta de ofertas que nas sociedades tradicionais eram localizadas pelo social para que o adolescente pudesse passar de uma fase a outra, culmina em um descrédito da palavra, em que a história se reduz à sensação imediata, ao ato. Desse modo, não há um ponto de referência para o qual o sujeito possa partir em busca dessa construção da sua identidade. Pelo contrário, predomina o gozo solitário que se rege pelos objetos *gadget* que oferecem uma solução. Devido a isso, torna-se mais possível uma busca pelas redes “sociais” que localizem um encontro possível com o outro. Portanto, questionamos: com a carência de uma bússola que consequências podem ser direcionadas para pôr à prova o momento de se haver com seu corpo e com o outro? (LACADÉE, 2017).

Ao vir ao mundo, para a psicanálise, o sujeito é atravessado por um Outro. O bebê humano necessita de um Outro que lhe dê instrumentos necessários para que ele possa sobreviver. E, portanto, é preciso que ele insira o bebê em algum lugar no seu desejo para que seja possível se localizar enquanto sujeito. E, se inicialmente depende-se totalmente do Outro para que se possa ter uma experiência de corpo e se inserir nas regras da vida, por outro lado, há um segundo momento, que permanece sendo atravessado pelo discurso do Outro, mas que o sujeito passa a experimentar seu corpo de outro lugar. Esse corpo é construído a partir da palavra e da presença deste que está lá para lhe oferecer o desejo fundamental que o atravessa através da voz e do olhar.

O sujeito moderno, segundo Lacadée (2017), se vê sem balizas para construir seu corpo, sendo ele mesmo o responsável para decifrar sua história, sem o apoio simbólico que existia em outros momentos, e assim, encontram-lo cada vez mais solitário em seu destino. Do lado do adolescente, resta muito mais a transmissão de saberes e sensações imediatas que dizem de uma tentativa de saber o que fazer com tudo que lhe é novo. Desse modo, os atos ganham destaque e entram em cena, de modo que, os adolescentes buscam subsídios – através desses atos – muito mais do que através da palavra para se localizar no mundo.

3.3 Adolescência e corpo

O corpo tem uma dimensão complexa, tendo em vista tanto o parâmetro anatômico como a forma que ele é atravessado pela linguagem. Douville (2008) refere justamente que o corpo não é suficiente para o corpo, ou seja, este ganha uma dimensão tão complexa que o seu limite simbólico torna difícil relativizar sua origem. Por isso o autor declara que o corpo sofre com o eco da linguagem que incide sobre ele nos diferentes tempos e momentos da vida.

O autor aponta que no momento da adolescência, há uma produção de substâncias no mundo real que são da ordem de uma irrupção: sangue menstrual e ejaculação, por exemplo, e

que em certa medida produz um vazio, uma ansiedade de despersonalização, na medida que essas substâncias são algo estranho e novo para o adolescente. A reunião da matéria-prima do corpo com sua substância leva o autor a questionar: “qual é o corpo nesse momento?” Não se referindo a uma cena, mas representando-se em uma. O autor avança, comentando que o sujeito recorre a atos que possibilitem escrever um eu nesse corpo, como por exemplo os *piercings* e as tatuagens. Porém, não podemos considerar que são apenas estas as saídas como atos de escrever um corpo, sendo tentador, mas limitador reduzir a adolescência a um drama da carne.

Portanto, qual o corpo para a adolescência? No sentido estrutural, o corpo abarca o nascimento de significados e atribuições simbólicas da turbulência pubertária corporal. Nesse momento, a antropologia entra em cena porque se sabe que hoje a fabricação do corpo humano envolve ataques, marcações, atribuições e referências. Toca, dessa forma, os momentos decisivos das despersonalizações do singular e do coletivo na apropriação do corpóreo. O corpo é colocado no tempo e no gesto, e a adolescência sabe disso. (DOUVILLE, 2008).

Le Breton (2002) afirma que viver significa reduzir continuamente o mundo ao corpo em uma relação que encarna o simbólico. E cada sociedade se esforçou para encontrar respostas sobre os seus corpos. Cada sociedade se esforça na tentativa de compreender o mundo e esboçar um saber singular sobre o corpo.

Foi a partir da relação do sujeito com seu corpo que Freud deu início aos seus estudos, percebendo que os sintomas corporais das histéricas não encontravam bases orgânicas alcançáveis pela medicina da época. Ele passa a utilizar um dispositivo não orgânico para investigar o sentido dos sintomas - a palavra-, ao desenvolver a técnica da associação livre que visou trazer o sintoma corporal para o campo da linguagem. Portanto, Freud apostou que o corpo tivesse uma relação com algo que escapava da noção biologicista.

Freud (1905), em “Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, quando fala sobre a sexualidade infantil como autoerótica, destaca os orifícios do corpo como erogenezados, sem haver necessidade de participação do outro. Ao permanecer construindo sua teoria, ele passa a conceber o corpo como unificado, ou seja, sua integralidade é erógena, havendo nesse momento, a passagem do corpo infantil para o narcísico (LORENA, 2016). Na concepção freudiana, a pulsão habita o corpo e aponta desdobramentos precisos, sendo vista como o elo entre o corpo e o psíquico. Ele parece inaugurar uma articulação entre a sexualidade, o inconsciente e a linguagem. A pulsão seria, justamente, aquilo que não cessaria sua ação na tentativa de encontrar a satisfação (que é inalcançável).

Portanto, Araújo et al (2016), explicando sobre a noção de corpo em Freud, propõem que o corpo possui fontes de estímulos pulsionais que exercem efeito na exterioridade, produzindo assim um estranhamento no eu. Deste modo, podemos compreender a função estrutural e organizadora que o corpo possui na concepção psicanalítica.

Lacan (1998), em “O Estádio do espelho como formador da função do Eu”, refere-se ao corpo como uma imagem que organiza o Eu sob a desorganização corporal do *infans*, simultaneamente mostrando os significantes advindos do Outro. Já na metade do seu ensino, ele se refere ao corpo como um conjunto de bordas pulsantes, bem como um vazio essencial. Em seguida, apresenta o gozo do corpo como aquele que simboliza o Outro. Nos seus últimos seminários, o corpo aparece como insistência de gozo, sendo menos uma organização estabelecida pela linguagem, e mais um acontecimento contingente, acontecimento de corpo (ZUCCHI, 2014).

Então, ele deixa de ser só imagem dos significantes ou das bordas pulsionais, ou seja, corpo vivo que encarna o significante e assim é gozado, retornando ao corpo no seu ponto de juntura essencial com a linguagem. Para isso, é preciso compreender que a relação do falante com seu corpo não é uma relação ontológica, mas sim de propriedade. Posto de outro modo: o ser falante não é o seu corpo, ele o possui, o tem; diferente da relação do animal com seu corpo, porque o falante dá significação. A única forma em que o sujeito se identifica a esse corpo, portanto, é pela via do sintoma, que é aquele que dá corpo ao ser falante. Nada mais familiar e mais estranho, então, do que a experiência do próprio corpo, sua natureza de imagem, de significante e de substância gozante (ZUCCHI, 2014).

Portanto, Lacan (1972-1973[1985], p. 35) traz: “Propriedade do corpo vivo, sem dúvida, mas nós não sabemos o que é estar vivo, senão apenas isto, que um corpo isso se goza, que a única coisa que se pode saber do corpo é que se goza”. Partindo desse pressuposto e das noções de feminino e de adolescência, é perceptível que os três temas circulam pelo viés do gozo e, portanto, parecem adentrar em pontos que são enigmáticos por não existirem palavras que sejam possíveis dizer sobre estes.

Compreendemos que esse corpo sinaliza para um movimento de gozo, no qual direciona os atos e faz apelo à repetição. Esse elemento surge como algo inacessível ao sujeito humano, que escapa a sua compreensão e que, pelo que indica os adolescentes, escancara que o corpo não é apenas orgânico. Sabendo disso, tudo que se coloca como inacessível às teorias que parece surgir nos acontecimentos de corpo para as adolescentes. Portanto, buscamos levar em consideração de que lugar o corpo responde, principalmente naquilo que emerge nas

adolescentes meninas, entendendo que esse enigma do corpo também é encarado com sua localização do tornar-se mulher.

4 SABERES E ABISMOS DO FEMININO NA ADOLESCÊNCIA

O tornar-se mulher surge com inúmeras questões sobre o que fazer com o seu próprio corpo. É nesse momento que as situações vivenciadas ganham intensidade e escapam do campo da palavra. O próprio corpo feminino, que está em transformação com dores e sangramento, atualiza a possibilidade de suportar a dor. Na experiência de escuta e nos grupos do *facebook* algo sobressai desse feminino que parece ultrapassar o campo da palavra. Os números revelam que são as meninas que mais recorrem ao ato da escarificação e, por causa disso, questionamos, por que elas?

Sabe-se que na psicanálise o lugar de investigação do feminino teve seu início com os estudos freudianos sobre as histéricas, bem como esse tema continuou sendo ponto de investigação teórica depois dele. Bassols (2017) apresenta que as paralisias histéricas são o primeiro mapa com fronteiras que se tenta saber sobre o gozo feminino. O que se chama de somatização histórica segue, com frequência, segundo o autor, apresentando ressonâncias específicas de acordo com o modismo de cada época. Para ele, é necessário estabelecer os sintomas que desenham fronteiras no corpo feminino; contudo, o problema é que o feminino não tem fronteiras. Portanto, a aparição desses sintomas tenta, justamente, escrever as fronteiras no corpo sobre o gozo feminino.

Pensando nisso, Bassols (2017) esclarece que algo do feminino se torna indecifrável e o sintoma emerge como tentativa de encontrar uma possibilidade de diálogo com esse corpo, uma forma de escrita. As escarificações se sobressaem nas meninas enquanto possibilidade de inscrever fronteiras. Por isso, para nós, por ora, o ato de se escarificar é do horror e, por ora, é do gozo.

Na experiência do grupo terapêutico de adolescentes que se autolesavam, foi notória a escarificação como um elemento que ultrapassa a ordem da dor. Isso foi percebido com a chegada de meninos no grupo, que também estavam passando por conflitos advindos da puberdade e da adolescência e precisavam de um espaço de fala. Com a participação deles no grupo, vieram à tona alguns depoimentos que chamaram a atenção, principalmente quando eles perguntavam às meninas sobre as dores do ato de se cortar, ou quando relatavam que já haviam tentado se lesar mas não haviam conseguido. Por outro lado, por parte das meninas o ato era referido como uma relação viciosa, de modo que as dores psicológicas penalizavam mais do que os cortes na pele.

Tendo em vista isso, podemos questionar: por que do lado feminino é possível suportar a dor no corpo? De que forma podemos associar o que se passa com essas adolescentes ao que foi discutido na teoria freud-lacanianiana acerca do feminino?

4.1 O enigmático do feminino para Freud

Freud norteia sua construção a respeito do feminino quando está teorizando sobre o complexo de Édipo. Nesse momento, ele percebe que há uma diferenciação nas construções psíquicas para o menino e para a menina. Em seu artigo sobre as consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos, Freud (1925) nos pontua que algo difere para a percepção do órgão sexual. Apesar de bastante organicista, talvez este artigo trate, justamente, das consequências psíquicas diante da percepção da diferença sexual, que torna possível esse incômodo, em que ele se interroga a respeito da diferença anatômica, e essa questão se dá com a inserção do sujeito na linguagem.

Assim, no referido artigo, ele aponta que as meninas têm “um trabalho a mais” no complexo de Édipo, pois este se trata de uma mudança de objeto. Nesse momento, ele esclarece que a menina se depara com o outro sexo, ou seja, com um colega, um irmão ou brinquedo que demarca essa diferença, e identifica o pênis como correspondente superior do seu órgão e sente inveja desse órgão: “Ela o viu, sabe que não o tem e quer tê-lo” (FREUD, 1925, p. 285). O autor explica que é um momento crucial em que a menina precisa ultrapassar o fato de ser castrada para não ficar presa e nem se comportar como um homem. Já o fato haver com a castração a promoção de uma ferida narcísica na menina e também um afrouxamento da relação afetiva dela com o objeto materno.

Freud (1925) demarca que a saída possível do complexo de Édipo na menina é, justamente, abandonar o desejo do pênis e colocar no lugar deste, o desejo de um filho, tomando o pai como objeto de amor. É desta forma que o autor consegue explicar a transição que acontece do processo da menina enquanto medida de se haver com a distinção anatômica entre os sexos. Obviamente, essa noção, em partes, precisa ser reformulada ou ampliada, tendo em vista as fortes críticas a respeito tanto da elaboração de apenas um caminho enquanto saída para a construção da posição feminina, quanto de uma forte exaltação da masculinidade enquanto ativa e detentora de um elemento que possa provocar inveja na mulher. Acrescenta-se, desta forma, que há diversas possibilidades para o feminino, inclusive, ultrapassar o que se tangencia como inveja do pênis, para tratar de uma outra lógica que prescindir tal fato e que, por isso mesmo, torna-se obscura na sua compreensão.

Em seu texto sobre a sexualidade feminina, Freud (1931) avança nas descobertas sobre as consequências das diferenças anatômicas entre os sexos e dá nova ênfase à intensidade e à longa duração da ligação pré-edípica que há entre a menina e a mãe. Freud (1931, p. 239) expõe: “Com a menina é diferente. Também seu primeiro objeto foi a mãe. Como encontra então o caminho para o pai? Como, quando e por que se desliga da mãe?”. Ele pontua, justamente, que há muito tempo percebeu que o desenvolvimento da sexualidade feminina é complicado pelo fato desta precisar abandonar sua primeira zona genital, o clitóris, e se direcionar à outra: a vagina. Além dessa primeira escolha, há ainda uma outra que se trata da troca do objeto original, que seria a mãe, pelo pai. Nesse momento, estabelece-se uma conflituosa relação com a mãe e o amor ao pai. Contudo, Freud ainda repara que há casos em que as mulheres permanecem detidas à mãe, e que por isso, deve haver uma relação com um momento preliminar, a fase pré-edípica, que se dá de forma importante para todas.

Freud parte do pressuposto de que há um momento que antecede o complexo de Édipo, no qual há um investimento libidinal ativo e intenso de fantasias masturbatórias à mãe, que é seu objeto primordial, como nos pontua Queiroz, Siqueira e Nóbrega (2017). Faz-se necessário, portanto, uma interdição que ressurgiu com um ressentimento voltado à mãe, o que inaugura um segundo momento na construção da sexualidade feminina. Esta fase, nomeada por Freud como o negativo do Édipo, é o momento em que a menina direciona à mãe toda forma de depreciação, deslocando-se para o sexo oposto, mas não completamente. Há, ainda, um terceiro tempo, em que Freud nomeia como o “positivo” do Édipo, no qual a menina se volta ao pai, troca seu objeto e altera sua economia libidinal assumindo uma posição objetual passiva para ser amada. Essa concepção aponta o feminino enquanto reivindicação fálica; isso porque, se para o menino surge o temor de ser castrado, para a menina persiste a reivindicação por ter sido castrada.

Segundo Bassols (2017), esse elemento se caracteriza por uma desautorização de ser um outro lado da posição fálica. Assim, deste outro lado, algo fica obscuro, sendo nomeado por Freud como um continente negro, um enigma indecifrável, uma incógnita. Por ser um lado que se coloca como obscuro, resta-nos a impossibilidade de compreensão por parecer ser inalcançável.

Queiroz, Siqueira e Nóbrega (2017), ao discutir sobre a sexualidade feminina, apontam, justamente, a limitação do complexo de Édipo para alcançar o enigma da marca do feminino, assinalando, também, que seria um equívoco tratar a questão do feminino pela via edípica, quando o fundamental se localiza no momento pré-edípico, ou seja, o fato da menina precisar

passar por uma perda e uma transição. Isso gera um ressentimento que fica impregnado na relação dela com a mãe, de forma que, a menina nunca abandona o lado ativo original da masturbação.

Justamente por ultrapassar a questão do complexo de Édipo, percebemos que o feminino escapa à noção fálica, ou seja, Freud (1924) assinala que há algo obscuro no feminino que surge na sua discussão a respeito do masoquismo, equiparando-o à posição feminina por se tratar de uma posição de castração, ou seja, uma visão negativa da fantasia. Ele completa que o masoquismo feminino está ligado ao masoquismo primário, erógeno, havendo o prazer com o sofrimento. Essa apresentação já nos possibilita pensar algo sobre um traço que marca o feminino e que o difere da posição masculina, aproximando-nos da questão da escarificação nas meninas.

Freud (1924), em “O problema econômico do masoquismo”, retoma a configuração do masoquismo sob outra ótica. Fala-se em retomar, porque este termo já havia sido discutido em outros momentos de sua obra, como em “Os três ensaios da teoria da sexualidade” (1905) e “Os instintos e suas vicissitudes” (1915). Nesses dois primeiros momentos, Freud associa o masoquismo a uma situação de sadismo anterior, pois, para ele, não há justificativa para um masoquismo primário. Contudo, em “Além do princípio do prazer” (1920), ele introduz a noção de pulsão de morte e, com isso, refere-se à possibilidade de existir um masoquismo primário.

A par da noção de pulsão de morte, Freud (1924) afirma que se estivermos associando a lógica do princípio do prazer, a evitação do sofrimento e à busca do bem-estar, torna-se incompreensível o fato de determinadas pessoas estarem inseridas em um sofrimento sem escapatória. Assim, ele reconhece que o princípio do prazer funcionaria como guardião da vida psíquica e de todo o organismo. Já o masoquista, estaria imerso em uma lógica inversa, ligada à pulsão de morte.

Apreendemos que, nesse momento, o autor elabora a noção do masoquismo a serviço das pulsões de morte, cujo objetivo é conduzir a inquietação da vida para estabilidade do estado inorgânico e a função fornece advertências contra as exigências das pulsões de vida. Para isso, o masoquismo, segundo ele, pode se dar de três formas: a primeira, ligado à excitação sexual; a segunda, como natureza feminina; e a terceira, como norma do comportamento. Destacamos, portanto, que essa discussão sobre masoquismo, coloca a natureza feminina como um elemento importante para pensar a respeito do movimento dos sujeitos localizados nessa posição, que parece ser avesso e ultrapassar as leis da linguagem e entrar em um outro campo.

Na conferência XXXIII das Novas conferências introdutórias sobre psicanálise (FREUD, 1932-1933), há uma visão mais ampliada sobre o feminino, voltando a tratar do masoquismo feminino. Nessa conferência, ele salienta o papel da castração e nos apresenta uma noção da bissexualidade na vida mental, muito mais do que na vida anatômica. Dessa forma, ele traz: “Assim, dizemos que uma pessoa, seja homem ou mulher, se comporta de modo masculino numa situação e de modo feminino, em outra” (FREUD, 1932-1933, p.115), não os reduzindo ao estigma do masculino-ativo e feminino-passivo, mas, sim, apontando que há situações em que a mulher assume uma posição ativa. Isto desvincula a mulher do que lhe é imposto socialmente, sobre uma situação passiva.

Em seguida, Freud (1932-1933) nos evidencia que o lugar posto à mulher de acordo com o que lhe propõe a visão social sobre está vinculado a poderosos impulsos masoquistas, os quais a ligam a tendências destrutivas que foram desviadas para dentro de si. Freud (1932-1933, p. 177) acrescenta: “Assim o masoquismo é verdadeiramente feminino”, e completa que quando este surge nos homens, eles estão mostrando traços femininos evidentes.

É nesse ponto que Freud formula que a psicologia é incapaz de solucionar o enigma do feminino e que a psicanálise não tenta descrever o que é a mulher, porque esta é uma tarefa difícil de cumprir, mas se empenha em indagar como se forma uma mulher, como ela se desenvolve a uma disposição bissexual. Assim, o desenvolvimento sexual da mulher segue duas expectativas: uma que se refere à constituição de não se adaptar sem luta; e a segunda que os pontos decisivos e críticos são inseridos antes da puberdade. Antes da puberdade, portanto, a menina realiza a troca de objeto materno pelo paterno, e Freud avança apontando as causas que justificam essa troca de objeto: a primeira se trata da insuficiência do leite materno, o que a criança interpreta como sendo falta de amor da mãe; a segunda, com o desmame, na medida em que ela relaciona a este uma frustração sem precedentes; a terceira, quando a mãe tem um outro filho, e a criança nova necessita do leite que antes era seu; e, por fim, no período fálico, a mãe proíbe a masturbação com ameaças severas. Todo esse contexto faz com que a menina se afaste da mãe, em resposta a essa desavença presente nos momentos cruciais da sexualidade infantil.

Essa contextualização, bem como a construção minuciosa da descrição da troca de objeto, nos explica Freud, trata-se da pré-história da mulher, e pontua que o enigma da mulher pode, estar relacionado a essa expressão da bissexualidade. Por fim, Freud elabora que a construção a respeito da feminilidade, certamente, encontra-se incompleta e fragmentada, mas afirma que fez uma tentativa de descrever as mulheres na medida da determinação da função sexual delas, vendo essa função de forma ampliada. Por fim, ele acrescenta (FREUD, 1932-

1933, p. 134): “Se desejarem saber mais a respeito da feminilidade, indaguem da própria experiência de vida dos senhores, ou consultem os poetas ou aguardem até que a ciência possa dar-lhes informações mais profundas e coerentes”.

Desta forma, Bassols (2017) refere que ao final do seu ensino Freud permanece sem uma resposta para a questão do desejo feminino, permanecendo como um impasse. De certa maneira sabemos que constituir a feminilidade ultrapassa o alcance anatômico e adentra em um campo desconhecido.

4.2 O feminino em Lacan: a singularidade do gozo

Se Freud deixa em aberto a questão do feminino, Lacan, por sua vez, busca aprofundar as discussões a respeito da sexualidade feminina. Miller (1971), como citado em Lacan (1901/1981), afirma que não se pode limitar o ser homem ou o ser mulher à perspectiva biológica, mas, ao mesmo tempo, não se pode deixar esse campo aberto apenas para a poesia, para o romance ou para as ideologias. O autor, então, propõe que Lacan busca fornecer uma certa lógica ao feminino, discutindo o que escapa e o que torna impossível de ser universalizado.

Bassols (2017) afirma que o feminino se situa em um espaço singular. Ele nomeia “entre o centro e ausência”, justificando que há um paradoxo: se há centro, não se pode falar de borda, e se falamos de borda, não há centro. Ele, então, declara que poderíamos equiparar o feminino a uma esfera infinita, cujo centro estaria em todas as partes. Essa também é a localização que cientistas associam ao universo, um espaço sem bordas, ou que se há bordas não há limite, fronteira precisa. Ou seja, o limite poderia ser colocado aqui como um empuxo ao infinito.

O corpo falante possibilita ao sujeito vivenciar uma dimensão de borda sem limite e é por esse caminho que desdobramos que o feminino pode escapar à linguagem, isto é, aquilo que pode vir a ser uma borda. Por isso mesmo não é possível admitir o plural, visto que aquilo que escapa da borda não pode ser localizado como igual para todos.

Partimos, então, para o caminho de Lacan a respeito do feminino. Pode-se entrever que o percurso lacaniano foi feito em dois momentos. Se no primeiro momento ele revisita a lógica freudiana sobre o feminino enquanto uma terra desconhecida, ou seja, como bússola do objeto; no segundo, ele faz referência a essa posição como uma tentativa de nomear o gozo do corpo, que não cessa de não se inscrever (BASSOLS, 2017).

Nesse sentido, a discussão lacaniana (1958), inicialmente, buscou levantar fatos precisos sobre o que o mesmo achou obscuro até a sua época a respeito da sexualidade feminina. Ele, então, adentra no elemento da bissexualidade, direcionando sua atenção à oposição entre a duplicidade anatômica e, posteriormente, às escolhas tomadas a partir das identificações. Ele

esclarece que a oposição entre o gozo clitoriano e a satisfação vaginal remete a uma inquietação, senão, uma reivindicação dos sujeitos. É nesse elemento primordial presente na discussão freudiana (acerca da escolha objetal do feminino, que tem sua duplicidade não apenas anatômica, mas também nas escolhas posteriores) que Lacan (1958) adentra no terreno freudiano afirmando que é um momento estrutural. Posto de outro modo, o autor reitera que a relação de privação que precisa ser simbolizada se estabelece como uma derivação gerada por uma frustração que tem consequências no campo da demanda, ou seja, como ele apresenta: “o campo do desejo precipita seus novos objetos” (LACAN, 1958, p. 739).

Em seguida, ele aborda um elemento importante no que tange à posição feminina. O autor refere que, ao promover uma pulsão parcial, seja ela pré-genital ou não, surge o problema do masoquismo feminino. O que não pode ser tomado como sinônimo de uma passividade e, sim, algo que exerce uma função castradora, devoradora de uma certa atividade feminina. Esse pensamento nos evoca o descolamento do modelo binário masculino/ativo e feminino/passivo, o que possibilita construir que a mulher não está apenas como objeto de fetiche para o homem, ou seja, ela espera algo para além disso.

Levando isso tudo em consideração, é possível circunscrever a mulher numa posição de escolha, (“ou isso ou aquilo”), entre uma pura ausência ou uma pura sensibilidade. Há efeitos precisos no narcisismo do desejo ao se agarrar ao narcisismo do ego, enquanto seu protótipo. A mulher passa a se deparar com um desafio preciso, posto que parece haver a necessidade de uma substituição objetal. Mais do que nos outros sujeitos, trata-se do amor ofertar aquilo que não se tem. É esse movimento que leva Lacan (1958) a construir:

Por aí talvez se descubra o acesso que leva a sexualidade feminina ao próprio desejo. Na verdade, longe de corresponder a esse desejo a passividade do ato, a sexualidade feminina surge como o esforço de um gozo envolto em sua própria contiguidade (da qual toda circuncisão talvez indique a ruptura simbólica), para se realizar rivalizando com o desejo que a castração libera no macho, dando-lhe seu significante no falo (LACAN, 1958, p. 744).

No primeiro momento do pensamento lacaniano, portanto, ele está centrado na discussão da equivalência entre o falo e a mulher, sendo o falo o significante do desejo, para ambos os sexos, estando, dessa forma, localizado como falta-a-ser. As relações entre os sexos estariam diretamente circunscritas ao redor do falo, construindo a questão do ser e do ter e, por isso mesmo, o feminino estaria no jogo dessa questão (ter e ser) na relação com a castração que impossibilita alcançar o desejo e, portanto, busca-se em seu esforço encontrá-lo.

Na continuidade do seu pensamento, Lacan põe o falo como uma falta, que é próprio a sexualidade feminina, ou seja, o sujeito se depara com a castração materna e passa a localizar-

se identificada ao falo como aquela que funcionaria como substituta deste. O pai, entraria no jogo permitindo evocar o imaginário para dar uma significação ao falo; inscrever a falta da mãe; dando a possibilidade de simbolizar que o pai priva a mãe de estabelecer um limite. O falo equivale então à metáfora paterna para ser possível substituir o Nome-do-Pai pelo Desejo da mãe, humanizando o desejo (LACAN, 1958).

Retornando à noção da borda proposta por Bassols (2017), é percebemos a possibilidade do feminino ter uma relação, não com a borda, mas com o litoral, como proposto por Lacan (1971). Essa noção é apresentada por Lacan quando este faz uma viagem ao Japão e no retorno dela se dá conta de um elemento preciso que não teria notado na ida. Em sua viagem o avião passou pelo círculo ártico, e na ida não se deu conta do litoral que ali existia, ao retornar, contudo, foi possível ver por entre as nuvens o escoamento das águas, o único traço possível de ser visto, mas que, contudo, não se tem clareza de onde começa, é apenas algo que não se mistura e que não é mais o mesmo. O escoamento tem um papel importante, na medida em que ele vem e se apaga, pois, sendo metáfora do traço unário, por causa do apagamento do traço, o sujeito é designado entre o centro e a ausência, propõe Lacan. Além disso, as nuvens escondem a cena, elas irrompem um semblante e se evoca enquanto gozo, como o ravinamento das águas.

Supõe-se que essa explanação proposta por Lacan nos possibilita enxergar a dimensão do litoral na experiência do feminino, isto é, se Lacan propõe que o litoral funciona como a impossibilidade de um espaço entre, deste modo, todo o campo faz fronteira com o outro. Sem limite, não há reciprocidade, por não haver relação proporcional possível entre os dois espaços, entre os sexos, o que Lacan aponta sobre a não relação entre os sexos produzida pelo campo do gozo. O feminino não conheceria, portanto, as fronteiras.

A especificidade de Lacan é discutir o feminino como um espaço para além das leis fálicas, ou seja, o falo não é o significante que simboliza por completo, há algo mais. Em parte, portanto, é simbolizado por ele. Em outra parte, a ausência radical dele produz a solidão do gozo feminino. Podemos, assim, compreender a visão de Lacan acerca do feminino que refere um gozo não complementar que se dá no corpo e vai para além do falo, por isso, é nomeado não-todo fálico. Para o sujeito, localizado na posição feminina, dizer isso se situa na ordem do impossível, na medida em que a linguagem não alcança o real que aí se inaugura.

Lacan, como citado em Brousse (2012), concebe um modelo de funcionamento lógico que possa falar do feminino. Ele insere a lógica de que a castração não pode ser limitada ao feminino, porque ela se dá para todos. Mas, há algo no feminino que o torna impossível de ser universalizado, porque não responderia totalmente à lógica da linguagem e escaparia das leis

da fala. Portanto, a lógica do gozo feminino, no pensamento lacaniano, dá-se como um outro gozo, fora do órgão, das representações e do significante, para além do sentido sexual. Sendo assim, trata-se de um gozo não totalmente simbolizável, que escapa do processo de simbolização.

O segundo momento do pensamento lacaniano (1972/73, p. 14) acerca do feminino, no qual ele coloca que “o sexo corporal, o sexo da mulher – eu disse **da mulher**, embora justamente não exista *a* mulher, a mulher **não é toda** – o sexo da mulher não lhe diz nada, a não ser por intermédio do gozo do corpo”. Ou seja, ele pontua, com isso, que, pela mulher ser não toda, é preciso, por isso mesmo, encontrar um gozo no corpo que lhe apresente como o resto indecifrável. Lacan ainda complementa que, afinal, o que chamamos de corpo pode ser muito bem localizado como o resto que ele chama de objeto *a*. E, de fato, pelo desejo ser resto, posto que sua causa é sempre a insatisfação, encontra-se nisso a impossibilidade. Esse movimento acaba por aproximar alguns movimentos promovidos por parte das meninas, como as escarificações, do lado do masoquismo, não deixando de provocar angústia e sofrimento.

O que nos remete a adentrar na questão do feminino para Lacan é assinalar que a mulher não está toda para o falo e, por isso mesmo, o gozo que ela experimenta é vivenciado como excesso, já que não existiria, como formulado por ele, um significante que represente “a mulher” no inconsciente, visto que para o homem esse significante é o falo. É possível compreender, diante disso, que a teoria psicanalítica mostra que não há uma verdade para toda mulher e, sim, que cada mulher deve ser vista de forma singular, considerando a verdade de cada uma. Não se pode fazer um conjunto, ou seja, construir uma verdade sobre o feminino, porque não se pode produzir uma unidade do ser mulher, mas é possível que cada uma se torne mulher enquanto resultado da operação da castração que singulariza e a inscreve no simbólico.

É deste modo que para submergir no universo singular do feminino foi preciso formular a lógica da sexuação, a diferença sexual a partir da lógica do gozo feminino e masculino. Sendo o gozo masculino aquele que segue a proposta freudiana a respeito do Édipo, regido pela castração e pela lógica fálica; e o gozo feminino, o avesso, não todo submetido à castração, portanto, é o que ultrapassa a falta e diz respeito ao gozo suplementar que faz limite ao simbólico. Sendo, dessa forma, um gozo no corpo, para além do falo (QUEIROZ, SIQUEIRA & NÓBREGA, 2017).

As autoras, assim, apresentam que o inconsciente não sabe nada do feminino excluído do falo porque esse é o único significante que diz do sexo. Por isso mesmo, torna-se impossível a relação sexual existir, por faltar um dos termos da relação. O que se entende dessa equação é

que, na verdade, é impossível que os gozos se complementem e tido deste modo, a linguagem não alcança o real que, no entanto, permanece não se escrevendo. Por isso mesmo, não há o saber universal sobre o real para os seres falantes, apenas a singularidade. O que pode, todavia, fazer laço é o amor. “Ama-se para se consolar do impossível da harmonia de uma relação biunívoca. Ou seja, o amor vela que há do Um e não do Dois. No ato sexual cada Um goza só e de maneira diferente”. (QUEIROZ, SIQUEIRA E NÓBREGA, 2017, p. 144)

Para ser mulher, portanto, é preciso construir seu semblante próprio. A posição de semblante difere no animal e no humano, porque este é associado ao discurso, e somente a nível do discurso, é possível levar o efeito que não fosse semblante. E ele continua: “No limite do discurso, na medida em que ele se esforça por fazer com que se mantenha o mesmo semblante, de vez em quando existe o real. É a isso que chamamos passagem ao ato [...]” (LACAN, 1971, p. 31).

Por fim, Bassols (2017, p. 11) resume a questão afirmando que há dois modos de abordar o feminino: “Há o feminino como S2, como um segundo significante em relação ao S1 do falo. [...] Por outro lado, a partir de outra lógica, encontramos o feminino como a alteridade radical do S1 só e é o feminino que se perde quanto mais se busca”. Levando em consideração a construção posta até então, se por um lado no feminino há um significante que possa abrir a cadeia de significantes, isto é, a partir do significante fálico, por outro lado, há algo que escapa a essa lógica e se põe enquanto alteridade radical.

Se pudéssemos pensar em que momento a mulher passa a se deparar com as inúmeras questões frente à relação com o Outro, com seu corpo e com o laço social, talvez seja possível atrevermo-nos a arriscar a adolescência. Isso, porque talvez seja nesse recorte temporal e de posição subjetiva que o sujeito precisa se haver com esses elementos: o posicionamento frente ao Outro (que não é mais o infantil), a transformação corporal (advinda com a puberdade) e as novas formas de laço social (parcerias identificatórias). Esses elementos são de difícil simbolização e há de se convir que cada mulher precisa inventar sua forma de enfrentar o que lhe invade. Qual seria a saída para elas?

4.3 A adolescente: feminino, singular

De acordo com Viola (2017), a puberdade escancara a inexistência da relação sexual e, por isso, o sujeito busca inventar uma modalidade de tratamento do gozo que transborda nesse momento. Partindo desse pressuposto e corroborando com a ideia do que foi discutido sobre o feminino, que também escancara que a relação sexual não existe por não haver significante que represente o feminino no inconsciente e que possibilite construir uma relação de completude,

localizamos dois casos de Freud que trazem grande relevância para a teoria e que foram discutidos por Lacan posteriormente. Tais casos nos ajudam a circunscrever esse momento da adolescência e o tornar-se mulher com seus saberes e abismos. Tratam-se dos “Caso Dora” (1905) e “Uma Jovem Homossexual” (1920), que serão apresentados a seguir.

Dora é um caso publicado com o título: “Fragmento da análise de um caso de histeria”. Freud (1905) começa explicando que o caso é importante para analisar a questão dos sonhos, porém o tratamento não deu continuidade por ter sido interrompido pela própria paciente. Dora tinha 18 anos quando foi levada ao tratamento. A mesma apresentava sintomas histéricos e, segundo a construção do caso, os sintomas surgiam desde os oito anos de idade, em que ela apresentava “uma dispneia crônica com acessos ocasionais muito mais agudos” (FREUD, 1905, p. 31). Por volta dos 12 anos, ela passou a sentir fortes enxaquecas e acesso de tosse nervosa. O sintoma que era de maior incômodo se tratava da perda total de sua voz em momentos de crise. Dora foi levada aos médicos no momento em que se tornava mulher, momento no qual ela questionava, duvidava e até ria dos esforços dos médicos em tentar encontrar cura para suas crises. Além desses sintomas, Freud ainda relata que houveram acessos de perda de consciência e amnésia, bem como os pais da paciente relataram que a mesma já havia deixado uma carta de despedida a eles, por não suportar mais a vida.

No que se refere ao mito familiar, ou seja, como Dora estava inserida em sua família, e quais ressonâncias esta inscrição passava pela sua localização no mundo; a mesma vivia com seus pais e um irmão mais velho. As funções eram bem demarcadas com o posicionamento do pai à frente da família e das decisões, ele tinha uma boa condição financeira, inúmeros talentos e era bastante inteligente. A mãe de Dora praticamente não é citada no caso e surge, apenas, como uma figura apagada, pouco interessante e ligada às atividades domésticas. Ela também possuía vívido interesse pelo estudo e buscava conferências de mulheres para assisti-las. A relação de Dora com seu pai era de apego e proximidade, como nos relata Freud, e esse afeto era demonstrado nos cuidados ao mesmo quando este frequentemente adoecera.

Freud (1905), então, refere que no início do tratamento já surgem questões relativas a amigos da família que determinam o desenrolar do caso e têm ressonâncias diretas no sofrimento de Dora. Trata-se da “família K.”, como é nomeada. É um casal com duas crianças pequenas que tem bastante proximidade afetiva e relação social com a família da paciente. Freud (1905) acrescenta que nas entrelinhas algo se passa entre o pai de Dora e a Sra. K, apesar do pai negar a existência desse relacionamento. Por consequência da proximidade das famílias, a paciente tem contato cotidiano com o Sr. K., e em certa medida há duas cenas que a marcam:

a primeira, quando a mesma tinha 14 anos e é assediada pelo Sr. K, que lhe dá um beijo quando estão sozinhos, e essa cena provoca repúdio a ele; e a segunda é uma proposta amorosa do Sr. K. à Dora, quando eles estão sozinhos em um lago. O pai de Dora alude que essas cenas teriam sido responsáveis pelo abatimento de Dora, bem como pelas suas ideias suicidas. Deste modo, ela passa a, insistentemente, solicitar ao pai para romper relações com a família K.

No que se refere às figuras femininas que atravessam a história de Dora, há três delas que podemos visualizar como importantes: a primeira delas se trata de uma governanta, a qual há uma relação ora de rivalidade pela atenção do pai ora de aprendizado sobre o sexo, posto que a governanta faz leituras a esse respeito; a segunda diz respeito à senhora K, a qual Dora localiza como amiga íntima, com trocas e confidências entre elas; a terceira mulher se trata de uma prima que lhe transmite determinados saberes.

Há de se convir que o caso põe em destaque os elementos de um saber sobre a sexualidade conectado a um saber sobre o corpo. Deste modo, os elementos parecem estar coesos com as descobertas do encontro com o objeto e sobre seu corpo. O caso apresenta isso de forma clara quando propõe que as descobertas de cunho homossexual, que parecem estar ligadas a esse saber fazer com o real, tanto do que se trata do feminino quanto da puberdade. Esses elementos interligados massificam a existência de um questionamento erradicado para as mulheres, isso que se propõe investigar como estando para além do falo. Freud (1905, p. 64) destaca: “Há muito se sabe e tem assinalado que, na puberdade, com frequência, tanto os meninos quanto as meninas, mesmo nos casos normais, mostram claros indícios da existência de uma inclinação por pessoas do mesmo sexo”.

Viola (2017) aprofunda essa discussão assumindo o pressuposto de que, no caso Dora, esta se depara com uma tomada de posição frente ao real da sexualidade, bem como frente à emergência de um saber sobre a feminilidade, o que nunca, presume a autora, é sem embaraços. Descortina-se, deste modo, nesse caso, a construção a respeito da adolescência frente ao feminino, posto que as identificações que marcam a posição na partilha entre os sexos, as escolhas e a emergência do gozo possível e impossível apresentam, de forma precisa, a tentativa da paciente em saber fazer com o real.

A questão emergencial da adolescência e do feminino se tornam nítidos e o desafio do sujeito ao ter de se haver com esse processo é comentado:

Nesse tempo da constituição do sujeito, a adolescência, trata-se do tempo de um ato, a iniciação sexual, e de uma tomada de posição na referência sexuada. Afirmar-se homem ou mulher, sem que esses significantes possam tirar sua consistência nem da anatomia, nem da escolha do objeto sexual e amoroso, é

um dos principais desafios com o qual o jovem se confronta (COSTA & POLI, 2010, p. 143).

As autoras propõem, deste modo, que é a tese freudiana a respeito da adolescência se trata de um declínio do Édipo, pela via do recalque de uma das posições da bissexualidade. Posto isto, aprofunda-se mais aspectos do caso que dizem respeito a adolescência, como foi discutido por Lacan (1951).

Freud parte do enigma de um sonho de Dora que, segundo sua leitura posterior, teria tido relação direta com o abandono da paciente ao tratamento, em que ele aponta, inicialmente, a ideia de uma fantasia sexual em torno do Sr. K. e uma gravidez produto de uma relação entre eles. Posteriormente, em uma nota de rodapé, o autor propõe que, na verdade, a fantasia de amor se dirige a Sra. K. Lacan (1951, p. 220) propõe, segundo esse recorte freudiano acerca dos sonhos de Dora, que trata-se necessariamente “de um mistério, o mistério da sua própria feminilidade, quer dizer, sua feminilidade corporal - como se evidencia sem nenhum véu, no segundo dos sonhos (...)”.

Trata-se, pois, de ressaltar a importância do enigma do feminino na singularidade deste caso, posto que o sonho apresentaria, em sua essência, o reconhecimento de Dora a respeito de sua sexualidade enquanto mulher, e o que surgem são os sintomas histéricos que velam essa sexualidade bem como seus enigmas, mas que acabam por se deixar escapar na experiência dos sonhos.

O que é ser uma mulher? Os dois sonhos de Dora são absolutamente transparentes a esse respeito – não se fala de outra coisa, O que é ser uma mulher, e, especificamente, O que é um órgão feminino? Observem que nós nos encontramos aí diante de alguma coisa de singular – a mulher se interroga sobre o que é ser uma mulher, da mesma forma que o sujeito macho se interroga sobre o que é ser uma mulher (LACAN, 1955/56, p. 201).

Para a mulher, segundo Lacan (1955/56), o caminho para construção simbólica é mais complicado. Tornar-se mulher não é sinônimo da questão “o que é ser uma mulher?”, são dois caminhos distintos e complexos. É nesse momento que Lacan (1955/56) afirma: “sua posição é essencialmente problemática, e até certo ponto inassimilável”, referindo que o papel simbólico é de apresentar ao sujeito que ele é “isso ou aquilo”, encontrar uma possibilidade de ser no mundo. Há algo, contudo, que escapa à trama simbólica. Esse algo é, radicalmente, inassimilável pela apreensão simbólica. O feminino se depara com uma ausência, um vazio, um buraco nessa trama.

Viola (2017), lembrando o pensamento lacaniano em torno da histérica, pontua que a linguagem se torna pequena para tratar da experiência de gozo vivenciada pela mulher.

O caso Dora serve, para Freud, como instrumento para pensar a transferência e também o saber do analista, posto que é preciso estar atento ao saber do paciente para que não se faça intrusões próprias. Dito isto, a paciente estava às voltas a respeito de uma construção sobre a feminilidade e sobre o encontro com a sexualidade e que, por isso mesmo, é que põe o embaraço freudiano: “O que Dora sabe é o enigma insondável da feminilidade. É um não saber acerca do gozo e do sexo que gera angústia” (VIOLA, 2017, p. 223).

Essa construção a respeito de Dora, nos põe a pensar o lugar do analista frente ao adolescente, bem como do feminino. Além deste, um outro caso freudiano nos move a discutir também esses dois elementos. Trata-se sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina, uma jovem, também de 18 anos, chegou a Freud (1920) após uma tentativa de suicídio.

A história dessa jovem apresentava alguns elementos que são precisos para a discussão. Inicialmente, Freud (1920) traz que a família dela pertencia a uma boa posição social e que os pais dela tinham uma imensa preocupação, senão, desprazer, por ela demonstrar certo interesse por uma “dama da sociedade” cerca de dez anos mais velha que ela. Apesar das demasiadas proibições, bem como das tentativas de não haver contato entre elas, a jovem conseguia escapar aos olhos dos pais e ir em busca da dama. A busca a essa dama tinha efeitos: desinteresse nos estudos, nas relações e nas funções sociais. Os pais diziam que nunca perceberam interesse por parte da filha por homens, já por mulheres, havia demonstração de interesse, o que provocava a ira do pai.

A cena que apresenta o ponto alto desse caso se trata de um momento em que a jovem estava em companhia da dama da sociedade e, em determinada altura, o pai as encontrou e atravessou sob ela um olhar de pura ira e lhe dirigiu todo tipo de insultos. Subitamente, a jovem saiu correndo e se jogou em direção a linha de trem. Esse ato lhe causou algumas lesões que acabaram por deixá-la de cama. Contudo, após recuperação, é notória a preocupação dos seus pais, que acabam por se tornarem mais flexíveis com relação ao encontro dela com a dama. A própria dama passa a lhe direcionar novos olhares ao ver a prova de sua “séria paixão”.

Freud (1920) se preocupa em explicar o lugar da homossexualidade da jovem para os pais, falando sobre seus posicionamentos em relação a ela. Nesse sentido, ele descreve que o pai se coloca arredio e com sentimento de amargura; já a mãe, parece, de certa forma, conivente, porém sua oposição se direciona ao fato da exposição. Além disso, Freud refere que a relação da mãe com seus filhos homens é bem mais próxima do que com a filha, tratando-a com certa aspereza. Há nessa posição dos pais frente a homossexualidade da filha uma relação direta com

a procura por Freud, direcionando a ele uma determinada esperança de “retrocesso” do caso. Freud (1920, p. 155) deixa claro, porém, que não lhes poderia fazer essa promessa: “Por essas razões me abstive por completo em oferecer aos pais qualquer perspectiva de realização de seu desejo”.

Lacan (1962) refere-se ao momento da adolescência como um momento decisivo com relação à problemática da passagem ao ato e do *acting out*, isso porque é o momento de determinado rompimento frente ao corpo. No caso da jovem homossexual, há algo na relação com a dama que parece ser colocada como um desafio ao pai, ou seja, trata-se de uma exibição que tem um endereço: o pai.

Viola (2017) destaca um elemento importante do caso ao referir o desapontamento da jovem no período da puberdade: o nascimento de um irmão. Freud (1920) aponta que ela estava na saída do complexo de Édipo e se direcionava para o desejo de ter um filho homem do seu pai, a nível inconsciente. Por sua vez, quem o tem é a mãe, sua inimiga. Freud, então, aponta que nesse momento ela se volta contra o pai e contra os homens, rejeitando, segundo ele, sua feminilidade e direcionando a sua libido para um outro objeto.

Essa explanação é de grande relevância para pensarmos a escolha do objeto na adolescência, bem como o lugar do ato. Lacan ressalta o que foi pontuado por Freud mas também avança em certa medida, por apontar o ato como também sendo um sacrifício viril, “um falo absoluto” (FREUD, 1920, p. 124). O *acting out* pode surgir enquanto uma evitação da angústia, mas também algo da fantasia é atuado e materializado na cena. Portanto, o que está em jogo não é a cena em si, mas sim, a causa do desejo, isto é, o que está por trás, o objeto *a*. Por isso mesmo, Lacan assinala o *acting out* como demandando uma interpretação. Por natureza, ele é gozo encoberto, mesmo que possa ser interpretado pela via da transferência (VIOLA, 2017). Por outro lado, a angústia remete-se ao real, ou seja, não há interpretação possível, porque está fora do significante. Portanto, Lacan (1962) localiza como passagem ao ato: lançar-se, e deixar-se cair, é o tombo que é tomada a passagem ao ato.

Assim, a passagem ao ato trata-se, segundo ele, de evadir da cena, largar mão. O momento da passagem ao ato é o do embaraço, o sujeito se apaga na cena. Já o *acting out*, é visto como uma evitação da angústia, algo que se mostra na conduta do sujeito, na mostraçã, de forma velada, mas não velada em si, porque o inconsciente está posto. O essencial que aparece é, justamente, o resto, a queda (LACAN, 1962).

O *acting out* é, em parte, o sintoma, e prova disso é que se abre à interpretação, mas para que haja interpretação, é preciso que haja transferência, logo, se não houve a transferência,

não é possível que haja a interpretação. Nesse sentido, o sintoma também funciona assim. Contudo, não é essencialmente da natureza do sintoma ser interpretado, já o *acting out*, clama por interpretação, resta saber se é possível interpretar.

O que a análise descobre no sintoma é que ele não é um apelo ao Outro, não é aquilo que mostra ao Outro. O sintoma por sua natureza é gozo, não se esqueçam disso, gozo encoberto, sem dúvida, *untergebliebene Befriedigung*, não precisa da interpretação de vocês como o *acting out*, ele se basta. (LACAN, 1962/63, p. 140).

É notório que o *acting out* é o começo da transferência, de forma selvagem. A transferência fora de uma análise, é o *acting out* e o *acting out*, sem análise, é a transferência. Quando observado, percebemos que ele está colocado para ser interpretado. Conforme Lacan (1962-63, p. 141) diz “[...] este é para se oferecer a interpretação de vocês, mas, aí é que está: não é o sentido que vocês interpretam, seja ele qual for, que importa, e sim o resto”.

Neste ponto, há de se convir que os casos propostos por Freud, de duas adolescentes meninas, nos apresentam uma gama de informações precisas que conduzem a nossa interpretação dos atos que vemos hoje na clínica expostos pelas adolescentes. Se em Dora é possível pensarmos as modificações corporais, a localização do seu lugar enquanto mulher, o enigma da sexualidade e do feminino, se é um caso que alerta sobre a transferência e sobre o saber do paciente; por outro lado, o caso de uma jovem homossexual nos mobiliza também a pensar o lugar da escolha do objeto, o enigma da sexualidade também posto, o feminino, a escolha do objeto e sobre o *acting out*. A jovem homossexual nos mobiliza a visualizar o ato enquanto experiência de corpo que passa pela via da interpretação e também enquanto resto, quando se encontra com o real.

Está claro que algo no curto-circuito do feminino vivificado nessa saída da infância, em que a mulher precisa se autorizar enquanto tal e precisa se haver com o que é possível ser dito e também com o que não é possível ser dito, que construa o seu semblante próprio do ser mulher, sabendo que a sexualidade feminina comporta um gozo que está além do falo. Portanto, para além da linguagem e na tentativa de buscar saídas, algumas adolescentes vêm recorrendo ao corpo próprio. É uma escrita do impossível, se pudéssemos assim nomear.

Dito deste modo, os casos emblemáticos acompanhados por Freud de duas adolescentes nos mobiliza a pensar no que acontece no encontro com o sexual, em que emergem uma série de sintomas que têm repercussões diretas nos atos deste público e que, de certo modo, nos convida a localizar o corpo como depósito dos atos que não encontram recurso na palavra. Esses casos, bem como essas discussões acerca do que foi ressaltado destes, trazem repercussões para a atualidade e, mais diretamente, para o ato da escarificação das meninas.

Laurent (2012) explica que, por parte do feminino, não há medo da ameaça de castração como há no menino, ou seja, “não se tem nada a perder”, por isso mesmo que esses seres privados de algo (o significante fálico), são localizadas por Lacan como sendo inicialmente masoquista e posteriormente devastação (pensando na parceria amorosa). É por elas já supostamente serem castradas, que isso toma não apenas o lugar biológico, mas o discurso social a respeito delas, que “é por isso que elas podem ir mais longe que os homens” (LAURENT, 2012, p. 82). Ele continua:

Não é porque as mulheres são masoquistas, mas é porque não há esse limite, essa barreira da ameaça de castração, elas podem ser muito mais decididas para dispor delas mesmas e de seus corpos para alcançarem o ponto em que elas se asseguram do gozo do Outro (LAURENT, 2012, p. 83).

É um sem limite que encontra na dor e no sofrimento um rompimento com a medida fálica, a dimensão de litoral. O mar e a terra: a dimensão do infinito desses elementos se misturam no litoral, não há marcação precisa, elas se misturam. O feminino não conhece as fronteiras, mas conhece o litoral, conhece o infinito do litoral. E como escrever o infinito?

Ai estava o mar, a mais ininteligível das existências não humanas. E ali estava a mulher, de pé, o mais ininteligível dos seres vivos. Como o ser humano fizera um dia uma pergunta sobre si mesmo, tornara-se o mais ininteligível dos seres onde circulava sangue. Ela e o mar. Só poderia haver um encontro de seus mistérios se um se entregasse ao outro: a entrega de dois mundos incognoscíveis feita com a confiança com que se entregariam duas compreensões (LISPECTOR, 1925, p. 77).

Clarice, na sua tentativa de dizer algo sobre o feminino, refere-se a esse ponto ininteligível e sem explicação, aproximando-o à profundidade do mar. Essa metáfora nos possibilita dizer algo sobre o feminino que alcance sua dimensão complexa, assim como antecipou Freud: talvez caiba ao feminino realmente escrever os poetas.

5 O CORPO EM ATO NA ADOLESCÊNCIA

O corpo possui uma dimensão ampla no mundo humano, isso se dá pelo atravessamento da linguagem sob esse corpo e pela apreensão simbólica deste. Ou seja, a experiência corpórea insere cada um nas suas questões singulares e também em cada experiência cultural coletiva. Posto isto, compreende-se que a adolescência e o feminino escancaram constantemente o lugar dessa experiência corporal para o ser humano, porque são questões carregadas de enigmas e que muitas vezes têm ressonâncias no corpo.

A experiência da escuta e os discursos postados na internet revelam que o corpo é um recurso para expressar angústia, descontentamentos e reivindicações. Essa necessidade de se utilizar do corpo, segundo Costa (2002, p. 57), indica que “a nossa condição de desnaturalização, de determinações heterogêneas – simbólicas/imaginárias/reais”, ou seja, nós não funcionamos de forma apenas organicista e precisamos construir nossos suportes corporais. No momento da adolescência, isso parece vir à tona em decorrência das mudanças efetivas que acontecem tanto no sentido da maturação do corpo, como de um posicionamento frente a esse corpo e ao mundo. Essa construção promove constantemente apreensão de bordas corporais que dão suporte para nos localizarmos no mundo e para nos sentirmos reconhecidos.

Para essa apreensão simbólica do corpo, o sujeito demanda a existência de outra pessoa, que o desnaturalize e o insira no mundo humano. A partir do outro, inicialmente familiar, conseguimos distinguir o que faz parte de nós e o que faz parte do outro, conseguimos delimitar uma borda, conseguimos apreender o corpo enquanto unidade e reconhecer suas partes. Também passamos a reconhecer que um sintoma tem ligação com algo que aconteceu na sua história e se dar conta dos discursos que incidem sob ele. Além disso, o outro familiar passa a não ser suficiente, o sujeito busca pertencer a grupos para se inserir no laço social e para isso o grupo demanda parcerias identificatórias que lhes possibilite fazer parte daquele grupo.

Facury (2011) faz referência a Lacan no ponto que está elaborando a diferença de ser um corpo e ter um corpo. A autora, atravessada por uma leitura lacaniana, aponta que o animal se identifica ao seu corpo, portanto, ele é o seu corpo, em sua totalidade. Já o homem não se resume a isso, visto que carrega consigo a sua falta a ser, dividindo seu corpo e seu ser, restando a ele ter um corpo.

A autora ao referir sobre o corpo para o ser humano, aponta que essa é uma dimensão que tem repercussões na clínica, pois há efeitos da inserção do significante no corpo que o

marca de um modo particular, resultando na produção de um S1⁷ que possibilita abrir uma rede de significantes, emergindo um sintoma que é a verdade daquele sujeito. Ao incorporar o significante, o sujeito entra na operação simbólica. A clínica propõe que em alguns casos o gozo retorna sobre o corpo quando a operação simbólica da função dos significantes falha, surgindo nesse ponto um ataque localizado no corpo.

Posta essa dimensão, elabora-se o pressuposto que a adolescência adentra em uma travessia que confronta a complexidade do corpo, composto de linguagem e gozo. O adolescente passa a vivenciar essa travessia sobrecarregado, com inúmeras questões sobre sua imagem, seu sentimento de existência e pertencimento no campo do outro, que nesse momento vacilam, porque a identificação e a escolha do objeto sexual são redimensionadas. A partir disso, Bemfica (2017, p. 4) afirma: “há um enigma, um furo, um fora do sentido, um real, um real que faz parte da estrutura do sexual, marcando como estrangeira a condição da própria adolescência”. A figura do adolescente busca recursos para saber fazer uma separação com o Outro, que ao mesmo tempo o aliena e o reconhece, e para isso busca produzir uma escrita que o sustente em uma posição desejante.

Foi através dessa noção sobre o corpo que norteamos os elementos visualizados no campo de pesquisa, esses serão trazidos à tona no intuito de investigar o lugar dado ao lesar-se para adolescentes do sexo feminino. Desse modo, este capítulo está dividido em quatro subtópicos que estarão diretamente relacionados com os elementos encontrados em campo. São eles: 1) a relação do início dos cortes com aquilo que não se pode dizer; 2) as identificações com o grupo: fazendo grupo é possível dizer algo e; 3) o corpo em ato nas adolescentes meninas: algo escapa; e 4) a escrita do impossível.

5.1 O início dos cortes: daquilo que não se pode dizer

Freud partiu de um enigma com relação ao corpo, questionando sobre sua base apenas orgânica, para alcançar a lógica do corpo para as suas pacientes histéricas. Ele buscava inferir que os sintomas apresentados pelas suas pacientes não tinham base orgânica, e sim ultrapassavam essa dimensão. Ao falar sobre isso, ele passou a desenvolver a associação livre e se deu conta da relação direta da fala com a transformação dos sintomas inicialmente apresentados.

⁷ S1 trata-se do que chamamos na teoria lacaniana de significante primordial, ou seja, o primeiro significante que marca o corpo do sujeito e que terá efeitos de produção de outros significantes, como uma cadeia: S1, S2, S3, S4... São denominados como significantes palavras ou expressões que marcam o sujeito de alguma forma e que por isso ele repete esse significante de alguma forma na linguagem ou nos seus atos.

Desse modo, está claro que para compreender a noção que aqui discutimos, é preciso visualizar o corpo do ser humano além de sua conjuntura natural, ou seja, seguindo as leis naturais. O sujeito necessita construir suportes para dar conta desse corpo, além de que existem momentos em que se demanda com mais urgência essa construção.

Costa (2002) cita a adolescência como exemplo por se tratar de uma passagem e mudança em que perdemos as referências que amparam nosso corpo. Essa construção de bordas corporais dá suporte ao corpo para que o sujeito possa sentir-se reconhecido e representado. Esse lugar de construção, em que o adolescente busca apreender o que se passa de novo, pareceu ser o momento que as adolescentes dão início aos cortes, na tentativa de produzir uma borda e contorno ao que é inassimilável ao nível da palavra. Ou seja, ante um sofrimento “sem escapatória” no qual a palavra não dá conta, busca-se o corte como deslocamento da dor psíquica, ao mesmo tempo em que constitui uma saída para construir uma borda corporal: sentir o corpo, saber que ele está vivo.

A escarificação é uma das formas de fazer borda, sendo nomeada como borda toda tentativa de situar as fronteiras corporais. As bordas constroem nossa relação com o ambiente, com o outro e com a realidade. Já a escarificação surge em um momento que o sujeito se ausenta do seu corpo para dar lugar ao ato. Essa perspectiva vai trazer a possibilidade de representar o corpo de forma coletiva e também singular. Coletivo porque pode conferir o lugar da identidade, e singular porque diz de uma forma de capturar o olhar do outro (COSTA, 2003).

O que está em jogo parece ter relação direta com a possibilidade de fazer uma representação, endereçada ao olhar do Outro e do outro, mas de forma velada. Esse movimento tem grande semelhança com o princípio da escrita, que será discutido posteriormente. A intenção das marcas se dá na constituição de um circuito pulsional, sendo o corpo libidinizado, e também representado, permitindo construir laço social a partir dessa produção (COSTA, 2002).

O início das escarificações parecem situar o sujeito nessa posição. O que se escuta na experiência clínica e o que se identifica nos depoimentos sinalizam que as adolescentes, antes do início, enfrentam situações em que elas visualizam como impossíveis de lidar, principalmente porque é preciso assumir uma nova posição frente a essas questões, que não é mais uma posição infantil. Assim, a maioria das queixas de não reconhecimento e de conflito direcionava-se às relações parentais. Portanto, antes mesmo de falarem sobre o lesar-se, sobressaiam queixas sobre a família, como por exemplo o não reconhecimento da sexualidade, abusos sexuais, *bullying* na escola em decorrência da sexualidade, a separação dos pais e etc.

O fato de as adolescentes terem dificuldade de saber o que fazer gerava tristeza, baixa autoestima, dificuldade nas relações parentais e na escola. Isso tinha relação direta com o início dos cortes, ou seja, estava diretamente relacionado a um não saber fazer frente à relação com o Outro e com a angústia que, sem o suporte da palavra, levava as adolescentes a recorrerem a atos como as escarificações, as tentativas de suicídio, o isolamento, as fugas de domicílio, o uso de álcool ou de cigarro, dentre outros que eram diretamente relacionados à dificuldade da produção de um discurso. Também era notório o sentimento de não serem compreendidas ou reconhecidas nas relações parentais e isso as tornava ainda mais solitárias nesse processo. Esses elementos percebidos na prática se referem ao corpo em cena, ou seja, como um elemento principal da trama dessas adolescentes. O corpo então opera no lugar do ato e passa a estar intimamente relacionado com questões psíquicas de difícil apreensão.

Já nos *posts* no *facebook*, elas encontram um espaço no grupo para o compartilhamento. Destacamos aqui o modo como as adolescentes se utilizam do *ciberespaço* e como o material postado é publicado e compartilhado, passando pela experiência coletiva de corpo e do grupo, ou seja, do singular ao particular do grupo.

Costa (2010) assinala que a marca do corpo tenta representar o irrepresentável, sendo definido pela margem, pela borda. As marcas corporais surgem como tentativas de representar as apreensões simbólicas. Vejamos então um dos depoimentos:

Depoimento 1: Boa noite sei que não falo muito aqui na verdade essa e a primeira vez que escrevo um poste como esse e de verdade não sei nem como começa sei que vou escrever pois se a um jeito de não desconta sua tristeza e sua raiva em seus pulsos e escrevendo me chamo Tiffany Couto e me auto mutilo dès dos 13 anos de idade hoje tenho 18 e conforme cresci meus problemas cresceram e o modo de eu me machucar cresceu junto comigo. uma criança de 13 anos de idade não entende o real motivo do bullying eu não entendia eu não sabia explica se era meu cabelo minha roupa minha maquiagem só sei que doía e muito eles me machucavam e eu me machucava me arranhava lembro de uma vez ficar tao mais tao arranhada que fiquei uma semana sem sair de casa o tempo passou mudei de escola e cresci e junto comigo cresceu os cortes esqueci as unhas e os arranhares e achei dentro de um estojo uma lamina de apontador solta não pensei duas vezes e quando vi já era rotina eu sentada no chão do meu quarto radiada de laminas e lagrimas e sangue hoje tenho problemas com minha família não tenho muitos amigos e e difícil me relaciona com alguém carrego marcas de um passado infernal rasgada em meus pulsos e já tentei suicídio algumas vezes to escrevendo esse poste mais como um desabafo pois esse tempo que eu estou aqui escrevendo podia esta me machucando e o pior e me machucando por pessoas que não merecem. obrigado pela atenção.

Além disso, alguns *posts* tinham a função de questionar sobre o que levava cada uma a se escarificar. Com a imagem a seguir foi possível encontrar algumas respostas que nos levam a corroborar com essa dinâmica de construção do corpo que excede o lugar simbólico.

Imagem 1 - Qual o motivo de seus cortes



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/326490930857520/about/>

As respostas a perguntas como essa algumas vezes eram diretas: “*Bullying*”, “*depressão*”, “*vício*”, “*desespero e raiva*”, “*alívio, é como se estivesse me anestesiando no exato momento que me corto*” e “*frustração*”. Outras falas eram mais ricas em detalhes, contando sua história de forma a compartilhar com os participantes do grupo:

Depoimento 2: Então irei conta um pouco da minha história pra vocês aos 11 anos de idade eu sofria bullying e nunca disse nada para os meus pais por medo de apanha novamente sem motivos então as 12 anos de idade eu conheci o amor da minha vida no caso a gilete então comecei a me cortar e acabei desenvolvendo uma depressão então meu tio tento me bata ao 12 anos de idade e foi assim eu sofria bullying meus avós me desprezado minha família me odeia meus amigos indo embora sem me diz o porquê eeh então ao meus 13 anos, parei no hospital por tentar me mata então a cada vez mais eu me cortava e mais e mais e isso cada vem mais iria me matando por dentro eeh rs Mano aos meu 14 anos todas as pessoas em me zoava perdiu pra fica cmg kkkkk então eu ri muito pq aquilo era o mundo tanto voltas então com 14 anos eu me apaixonei por uma menina que me fez sofre muito muito mesmo e eu acabei ficando mas depreciva me cortava todo os dias sem para até que um dia eu acabei cortando muito fundo e meus pais me levando pro hospital mas la mesmo queria ter morrido então então ao meu 15 anos conheci outra garota e simplesmente terminou cmg ontem ela acabou com minha vida e mais uma vez vi meu mundo cair entao descobri que minha mãe está com suspeita que câncer na aquele mesmo momento o meu mundo caiu Sem chance reação o meu mundo caiu então a tristeza invadiu comecei a mata aula fuma com o meu ex comecei a pegá geral e foi isso eu quero a ajuda eu já sofri tanto que não sinto não sinto ,eu me odeia eu sou quero para d e me odeia eu simplemte só tenho 15 anos ontem vi pessoas que falaram mal de mim se lamentando pela minha morte no caso Eu queria me mata então eles comeram a posta "nossa ela morreu ela está tão legal e ela era não feliz aí meu Deus ela não descansa em paz" e todos que eram verdade vieram na minha casa perda eles me aboaram mas não foi o suficiente pra acaba com essa dor no meu peito esse barraco então se algum dia eu morre foi pq não suporrei apreensão fim.

Depoimento 3: Eu sempre fui aquele tipo de pessoa "certinha" sabe? Q não bebe, não fuma e não faz nada do tipo? A uns 3 meses atrás a minha melhor amiga se mudou para muito longe, isso mexeu tanto comigo q eu perdi a vontade de fazer tudo o q eu gostava, eu tenho depressão a uns 10 anos, eu estava muito bem antes disso acontecer, eu também comecei a beber pinga e fumar maconha, eu sei q essas coisas não vão me ajudar mas pelo menos elas fazem eu esquecer um pouco os problemas e tal, pode parecer idiota eu ficar desse jeito por causa disso mas ela era a única pessoa q realmente tentava me ajudar, q fazia eu me sentir especial, q fazia de tudo pra me ver sorrir, eu não tenho muitos amigos, pra ser bem sincero ela era a única amiga q eu tinha.

Resposta: Sinto muito pela mudança de sua querida amiga, mas vocês podem continuar a conversar pelas redes sociais. Seja bem-vindo no grupo e aproveite para conversar por aqui. Procure preencher esse vazio que ficou com novas amizades, e não se isole. A vida acontece lá fora.

Depoimento 4: esses dias veio refletindo é cheguei a conclusão, mas essa conclusão foi feita pelas minhas observação de mim é do mundo é percebo que se for para mim jogar minha vida fora é melhor joga minha vida fora para salva outra ou melhor fazer algo que vale mesmo a pena, com isso eu vejo q posso acaba machucando os outro, mas tbn ao mesmo tempo penso q essa dor q sinto pode se por causa dos outro, então as vezes penso q em vez de me ferir eu posso feri os outro, mas se pensa bem os dois são a mesma coisa; eu posso salva os outros, ferir outros; mas essa é a minha conclusão, quem já teve ou tem a mesma ideia me chama pv, para sabe o vc pensa ou quer fazer sobre isso, pois eu já sei!

Depoimento 5: Bom vou me apresentar♥,Prazer Aryane Essy Dias,Tenho 13 Anos, Sou Libriana,Amo Conversa ♥,Se Quiser Me Chamem Tamo Aí,Moro Em Viamão, Sou Mais Uma Q Veio No Mundo Pra Dar Problemas Pra Todo Mundo Né ♥?perdi meu tio q me criou,minha irmã me odeiaaaaa♥Me Corto A 1 Ano E 5 Messes♥Sou Nova Aqui No Grupo,Sofri Por Bullying,meus amigos me abandonaram quando descobriram que eeu me Cort ♥☹, eeu sei sorrir mais feliz não sou☺ acho q e isso☹

Essa riqueza de detalhes colocadas no desenvolvimento das histórias nos mostram as relações desses sujeitos com o início dos cortes, e pelo que foi percebido, o grupo *online* tem produções semelhantes com o que foi escutado no grupo presencial, na experiência do CAPS. Ou seja, elementos de uma construção corporal que precisa ser apreendida para além da noção naturalizada, bem como o direcionamento do ato ao outro, seja no sentido da reivindicação do mal que o outro fez, seja de uma tristeza advinda dessa relação com outro. Nas duas questões fica um enigma, posto que parece ser a única saída para o sofrimento advinda das suas dificuldades.

5.2 Identificações: fazendo grupo é possível dizer algo

Le Breton (1953) se refere à sociologia do corpo como uma localização da corporeidade humana como fenômeno social que reflete nas representações feitas sobre o corpo. Portanto, atravessado pelos discursos do contexto social e cultural, o sujeito se insere como ator das possibilidades de apreensão desse corpo de forma a construir uma relação com o mundo. Portanto, no corpo nascem as significações que dão fundamento a existência individual e coletiva e a partir dessa experiência o homem se apropria da vida, tornando-se capaz de traduzi-la, servindo-se de sistemas simbólicos que compartilha com os demais.

Se inserir no processo de socialização da experiência corporal exige do sujeito um posicionamento no seu processo, contudo nem sempre foi assim. Nas sociedades tradicionais, era imposto aos adolescentes determinados ritos que simbolizavam a transição de um momento a outro, os chamados ritos de passagem, que eram atravessados com a garantia que o adolescente seria reconhecido na sociedade, para isso se davam provações físicas dolorosas. A experiência corporal, portanto, passa por uma condição social, como refere Le Breton (1953), afirmando que o corpo passa a existir a partir dessas identificações que se dão no laço social, só que essas identificações se modificam de acordo com sua relação com a forma com que a sociedade se organiza na época.

A expressão corporal é socialmente modulável, mesmo sendo vivida de acordo com o estilo particular do indivíduo. Os outros contribuem para modular os contornos de seu universo e a dar ao corpo o relevo social que necessita, oferecem a possibilidade de construir-se inteiramente como ator do grupo de pertencimento. No interior de uma mesma comunidade social, todas as manifestações corporais do ator são virtualmente significantes aos olhos dos parceiros. Elas só têm sentido quando relacionadas ao conjunto de dados da simbologia própria do grupo social. (LE BRETON, 1953, p. 9)

Há algo no grupo que faz funcionar a partilha dessa construção corporal. Se antes os ritos funcionavam com a sociedade ofertando elementos para que os adolescentes tivessem garantias de se inserir no grupo, hoje as coisas funcionam de outra forma. Sabendo que a mudança da sociedade apresenta novas formas de funcionamento, partimos desse pressuposto para fazer inferir que as mudanças advindas com a tecnologia e com o lugar do laço social também têm repercussões nos ritos de passagem, na forma de fazer laço e na forma de sintomatizar um mal-estar.

Corroboramos assim com a ideia proposta por Arteiro (2017) que apresenta a revolução tecnológica como um importante momento que tem repercussões na sociedade, na cultura e na economia. É possível perceber que o ambiente tecnológico passa a ser um elemento central nas partilhas e nas formas de fazer grupo. Isso possibilita a inscrição em um grupo que prescinde

de alguns elementos para existir, e para isso, precisa desses elementos para continuar existindo. Os participantes se apoiam um no outro para que os ritos sejam transmitidos e ensinados.

Arteiro (2017) continua afirmando que a construção do *ciberespaço* vem promovendo uma revolução na humanidade, trazendo consequências positivas e negativas nas relações sociais e na subjetividade. Os utensílios como computador, celular, *tablets* e outros dispositivos se tornam “indispensáveis” no cotidiano das pessoas. Esse novo mundo então faz a autora questionar se seria possível esse campo possibilitar cada vez mais a fantasia e o *acting out*, o que se torna um risco. O sujeito dessa era continua lutando pelas causas antigas, contudo com um novo arranjo.

Os grupos nas redes sociais possuem conteúdo em que os adolescentes se expressam sobre a transição do corpo na puberdade, sobre histórias que não conseguem lidar no campo da fala, sobre o contexto do ato como um elemento inicialmente de saída e depois como um vício. O grupo nos apresenta também elementos sobre o encontro desses sujeitos com o sexual, com a morte e com a falta. Todas essas discussões de cunho existenciais partilhadas em grupo e em trocas constantes de comentários e diálogos descrevem o que eles buscam pela via das parcerias: “Preciso de algum amigo(a); alguém?”.

Portanto, as falas direcionam a diálogos, bem como trocas que se dão por pessoas que já praticaram ou praticam atos autolesivos. Ao que parece, os membros fazem parcerias pelo fato de haver algo em comum, e por isso eles têm no que se apegar. Algo circula no: “você não está sozinho, estamos juntos...”. Essa forma de fazer grupo tem a preocupação de permanecer ligada por um ponto em comum. Ou falas que direcionam para uma vivência partilhada:

Depoimento 6: Bom vou me apresentar ♡,Prazer Aryane Essy Dias,Tenho 13 Anos, Sou Libriana,Amo Conversa ♡,Se Quiser Me Chamem Tamo Aí,Moro Em Viamão, Sou Mais Uma Q Veio No Mundo Pra Dar Problemas Pra Todo Mundo Né ♡?perdi meu tio q me criou,minha irmã me odeiaaaaa ♡Me Corto A 1 Ano E 5 Messes ♡Sou Nova Aqui No Grupo,Sofri Por Bullying,meus amigos me abandonaram quando descobriram que eeu me Cort ♡☺, eeu sei sorrir mais feliz não sou☺ acho q e isso☺

Resposta 1: *Ei, você tem um pai maior que qualquer outro, Deus, você só precisa falar com ele, pedir a ele que te abrace”*

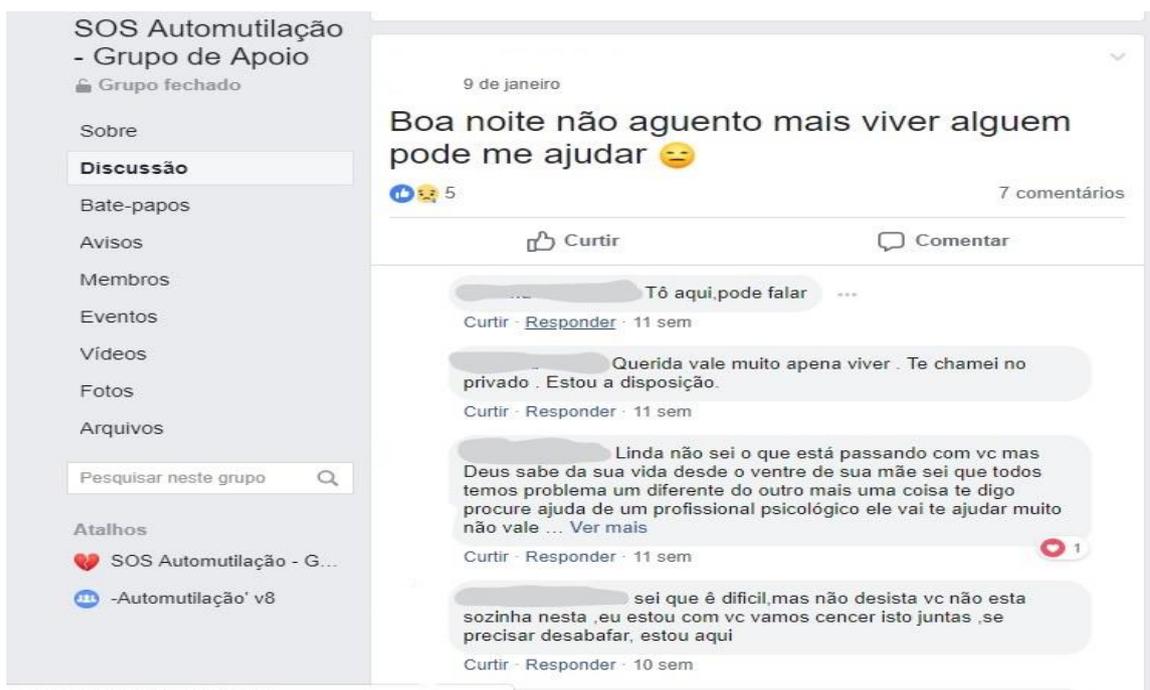
Resposta 2: *O meu pai também me abandonou eu tinha 1 ano e apareceu quando eu fiz 15 anos e quando ele vem para a cidade ele só fica atrás de mulheres e nem pensa que tem filhos e hoje eu tenho 17 anos”.*

Os diálogos expostos a seguir, falam a respeito dessas parcerias e dos suportes e da forma como se organizam nos grupos. A título de exemplo:



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/326490930857520/permalink/1153041098202495/>

Imagem 3 - Grupo de apoio. Postagens.



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/326490930857520/permalink/1140804602759478/>

Imagem 4 - Grupo de apoio. Postagens.



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/326490930857520/permalink/1190908117749126/>

Imagem 5 - Grupo de apoio. Postagens.



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/326490930857520/permalink/1190908117749126/>

Imagem 6 - Grupo de apoio. Postagens.



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/326490930857520/permalink/1190908117749126/>

Imagem 7 - Grupo de apoio. Postagens.



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/326490930857520/permalink/1190908117749126/>

Imagem 8 - Grupo de apoio. Postagens.



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/326490930857520/permalink/1190908117749126/>

Lacadée (2017) esclarece que os adolescentes hoje buscam encontrar fórmulas para ser e funcionar na sociedade através das redes. Se antes, nas sociedades primitivas, essas respostas eram encontradas no Outro, hoje não há respostas que orientem esses jovens. Eles aprendem então a partir de uma experiência com seu corpo. O sujeito moderno é condenado a decifrar por conta própria sua história, seus elementos simbólicos e encontra-se mais sozinho do que nunca. O autor faz, ainda, referência ao movimento dos jovens modernos em não enxergar soluções a longo prazo, sendo o sofrimento ligados ao hoje, o instante presente e ao tempo da contingência, com uma relação direta com as sensações imediatas, sentidas no corpo em seu encontro com as palavras (LACADÉE, 2017). Esse elemento diz muito de um movimento bastante emergencial, em que parece que cada instante pode ser fatal.

Desse modo, abrindo um parêntese para o que foi uma questão na minha experiência, o aspecto emergencial dos atos era bastante visível e as adolescentes entravam em contato com a psicóloga em momentos que estavam à beira de fazer um ato e demandavam uma escuta, muitas vezes, pedindo socorro. Essa é uma questão que perpassa a clínica, tornando-se um desafio enquanto analista encarar essa demanda, que lhe é feita sob transferência. O que exige um manejo sempre singular, mas bastante intrigante: o analista precisa deslocar do tradicionalismo e construir um acolhimento, sem entrar em um lugar reforçador do ato. Esse parece ser um grande desafio para a clínica na atualidade, posto que os sujeitos são cada vez mais do ato e cada vez menos da palavra.

Percebe-se que, apesar dos grupos afirmarem que sua intenção é que os integrantes não precisem recorrer ao ato de se lesar, na prática, no entanto, não é bem isso que acontece, na medida em que os textos e imagens direcionam por outro caminho. A insistência em servir de apoio um para o outro é constatada nos grupos, contudo alguns integrantes permanecem

afirmando que não há saída para o sofrimento além da autolesão, trazendo em seus comentários inúmeros elementos suicidas. É interessante ressaltar por que isso parece entrar em contradição com a própria definição da autolesão – que indica que quem se automutila “não tem intenção suicida consciente” –, ainda que os autores dos comentários apontem em diversos momentos para o desejo da morte e, logo, mostrem aproximação com pensamentos suicidas. Há de se questionar se isso que elas expressam muito próximo ao conteúdo suicida não possui uma veracidade e que se demanda do outro que lhe salve desse risco, mas que o risco existe e, portanto, se faz necessário colocar em questão a definição.

O conteúdo das postagens dos grupos é muito voltado aos atos, alguns de cunho suicida, outros simplesmente um desabafo que se confunde com um pedido de ajuda para concretizar os atos como nos exemplos a seguir: *“Eu só quero um lugar sossegado para ficar uma lâmina de gilete”*. *“As vezes...na grande maioria... é tão difícil de lidar com as situações, elas se tornam tão sufocantes, que o suicídio se torna um botão de reset☹”*. *“Estava alguns dias sem pensar em acabar com tudo...mas está tudo sufocando de novo....”*

Imagem 9 - Braços cortados.



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/232345567211514/about/>

Imagem 10 - Página de apresentação de grupo do Whatsapp



Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1947640385365090&set=g.326490930857520&type=1&theater&ifg=1>

O grupo definido como de “apoio” informa como os membros se inserem nele, sendo que alguns deles encontram-se reconhecidos nas parcerias horizontalizadas, como acontecia também no grupo do CAPS. Aparentemente, os grupos para esse público funcionam de tal forma a tentar construir um corpo através desses enlaces. Contudo, nem sempre o outro estará lá para garantir a completude que é idealizada no grupo, o que torna as parcerias de ordem bastante delicada. O risco do outro não estar lá no momento é a morte.

Na psicanálise, podemos nomear como identificação essa parceria em que o sujeito constrói com outro a partir de um traço em comum e passa a tomar posse desse elemento para realizar trocas com o outro. Siqueira (2009) discorre sobre esse termo na teoria psicanalítica, esclarecendo que esse elemento tem grande importância na construção da subjetivação e da constituição do Eu e, conseqüentemente, na estruturação do inconsciente. A identificação não se trata apenas de uma imitação, mas da base originária do laço afetivo e o objeto.

A autora retoma a base freudiana e lacaniana para abarcar o conceito de identificação e nos utilizamos dessa discussão para abordar o lugar desse conceito em nosso trabalho. Inicialmente, Siqueira (2009) trata, inicialmente, das identificações históricas, em que o termo foi previamente discutido por Freud. A autora elabora essas identificações como expressão de um ponto em comum, que geralmente é sexual e que estaria recalcado no inconsciente. A identificação já formulada como um processo com capacidade de fazer parte da estrutura psíquica a partir do que se identifica e que possibilita construir uma identidade.

As identificações históricas podem acontecer com as seguintes variações:

- a) A identificação esforça-se para moldar o próprio ego, segundo um aspecto daquele tomado como modelo – a pessoa amada;
- b) A identificação com a pessoa que foi a pessoa amada, aparecendo no lugar da escolha de objeto, que se transforma, por regressão, em identificação, porém sublinhando que a relação de objeto permanece;
- c) A identificação surge a partir da percepção de uma qualidade comum compartilhada com uma pessoa que não é objeto da pulsão sexual;
- d) Identificação como forma de autopunição, em virtude de desejos inconscientes reprováveis. (SIQUEIRA, 2009, p. 65)

A identificação, sinaliza Siqueira (2009), tem papel importante e preciso para inserção do humano em sua espécie, isso porque o que se incorpora do outro da identificação incorpora no corpo próprio, construindo a possibilidade de ser do corpo. Essa seria a primeira forma de identificação, segundo a construção que a autora faz sob sua releitura de Freud. Seria essa identificação que promove um laço indissociável entre o social e o individual, promovendo em cada um o sujeito do eu.

Lacadée (2017) também parte desse pressuposto para tratar a identificação como constituinte para o ser falante, o sendo desde o momento em que se é um bebê e posteriormente aquilo que constrói o ideal do eu. No que tange ao adolescente, ele faz referência que o adolescente sente em sua carne a dor de todos aqueles que se encontram privados da sua língua, o que antes sustentava era a identificação constituinte e em seguida passa a ser a identificação por essa outra via. O autor continua dizendo que em tempos de solidão, na ausência de um outro físico, os sujeitos se apegam aos objetos gadgets, sendo através desses objetos que encontram lugares que possam resguardar sua intimidade, como são os grupos do *facebook*: um lugar secreto, como um diário íntimo, quase sua casa. (LACADÉE, 2017).

Portanto, passam a acontecer identificações secundárias, as quais tendem a ser localizadas como herdeiras do complexo de Édipo e produtos de modelos ideais. Siqueira (2009, p. 75) completa: “Portanto, quando tudo correu bem, o sujeito ultrapassa o Édipo provido de um ideal do ego, produto da identificação com o pai”.

Em continuidade à discussão sobre a identificação, propõe-se pensar a partir da lógica lacaniana com seus acréscimos à teoria. A identificação ganha um novo *status*, sendo relacionada ao significante. Portanto, trata-se na identificação de um traço unário que está na base da identificação e segue a mesma lógica nos diferentes momentos. O significante encarna o real e seria dessa forma que um traço determinaria a série de identificações posteriores. Esse traço único estaria na essência do significante. Quando há a identificação com o outro, não se trata da reprodução das características do outro, mas do que se apropria dos traços mínimos, em torno dos quais o sujeito se constitui e foi inserido em um mito individual e em uma história.

Então, a identificação se localiza em partes no plano imaginário e em partes no campo simbólico. (SIQUEIRA, 2009).

Siqueira (2009) passa então a abordar como o sujeito é atravessado pelo significante, partindo do lugar especular do qual se desenvolve. Ou seja, a autora revisita Lacan novamente para explicar que a imagem do outro tem valor imprescindível no mundo humano. Trata-se de um bebê que tem um corpo em pedaços, não sabe que essas partes são suas e passa a apreender através do espelho essa imagem que é projetada faz parte de si. O bebê se reconhece através do Outro que intervém e promove o reconhecimento de sua imagem, de um corpo próprio e que esse corpo é uma unicidade que difere dos outros objetos. Nessa medida, o espelho é estruturante nesse momento da discussão lacaniana, sendo preciso que exista o Outro para estruturar o seu corpo. A partir da relação do sujeito com o espelho surge algo crucial para o homem: o desejo.

Esse traço unário ganha o lugar de S1, trata-se do início que desliza para os outros significantes da cadeia. Há dois caminhos possíveis para essa cadeia: o simbólico e o real do gozo, fora do efeito da significantização, da elaboração e do discurso. Para Siqueira (2009), existe um gozo conectado ao próprio corpo que ocorre como se gozasse fora do corpo próprio. O corpo próprio com o seu fora produz uma relação com o superego com um hiperativo de gozo, solitário, do Um. Gozar de si não deixa de ser uma insistência do superego de gozar do Outro.

De mãos dadas a essa contextualização, o estatuto contemporâneo das identificações, pensamos que se antes havia uma estrutura hierárquica na sociedade que uma lei interditava o gozo dos corpos e um autoerotismo, hoje não há se não um “proibido proibir” que põe em jogo o ápice das descobertas desse corpo. Há o máximo de identificações imaginárias que resultam em inúmeras patologias sociais e que marcam uma desorientação no discurso do Outro, bem como o Outro é fragmentado, flutuante e líquido (SIQUEIRA, 2009). Nos damos conta, assim, da fragilidade dos meios de comunicação que repercutem em relações imaginárias que põem em risco o corpo a todo instante, sendo necessário inserir uma lógica que escape esse hiperativo de gozo proposto nas revoluções científicas, tecnológicas e econômicas.

5.3 O corpo em ato nas adolescentes meninas: algo escapa

Partindo da compreensão que a identificação imaginária traz elementos destrutivos para o corpo, muito voltado ao campo do gozo, questiona-se o que leva as adolescentes a dar continuidade às escarificações. Passamos a escutar o motivo da continuidade dos cortes quando a palavra se torna insuficiente para abordar o que invade o corpo, desse modo, o corpo passa a

estar em ato. A saída tem sido apelar para as escarificações, a morte e os vícios. Escarificar-se conota o mesmo ato compulsivo do usuário de drogas, pois elas afirmam que não conseguem parar. A experiência subjetiva também de um vazio, de sufocamento, de ausência de sentimentos, caracteriza-se como uma espécie de suspensão do desejo.

Isso é visto no *facebook*, quando uma participante posta:

Depoimento 7: (...) eu quero viver, eu quero viver e não morrer, isso sufoca, isso sufoca, meu peito está vazioo, meu coração está frio, minha mente está quente de tanto pensar nesse vazio, é o vazio,. Me desculpe amor eu sinto dor e to avisando que não estou bem. E estou sufocando, meu peito está vazio, vazio. Eu sei é a morte dizendo que tenho que ir, é o vazio. Só outro vazio”, “Sabe quando você não sente nada? Não sente fome, frio, calor, tristeza, felicidade... simplesmente, nada”, “já suportei demais, não aguento mais isso. 3 meses sem me cortar, hoje eu vou quebrar essa abstinência.

Esse depoimento indica a continuidade dos cortes e, se inicialmente era direcionado ao outro, ante a não resposta do outro, a não escuta ao apelo, os cortes, pela compulsão, passam a ocupar um lugar de excesso, excesso de dor/gozo retroalimentando a compulsão.

O enigma do ato para as adolescentes ganhou forma na experiência do CAPS, na medida que participantes meninos questionavam sobre o que levava as meninas a permanecer se lesionando. Desse modo, os rapazes revelavam a impossibilidade da escarificação para eles na medida que tinham medo e receio do ato. Há, nos discursos dos meninos, situações semelhantes ao que para as meninas antecipou os cortes, mas eles parecem recorrer a outros atos como: o mundo do crime, o uso de álcool e cigarro em parceria com seu grupo, piches e etc.

Nesse momento, algo sobre a posição feminina passou a se colocar de forma discrepante. Na experiência clínica, foi demarcado de forma explícita o ato no próprio corpo como sendo o elemento possível para elas. Portanto, o que ganhou destaque foi a dificuldade na relação com seu corpo, elementos de estranhamento e de horror advindos com a puberdade, mal estar com o corpo, estranhamentos que refletiam nas relações, tendo em vista que ou evitavam ou circulavam pela experiência homossexual (em sua grande maioria), ou se colocavam na ordem do impossível.

Tendo em vista essa apresentação dos principais elementos do grupo e de algumas das participantes, é possível delimitar alguns pontos imprescindíveis. O primeiro deles se trata dos sintomas em comum, que é indicado pela inserção das mesmas no grupo e que acaba por se tornar o elemento que aponta uma identificação nas relações horizontalizadas. Em segundo, o lugar do reconhecimento do outro sob elas. Em terceiro lugar, o enigma que circunscreve o início dos cortes e a continuidade deles, posto que o início está diretamente relacionado à impossibilidade de dizer algo, mas a continuidade dos cortes fala mais sobre uma relação com

o corpo e com o feminino, o estranhamento desses e um não saber fazer com eles, aliado de forma contínua ao lugar o qual é colocado sua história de vida.

Depoimento 8: Eu só quero morrer, mais nada. Tô cansada de sofrer, cansada de ser uma idiota, cansada de tentar fazer de tudo pra perder peso e continuar na mesma, tô cansada da minha mãe, tô cansada da escola... Definitivamente, tô no meu limite. As pessoas me julgam muito, mais elas não fazem noção do quanto eu to me segurando pra não me cortar. Essa uma semana que eu tô sem me cortar, ta me deixando louca, tá me deixando perturbada e a cada dia que se passa eu penso mais em desistir; e a única coisa que ainda me faz permanecer viva, é o fato de eu amar muito 3 pessoas e querer vê-las bem e vivas, principalmente. Eu tô me segurando muito, mais tô com medo de não conseguir me controlar por muito tempo. ♥☹️🍃

Imagem 11 - Pernas Cortadas



Fonte:https://scontent.fcpv41.fna.fbcdn.net/v/t1.09/33901243_118728479013224_6412496772630839296_n.jpg?_nc_cat=102&_nc_ht=scontent.fcpv41.fna&oh=5a3f5f3f211c2ad8251dec4d6424b7b7&oe=5D4D400D

Depoimento 9: Boa tarde, preciso conversar. Me sinto muito mal. Já tem duas sessões que não vou a terapia. Isso está me deixando super agitada, angustiada, aflita e com medo. Sem a ajuda da minha psicóloga fico sem lugar é como se eu não existisse. Ontem tive um ataque de raiva. Mesmo me esforçando não estou conseguindo ficar bem. Me sinto sozinha. Não fico bem quando me sinto assim. Perco o controle, os pensamentos ruins tomam conta de mim. Sinto um monte de sensações ruins e começo a me machucar. É estranho sentir tudo junto. Ainda falta muito para minha psicóloga retornar de férias. Esta muito difícil, nem levantei da cama ainda. Me sinto mal pelo jeito que me comportei na sala de aula ontem. hoje não tenho aula, amanhã tenho prova, estou com medo de ir à faculdade amanhã estou com vergonha. Não consigo comportar como as pessoas querem. Sinto que não pertencço a esse mundo, não consigo adaptar a ele. Nn aguento mais!!!!

Depoimento 10: Nn aguento mais fingir q estou bem, fingir q nn tenho medo de nada e nem de ninguém, fingir ser durona... Eu nn estou bem!!!

Depoimento 11: É horrível todos os dias chegar na sala de aula e não ter ninguém com quem eu conversar, todo mundo conversando com os amigos e eu lá no meu canto sozinha cortando com lâmina uma folha, por cima da palavra 'suicídio', todos dizem que eu não presto, eu sou o quê? A folgada, a barraqueira, a piranha, a falsa, a feia, a sem coração? Talvez estejam certos, eu devo mesmo ter coração mesmo, afinal, já o destruíram

Depoimento 12: É fácil julgar, é fácil criticar, ninguém sabe da história do outro. Eu queria que cada pessoa que me julga, cada pessoa que já me magoou, eu queria que essas pessoas sentissem na pele, que elas passassem por tudo que eu passei, que passassem por tudo que eu passo, que sentissem tudo que eu sinto, que vissem de segundo em segundo o mundo inteirinho desabar, que ficasse sem encontrar uma resposta para todos que se foram mas que antes prometeram ficar, e que mesmo com tudo isso acontecendo ter que colocar a merda do sorriso no rosto para fingir estar bem. Às vezes eu só sinto vontade de largar tudo e sumir.

A emergência denotada na fala e na escrita dessas adolescentes parece nos remeter a um elemento significativo que se trata de algo que escapa à compreensão das mesmas. Mesmo fazendo laço com o grupo, mesmo havendo identificações que parecem tornar alguma construção possível, ainda assim, algo escapa na medida que o encontro com o real da adolescência e do feminino traz ressonâncias indizíveis para o corpo. Esse elemento nos faz destacar o feminino, porque se para os adolescentes homens a procura de uma construção possível se dá no outro, para as mulheres essa busca retorna ao próprio corpo.

É possível se dar conta que o *ciberespaço* que compartilham cumpre determinada função para as adolescentes, apesar de circular sempre no imaginário e, por isso, encontram-se constantemente em recaídas, ou seja, só lhes servem em partes como instrumento de recuperação.

Já o que se discute a respeito do feminino para a psicanálise, sobre a noção do enigma, como proposto por Freud, ou do litoral, como proposto por Lacan, nos dá subsídios para entender que essa posição feminina põe as adolescentes em um local para além daquilo que pode ser colocado no grupo, visto que recorrentemente as adolescentes se servem do grupo para expor que mais uma vez voltaram a se cortar. Assim como discutido nos casos acompanhados por Freud, “Dora e uma jovem homossexual”, é possível perceber que algo que fica no campo do encontro com o sexual, o tornar-se mulher acaba sendo de difícil apreensão e por isso recorrem aos atos.

O ato passa a funcionar aqui como uma tentativa de construir o ser mulher sabendo que a sexualidade feminina comporta um gozo que está além do falo, portanto, para além da linguagem e que na tentativa de buscar saídas, algumas adolescentes vêm recorrendo ao corpo próprio. É uma escrita do impossível, se pudéssemos assim nomear.

Os casos emblemáticos acompanhados por Freud nos convidam a localizar o corpo como depósito dos atos que não encontram recurso na palavra. Esses casos, bem como o que foi visto nas discussões a respeito dos discursos das adolescentes, trazem repercussões para o ato da escarificação em meninas.

No *facebook*, vários *posts* nos esclarecem a respeito dessa dimensão do corpo como sendo o depósito dos atos por faltar recurso na palavra. Um deles nos chamou atenção pois se trata de uma frase com o símbolo do feminino do lado de uma impossibilidade de dizer e acompanhado de uma foto dos cortes:

Nada a dizer ♀:

Imagem 12 - Cortes. “já suportei demais, não aguento mais isso. 3 meses sem me cortar, hoje eu vou quebrar essa abstinência”



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/326490930857520/>

Imagem 13 - Cortes. “N fui capaz de suportar, de me conter e + uma vez fui fraca.”



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/232345567211514/>

Imagem 14 - Cortes. “Eu só quero morrer”



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/232345567211514/>

*Depoimento 13: Pois eu e ngm precisava passar por isso...mas infelizmente temos
Eu n sinto mais nenhum sentimento ...apenas quero morrer e que tudo isso acabe..*

*Depoimento 14: Eu só queria dormir e nao acorda mais, esse buraco dentro de mim
que parece nao ter fim, ta difícil de continuar.*

Depoimento 15: Alguém já teve uma crise na rua e na cabeça só pasava em morte e o lixo, desgosto e fracasso que você é, e não pode fazer o que a cabeça queria pq tem que ser obrigado a dor um sorriso fingir que não está acontecendo nada mesmo sempre se sentindo uma merda?

Os depoimentos retratam a dificuldade daquilo que escapa às palavras, mas também as adolescentes acabam por falar de morte e apresentar seus cortes na carne como saída. É um sem limite que encontra na dor e no sofrimento um rompimento com a medida fálica. Propõe-se a pensar, portanto, na dimensão de litoral. O mar e a terra: a dimensão do infinito desses elementos se mistura no litoral, não há marcação precisa, elas se misturam. O feminino não conhece as fronteiras, mas conhece o litoral, conhece o infinito do litoral. E como escrever o infinito? Se em um momento precedente recorremos a Clarice Lispector, na sua posição de escritora e de mulher, agora recorremos a dimensão dos atos bem como tentamos ordenar uma outra forma de escrita.

5.4 A escrita do impossível

Ferreira e Costa (2018), em seu artigo: “Mensagens sobre escarificações na internet: um estudo psicanalítico”, trazem elementos que coincidem na discussão do que foi posta até o momento. As autoras visualizam o início dos cortes com algo relacionado a uma dor psíquica sem tamanho, enfrentada a partir da história de vida de cada uma. Posto isso, depois do início dos cortes, mesmo tendo de encarar as mesmas dores que fizeram dar início, algo parece ultrapassar isso para dar continuidade aos cortes. Ferreira e Costa (2018, p. 138): “a economia libidinal se direciona para dentro e atua violentamente contra si mesmo [...]este modo de suprimir a agressividade, desviando para o próprio eu o impulso destrutivo, é uma característica constitutiva eminentemente feminina”.

Esse enigma que se apresenta como além do sofrimento, posiciona-se para as autoras a partir dos relatos das falas encontradas por elas com sensações prazerosas, como também foi dito pelas adolescentes no *facebook* e no grupo do CAPS, chamando a lâmina de “melhor amiga”, por exemplo.

As adolescentes passam a localizar os cortes como um vício e é interessante destacar que esse vício está relacionado à importância que os cortes passam a assumir nas suas vidas. Esse elemento anda de mãos dadas com o impossível de simbolizar, impossível de explicar. Mas há sempre uma relação direta desse elemento com o lugar de afastamento do afeto ruim.

Costa (2002) discorre acentuadamente sobre o lugar da escrita no corpo quando está se referindo à tatuagem. Esse elemento, sendo assim, nos pareceu ter grande relevância teórica

para discutir a escarificação. Segundo a autora, há uma outra face da escrita que vai além do coletivo, ou seja, fica no privado de cada um. Trata-se daquilo que fica velado e que só se coloca nos diários e livros de cabeceira. Na adolescência, Costa (2000) continua, isso se dá na relação com o resto, com a impossibilidade de universalizar e de tornar o corpo todo coletizável. A letra funcionaria como a produção desse privado. Essa forma de construir a escrita viria como uma escrita do corpo, essa escrita se dá principalmente na passagem da infância para a adolescência, por exemplo, na tentativa de recuperar essa dimensão da escrita.

Ferreira e Costa (2018) destacam a presença desse elemento nas escarificações, pois a escrita possibilita que as adolescentes se situem na sua história, nos seus laços e nas suas relações com seus pares. Além disso, também denunciam o jogo em torno das escarificações caracterizado pelo ato de dar e receber os cortes. Pode-se entrever, portanto, que os cortes podem ser classificados pela função de escrita que marca o corpo e que produz um distanciamento do afeto que incomoda.

A marca surgiria como um limite, já que ele não se inscreveu de outra forma, contendo a pulsão que emana no corpo. Costa (2002) explica justamente que não conseguimos interpretar completamente o nosso corpo, ficando sempre um resto não interpretado. Esse restante, então, exprime-se através da escrita nos diários e nos traços no corpo.

A lógica de que o corpo é marcado pelo significante nos põe a pensar a respeito do que foi verificado nesses recortes: “O Outro é o corpo e o corpo foi feito para ser marcado” Lacan (1967) como citado em Siqueira (2013, p. 112) e “O que não pode ser dito pode ser escrito” Miller (2011) como citado por Siqueira (2013, p. 112); pois se é certo que o corpo é marcado, ele precisa ser inscrito sobre essa marca. O gozo surge como aparato entre o significante e o real, o que irá implicar em só ser possível gozar com uma parte do corpo do Outro, a partir daquilo que se inscreve em seu corpo como significante. Esse significante seria então a causa final do gozo, o corpo seria a causa material do gozo e a fala a causa eficiente do gozo. Esses elementos dizem que é preciso ler aquilo que está além do dito, decifrando as letras que compõem o inconsciente (SIQUEIRA, 2013).

Tomando a letra como campo do significante vinculado à ordem pulsional do gozo, estaremos diante da perspectiva do inconsciente “letrificado” no real. As autoras comentam que a visão lacaniana busca abarcar a dimensão da letra distinta da noção do significante, sendo a letra associada ao campo pulsional, do gozo, deste modo a letra encarna uma materialidade, sendo possível deslocá-la, manipulá-la e transmiti-la (CORDEIRO & LUCHINA, 2017).

A letra, nos diz Tysler (2011) seguindo o pensamento lacaniano, tem um lugar crucial na psicanálise, posto que ela está no começo e também está conectada com o destino humano. Ela está no começo em resposta ao recalque originário, então, é desnaturalizada, perdendo sua ligação com o significante, mas a letra se torna indestrutível. Cada letra será solicitada ao longo da vida em diversos arranjos, havendo uma infinidade de possibilidades, sendo ela indestrutível no inconsciente. Tysler (2011, p. 12-13) revela: “Ela fura o corpo e lhe assegura a sua erogeneidade. A letra é o tempo circular do sujeito (...) tempo circular da letra, o que está atrás de mim e adiante do infinito”. O autor discute justamente que sendo o objeto de gozo para o outro, não consegue se desvencilhar desse gozo e também não consegue perceber. Sem a transferência, o sujeito não tem a oportunidade de perceber o gozo que lhe põe na posição de objeto.

Lacan (1971/2009) faz da palavra literatura um chiste “litureterra”, em seguida busca a origem da palavra: literatura do latim letra e lituraterre do latim rasura e acrescenta o campo semântico litter (lixo), referindo-se ao resto irreduzível associado à letra na dimensão lituraterre. Esse jogo proposto por Lacan possibilita extrair o máximo da palavra para que possamos saber que algo fica enquanto resto, que não pode ser absorvido. Assim também é a escrita, Cordeiro e Luchina (2017) se apegam justamente a esse jogo para dizer que Lacan se compara a James Joyce, escritor irlandês, fazendo deslizar *a letter* para *a litter*, ou seja, de carta/letra para lixo. É assim que as autoras propõem que o lugar que Joyce dá à escrita o coloca no lugar do dejetivo, sendo esse elemento o que demarca a operação singular da escrita como um resto irreduzível às operações de sentido. Fazendo do lixo da letra aproximaria a letra de um discurso que não fosse semblante.

Portanto, a metáfora do litoral articula duas dimensões da letra: sentido e gozo, saber inconsciente e real. O litoral nos põe em um campo estrangeiro, em que não se conhece nada da dimensão do outro, sem nenhuma reciprocidade. Ao mesmo tempo que separa o mar e a terra, ele também os conjuga, como uma continuidade um do outro. Cordeiro & Luchina (2017) nos põem a pensar a letra como significante e também como gozo, prestando-se ao saber e ao gozo, fazendo, por ora, furo nesse saber. Ultrapassa-se, portanto, a noção da cadeia significante, caminhando para suas interpretações conduzirem ao gozo. A linguagem convoca, dessa forma, o literal para o litoral.

No entanto, esse caminho parece ser sem escapatória e reduz as possibilidades do sujeito, assim como escutamos no discurso das adolescentes que passam a se resumir as suas escarificações, na medida que não visualizam outra saída. O que de certo modo pode fazer uma

torção nesse sofrimento “sem escapatória” seria justamente aquilo que é proposto por Lacan (2009 [1971]) enquanto uma rasura de um traço. Posto de outro modo, diferente do traço primário, a rasura que o apaga precisa surgir a partir de uma intervenção do sujeito, sendo uma façanha própria que precisa ser construída de forma singular. Por isso, Lacan (2009 [1971]) propõe a escrita de Joyce como “sinthoma”, posto que desordena o sentido. Há mais literatura que literatura na escrita de Joyce, contudo já se vê que não se trata de uma escrita qualquer, mas de uma invenção.

Na clínica com o adolescente, Tysler (2011) discute que agir é diferente de atuar, posto que o atuar diz respeito a tomar uma decisão, enquanto o agir é produto da clínica pulsional, que não encontra realização de desejo. Por isso, o imaginário que se cola é terreno fértil nesse campo. Essa pulsionalidade tem uma demanda imperativa no corpo, e por isso mesmo ela fala. Não adianta, portanto, tentar decifrar com o paciente o significado do agir, posto que ultrapassasse qualquer entendimento. Posto isto, compreende-se que o corte no real do corpo surge como uma saída desse agir pulsional, ou seja, o imaginário se fixa ao corpo real. O imaginário aqui surge para fazer laço, enodar-se com o outro, mas ele não é suficiente.

Kong (2013) explica que atuar é uma ação inconsciente que aliena o assunto, na qual o sujeito passa a ser aquele da compulsão e não o da razão. O atuar permanece preso à dimensão do masoquismo, em que seus passos são guiados pelo inconsciente que impede outras escolhas. No ato, portanto, sai do assunto. Na passagem ao ato, por outro lado, o real é consentido, o assunto existe. Assumindo aí o que há de real: o insuportável abismo. Nesse ínterim, esse é um dado clínico imprescindível para pensar o que precisa ser deslocado do campo da fala para o campo do discurso.

Isso nos põe a estabelecer também um lugar na experiência analítica: chega um limite em que se vacila o sentido do sintoma, restando-lhe o gozo não significantizável, fixado pela letra, advindo do real. Portanto, o que Joyce consegue alcançar, para Lacan (2009 [1971]) é justamente o auge daquilo que se pode esperar de um fim de análise, pois se trata da criação singular que torna possível fazer uma torção do gozo.

Essa elaboração nos faz arriscar sobre o lugar que deve ser visualizado a escrita dessas meninas, que não esteja ligado ao gozo no corpo, mas que se possa realizar uma invenção singular disso que não é mais possível captar pela via do significante. Na imagem a seguir, a adolescente, já com os cortes cicatrizados, coloca flores sob eles e elabora uma legenda que põe uma nova perspectiva.

Imagem 15 - Cortes. “É preciso reflorescer”



Fonte: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2339514919611720&set=gm.1198223793684225&type=3&eid=ARBK-CafrAq-jSw3koCZCYoqVZYbbGCCGBMPA-K_8I9L4ChciibAdzYBMZ5khyHSLorDvE9cRhSDHphy&ifg=1

Nesse momento, utilizando elementos das próprias adolescentes que conseguiram fazer uma torção no seu ato, atrevemo-nos a dizer que há algo que possa bordejar esse gozo não significantizável: a poesia.

Poema 1:

Incompletude

Nunca me acostumei a ficar só
Sempre procurei a companhia de alguém
A solidão nunca foi uma boa companheira
Procurei a parte que faltava
Para me completar
Para que eu possa ser inteira
É possível ser feliz sendo solteiro?
Quem procura metade
Nunca terá felicidade
Nunca será completo
Quem procura no outro
Tapar o seu vazio
É como um rio que secou
A árvore sem fruto
Vive o luto da morte de si mesmo
Ser incompleto é ter a perspectiva
Que o outro vai te fazer feliz
A parte que nos falta é saber
A falta que fazemos em nossas vidas
Somos espectadores
De um filme chamado vida

Esperando que alguém nos faça feliz
Você é responsável pela sua felicidade
Lute pela abolição da sua alma
Viva a liberdade
De ser inteiro
Fonte: (Escrito de participante do grupo)

Poema 2:

Quero sentir na pele que estou florescendo.
me revele que, esse amor não irá morrer.
Minha face vazia de boneco empuerado (empoeirado) está ficando triste,
estamos nos perdendo no espaço
Sou muito sádico e não quero escrever.
Só eu sei o quanto isso me deixa em pedaços.
E tenho três "m" no peito.
Nós caminhamos para a beirada,
E vejo você lá em baixo sangrando.
Meu coração está batendo fortemente em meu peito.
Estou olhando minhas mãos pois não as sinto.
Estou frio. Estou a cada vez mais vazio.
Então só eu sei o quanto isso me deixa em pedaço.
E tenho três "m" no peito
Não julgue ninguém.
Pois você terá o mesmo final.
Preciso de alguém.
Pois esse é meu final.
Floresci vendo as rosas me deixarem.
Floresci e vi minhas luzes se apagarem.
Tenho três "m" no peito.
Amo, amor morto.
E só eu sei o quanto isso me deixa em pedaços.
Fonte: (Escrito de participante do grupo)

Escrito 1:

Cheia de insetos eu quero viver, eu quero viver e não morrer, isso sufoca, isso sufoca,
meu peito está vazio, meu coração está frio, minha mente está quente de tanto
pensar nesse vazio, é o vazio,. Me desculpe amor eu sinto dor e to avisando que não
estou bem. E estou sufocando, meu peito está vazio, vazio. Eu sei é a morte dizendo
que tenho que ir, é o vazio. Só outro vazio.
Fonte: (Escrito de participante do grupo)

Esse percurso buscou sintetizar os elementos significativos que essa função tem para as adolescentes enquanto sujeitos, público de maior destaque tanto *online* como na experiência da psicanálise aplicada. Contudo, o contorno dessas discussões parecem ser apenas um olhar das diversas possibilidades que esse campo oferta e, por isso, nos possibilita realizar investigações por diversas vias.

A proposta de um lugar para a poesia como tentativa de dar um outro lugar ao gozo precisa ser vista de forma muito delicada, pois não tratamos aqui de dizer que é uma solução para todos. Pelo contrário, a forma como trazemos aqui é da experiência daqueles que se serviram da poesia quando mais nada funcionava como apaziguador do embaraço com seu corpo. Além desse, enxergamos o lugar do grupo como um instrumento utilizado por alguns para sair do circuito que antes estava inserido, deslocando seu lugar frente ao mal estar que antes o invadia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O momento de concluir não encontra uma única resposta, mas finda o processo com uma questão que teve ordem cronológica e encontra saídas possíveis. Inicialmente, foi necessário investigar como se dá a relação da adolescência com o corpo. No decorrer do percurso, a questão foi aprofundada: por que as meninas? Foi possível então elaborar: “qual o lugar das escarificações para adolescentes do sexo feminino?”. O percurso e a formulação que norteou o trabalho se deram ao longo da experiência, por isso toma o lugar de uma questão clínica, abarcando sua dimensão de escuta e sua responsabilidade ética com o sujeito que chega.

O ponto central deste trabalho, como o sujeito adolescente se utiliza do seu corpo, passou a ser a base que direcionou nosso percurso. Buscando localizar nos atos subsídios que nos levem a discutir o que os atos (re)velam.

O tempo de compreender abarcou não só leituras, revisões bibliográficas e estudo, mas o momento em que se desprende das amarras que fazem escutar os atos de um lugar coletivo. Ou seja, foi preciso estar atento ao que estava sendo dito pelas adolescentes, muito mais do que o que estavam dizendo sobre elas, para que fosse possível chegar a um momento de concluir. Desse modo, foi possível encontrar possibilidades a partir da escuta de alguns malabarismos próprios para lidar com os seus impasses. É preciso ultrapassar os muros que em um momento anterior se colocavam. No percurso, portanto, foi preciso suportar os limites e saber fazer algo a partir deles.

Sustentar aquilo que é um impasse para a experiência, lembra-nos o lugar o qual a psicanálise foi se constituindo e por isso se encontra sempre de mãos dadas com o mesmo compromisso de sempre: diante de um fenômeno, é preciso ultrapassar o olhar superficial para adentrar naquilo que é enigmático. Portanto, diante de uma modalidade sintomática da atualidade, em que o sujeito fica à beira da morte, entender como ultrapassar os discursos superficiais sobre o tema para entrar na singularidade da questão para cada um.

Realidades de difíceis tratos, somadas com a dificuldade (para muitos) da passagem infantil/adulto desembocam em construções sintomáticas que colocam o corpo no seu limite. O corpo passa a estar no centro, no palco; toda possibilidade de ato que possa trazer sua cena é válida, sendo que por muitas vezes traumática. A cena atualiza aquilo que é traumático, mas também põe o sujeito no seu limite, na tentativa de uma inscrição. O sujeito adolescente se utiliza da sua teatralidade⁸, para fazer valer seu corpo e sua experiência singular. Mas a cena

⁸ Essa metáfora foi utilizada enquanto um jogo com aquilo que se traz no senso comum em relação as escarificações: “é para aparecer”, “é teatro”, dentre tantas outras frases que menosprezam o sofrimento que está

por si só não lhe basta, é preciso que seja reconhecida como tal, é preciso ser endereçada e que o outro a reconheça. Para tanto lhe serve tanto a plateia como os outros atores⁹. A plateia se faz necessária, visto que a sua presença configura a cena como autêntica. Já os atores funcionam como par, para que a cena aconteça, ou seja, se faz necessário que haja o outro, na sua identificação com ele, para que haja a primeira cena e para que ela permaneça existindo.

Desse modo, no decorrer da cena, e na repetição dela, precisamos perceber aquilo que se faz como enigma e que a cena parece funcionar enquanto uma função de escrita no corpo, não distante da dimensão do corpo enquanto lugar da linguagem e do gozo.

Os atos são considerados como uma busca para encontrar saídas a esse corpo, contudo esses atos não dão garantias, eles simbolizam uma aparência de gestos sem precedentes, justamente porque não se encontra o sentido do ato.

A repetição dessa cena ocorre por uma dualidade persistente: o sofrimento e gozo. Ao longo do texto, foi possível perceber como as falas das adolescentes voltam-se para uma dualidade: por ora relacionada ao sofrimento intenso e sem escapatória, ora relacionado ao “vício”. Essa dualidade parece ter uma dimensão inaugural, por trazer à cena o elemento inconsciente, que escapa a lógica da consciência: o que faz as meninas permanecerem se cortando? Essa dimensão expõe um atravessamento muitas vezes localizado na cena em si, como se ela lhe representasse por inteiro.

Posto isto, foi percebido que a escarificação não é puro elemento atual, mas também uma prática que circunscreve uma invenção, ou seja, opera com uma função de escrita e por isso estabelece uma tríade: vida-corte-morte. O que fica para nós é que as adolescentes direcionam para o fim das escarificações ser um lugar muito próximo do desejo da morte e por isso a tríade ganha força constante no percurso dos atos.

Mas por que as meninas? Seriam os atos direcionados ao olhar do Outro? São para fazer laço com um grupo? São fenômenos políticos e culturais? São tentativas de fugir da dor de um trauma? Essas questões retornam aqui para construir algumas hipóteses de acordo com o que foi vivido nessa experiência.

É possível perceber que assim como as perguntas, há várias respostas. Enquanto um viés sintomático da atualidade, podemos pensar a escarificação como uma denúncia de um mal-estar social, que se dá na própria construção econômica e tecnológica e que tem repercussões nos

por traz das escarificações. Desta forma talvez nos sirva para ficarmos atentos a dimensão do ato para as adolescentes.

⁹ Esses atores podem ser tomados aqui como aquelas pessoas que estão em ato, onde o ato é o centro da dimensão explorada aqui. Atuação essa que é na vida real, que põe a vida em risco e não é apenas uma brincadeira.

laços. Portanto, o grande número de casos parece ter um lugar político e a adolescência faz valer a denúncia de que a palavra se faz essencial, para que a barbárie não nos tome. O ser humano não é seu corpo em sua totalidade, ele o possui e ele inaugura a falta do ser que tem repercussões no significante que o atravessa e nos laços. O sujeito é assim nomeado porque é assujeitado às leis da linguagem e, portanto, precisa se utilizar dela.

Contudo, a dimensão da palavra parece não ser suficiente para que o sujeito dê conta da dor do trauma, caracterizado pelo encontro com uma impossibilidade. Daí surge a questão que o corpo parece entrar em cena para circunscrever o trauma e o enigma que é posto sobre o feminino. Desse modo, o início das escarificações dizem muito daquilo que é impossível de ser dito pela palavra. Mas não deixam de ser uma tentativa de dizer algo, mesmo que seja inscrevendo no corpo.

Por outro lado, as escarificações também se referem a uma forma de constituir grupo na adolescência. Foi percebido ao longo do percurso que ter grupo na adolescência é uma forma de se inserir no laço social. Isso fala das identificações que permeiam o lugar dos laços, posto que é um momento que o saber transmitido pelo Outro cai e o sujeito se vê sem bússola para encarar determinados conflitos. Posto isso, compreende-se que os cortes tanto têm função de escrita como de laço.

Esses elementos não dizem de todas as escarificações, mas sobre aquelas que de alguma forma foram investigadas nesse trabalho. Dessa forma, o objetivo de analisar a autolesão em adolescentes meninas percorreu um caminho que por um lado revistava algumas noções sobre a adolescência e sobre o corpo na psicanálise e por outro buscou problematizar se a única saída possível são os cortes. Para isso, investigar e encontrar problematizações possíveis seria necessário escutar ou visualizar o que as adolescentes estavam produzindo a respeito.

O ponto de virada do trabalho se deu no momento que foi percebido que independente do campo utilizado na metodologia – os depoimentos no *facebook* – não haveria apenas um lugar metodológico para ter acesso a fotos e falas, mas foi compreendido que esse campo é localizado, para aquelas que fazem parte dele, como um espaço de torção: em que se parte da escrita no corpo para a escrita no grupo, o que funciona em alguns momentos como apaziguador. Ou seja, aquele que era nosso método passou a ser percebido como um espaço que é procurado pelas adolescentes, tanto como na parceria identificatória com o outro, como também um espaço de dizer de sua história, suas impossibilidades, e de procurar suporte, de diálogo, de procura e de partilha. Claro que não para todos, visto que em partes funciona para algumas como reforçador dos cortes, por outro diz de uma tentativa de separação, depondo

sobre o tempo que está sem se lesionar ou servindo com suporte, “apoio” (como elas nomeiam) umas para as outras.

Assim, o grupo possui função na adolescência, pois busca subsídios encarar as durezas da vida e coloca um intervalo na tríade vida-corte-morte, fazendo vacilar a certeza, por vezes delirantes¹⁰, de que o corte é a única saída. O desafio está em fazer operar um outro significante no meio dessa tríade, mesmo que para isso seja preciso recorrer à poesia. Para isso, trata-se de uma invenção singular que precisa operar nessas emergências e dificuldades com o impossível de dizer do feminino.

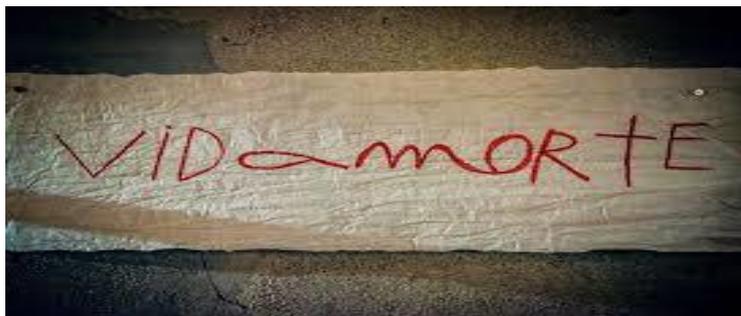
As adolescentes meninas precisam encarar (cada uma a sua maneira e atravessada por sua história) um sem limite. As meninas estão procurando a escarificação como um lugar de dor que rompa com a medida fálica e abarque a dimensão do litoral, por não construir uma questão possível na dimensão do litoral para encontrar um significante que desloque do circuito da pulsão de morte: **vidamorte**¹¹, poderia ser uma nova tríade, visto que antes localizado em uma díade **Corte/Morte**, marcada apenas por uma letra que diferencia os significantes. A entrada de uma nova forma de construir o significante, passando pela lógica da tríade, dá a possibilidade de escrever poesia para encarar o real que bate à porta. É preciso, portanto, deslizar a partir de malabarismos próprios essa escrita do infinito para não entrarmos no engodo de acreditar que a adolescência se reduz a um drama da carne.

Sabe-se que as escarificações, partindo dessa discussão do litoral, falam de um traço muito mais cru e de difícil apreensão pela palavra, visto que a razura no litoral seria seu apagamento para um traço na pele. É fazendo aposta que as adolescentes são muito mais um traço na pele que é possível fazer valer o lugar de outras formas de escrita/inscrita.

¹⁰ Não me refiro ao delírio psicótico propriamente dito.

¹¹ Como proposto em escrito da artista Mana Bernardes.

Imagem 16 - Formas de escrita/inscrita



Fonte: https://www.google.com/search?q=vidamorte+mana+bernardes&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwim66nxwdDhAhVQJrkGHRwVCdwQ_AUIDigB&cshid=1555276952635639&biw=1366&bih=657#imgrc=WsDpvBFweeHa7M:

Essa construção nos faz avançar a prática clínica por propor que há algo que esbarra e se torna inassimilável do sentido, mas que faz avançar em um sem sentido que produz invenções. Diante do gozo não significantizável fixado na letra que advém do real, o sujeito alcança o auge de sua transformação no fim de uma análise. Nesse momento, tratamos de uma criação que não é coletiva, mas única e não é sem dificuldades. De certo modo, a forma como algumas das integrantes recorrem à escrita, à música, à arte e às produções, nos põe a pensar sobre a possibilidade de circunscrever o ato por uma outra dimensão que marque o corpo de forma diferente. É preciso se utilizar do corpo enquanto instrumento de produção e não de destruição.

Esse avanço nos faz pensar sobre o poder transformativo da clínica, como proposto por Neves (2018), que discorre acerca da dimensão da cura como um lugar político de transformação. Essa dimensão nos mobiliza a localizar a importância da criação e da transformação, principalmente no que tangencia a atualidade e o contexto histórico, em que se valoriza o corpo em sobreposição ao discurso. Essa valorização não é sem consequências. A história não ensinou que sem a palavra o ato ganha dimensões de barbárie? Então, por isso permanecemos apostando na linguagem como forma potencializadora de modificação. Posto isso, percebemos que o corpo se localiza enquanto insistência de uma letra de gozo e diante dela busca uma escrita possível.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, P. . **História social da criança e da família**. 2ª Ed. Rio da Janeiro: Guanabara, 1986.
- ARCOVERDE, R.; Soares, L. Funções Neuropsicológicas associadas a condutas autolesivas: Revisão integrativa de literatura. **Psicologia Reflexão e Crítica**. Porto Alegre: v. 25, n. 2, Porto Alegre., 2002.
- ARAÚJO, J.; CHATELARD, D.; CARVALHO, I.; VIANA, T. . O corpo na dor: automutilação, masoquismo e pulsão. **Estilos clínica**. São Paulo: v. 21, n. 2 , 2016.
- ARTEIRO, I. **A mulher e a maternidade**: um exercício de reinvenção. Tese de doutorado à Universidade Católica de Pernambuco. Recife: UNICAP, 2017.
- BASSOLS, M. **O feminino, entre centro e ausência**. Opção lacaniana online. Ano 8, n. 23, 2017
- BARROS, P. “**Eu vinha rodando pela rua**”: Que ponto de ancoragem para o sujeito adolescente em situação de rua? Tese de doutorado à Universidade Católica de Pernambuco. Recife: UNICAP, 2015.
- BROUSSE, M-H. **O que é uma mulher?** Entrevista com Marie-Hélène Brousse. *Latusa Digital*. Ano 9, n. 49, 2012.
- CORDEIRO, E. F; Luchina, M.M.R.V. **O inconsciente** – do sentido do significante ao gozo da letra: um estudo lacaniano. *Avances en Psicología Latinoamericana*, Bogotá (Colombia), Vol. 35(3), 2017, p. 583-600.
- COSTA, A. **Se fazer tatuar**: traço e escrita das bordas corporais. *Estilos da Clínica*, vol. VII, n. 12, 2002, p. 56-63.
- _____. **Tatuagem e marcas corporais** – atualizações do sagrado. São Paulo: casa do psicólogo, 2003.
- COSTA, A; POLI, M. **Sexuação na Adolescência um ato performativo**. *Psicologia Política*. vol. 10, n. 19, 2016, p. 141-150. Jan-jun.
- DOUVILLE, O. **Endosser son corps à L’adolescence**. *La clinique lacanienne*. n. 13, 2008, p. 77-84.
- FACURY, Tereza. **Marcas no corpo, marcas de gozo**. In: **Curinga**. Belo horizonte: escola brasileira de psicanálise – seção minas. n. 33, 2011.
- FERREIRA, A. **A devastação materna e suas repercussões nas parcerias amorosas**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.
- FERREIRA, J. C.; Costa, P. J. **Mensagens sobre escarificações na internet**: um estudo psicanalítico. *Ayvu, Rev. Psicol.*, v. 04, n. 02, 2018, p. 133-159.

FIGUEIREDO, A.; NOBRE, L.; VIEIRA, M. **Psicanálise, Pesquisa e Clínica**. Figueiredo, A. C. (Org.). Rio de Janeiro: Coleções IPUB; CUCA-IPUB/UFRJ, 2001.

FREUD, S. (1905). **Três ensaios para uma teoria da sexualidade**. Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud. (vol. VII). Rio de Janeiro: Imago, 1989.

_____. (1905). **Fragmento da análise de um caso de histeria**. Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud. (vol. VII). Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1915). **Os instintos e suas vicissitudes**. Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud. (vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1920). **Além do princípio do prazer**. Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud. (vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1920). **Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina**. Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud. (vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1924). **O problema econômico do masoquismo**. Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud. (vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1925). **Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos**. Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud. (vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago.

_____. ([1930] 1929). **O mal-estar na civilização**. Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud. (vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1931) **A sexualidade feminina**. Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud. (vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1933 [1932]) **Conferência XXIII: Feminilidade**. Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud. (vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago

GIUSTI, J. **Automutilação: características clínicas e comparação com pacientes com transtorno obsessivo-compulsivo**. Tese de Doutorado à Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

KONG, P. Agir et acter: la différ(a)nce. **La clinique lacanienne**. n. 23, 2013, p. 101-108.

LACADÉE, P. O despertar e o exílio: ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência. **Opção lacaniana**. n. 7. Rio de Janeiro, 2011.

_____. **Los sufrimientos modernos del adolescente**. 1ª edición. San martin: UNSAN EDITA. Ciudad autónoma de Buenos Aires: Fundacion CIPA, 2017.

LACAN, J. (1962-63). **O seminário: A angústia**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. (1958). Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina. **Escritos**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. (1953). Função e campo da fala e da linguagem. **Escritos**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. O Estádio do espelho como formador da função do Eu. **Escritos**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1901-1981). **O tempo lógico e asserção da certeza antecipada**. Outros escritos. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. (1971). **De um discurso que não fosse semblante**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

_____. (1972-1973). **Mais ainda**. In J.-A. Miller (Ed.), O seminário 20 de Jacques Lacan: 2ª ed.. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 9-141.

LISPECTOR, C. (1925). **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1977.

LORENA, R. **Um corpo para (de)marcar-se**: estudo psicanalítico acerca das escarificações na adolescência. Dissertação de mestrado, Universidade Católica de Pernambuco. Recife, 2016.

MILLER, J.-A. Em direção à adolescência. **Seminários**, 2015.

NEVES, T.I. **Dimensões da cura em psicanálise**: clínica, política e transformação. Curitiba, 2018.

PORTER, M. E. **The competitive advantage of nations** (2ª Ed.). London: Macmillan, 1999.

QUEIROZ, E., ALMEIDA, E., NÓBREGA. O desafio do feminino no século XXI. **Estudos de Psicanálise**. – n 7, Belo Horizonte, 2017, p. 141-148.

QUEIROZ, E. (s/d). **Reflexões sobre meta-análise em psicanálise**. Texto não publicado com acesso em sala de aula.

SILVA, M. Pensar em psicanálise. **Investigação e psicanálise**. Campinas: Papyrus, 1993.

SILVA, A.; BOTTI, N. Caracterização do perfil de participantes de um grupo de automutilação no facebook. **Salud & Sociedad**. v. 9, N. 2, 2018, p. 160-169, Maio - Agosto.

SIQUEIRA, E. **O estatuto contemporâneo das identificações em sujeitos com marcas e alterações corporais** (Dissertação de mestrado). Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. Recife, 2009.

SIQUEIRA, E. **Corpo escrito: estudo psicanalítico sobre nomeações e marcas corporais** (Tese de Doutorado). Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. Recife, 2013.

TYSLER, J.-J. **As metamorfoses do objeto** – Clínica da pulsão, da fantasia e da letra. Rio de Janeiro, 2011.

VIOLA, D. **O saber à flor da pele**: três ensaios psicanalíticos sobre a adolescência. Margem da palavra: Bragança Paulista – São Paulo, 2017.

ZUCCHI, M. Esse estranho que nos habita: o corpo nas neuroses clássicas e atuais. **Opção lacaniana online**. Ano 5, n. 14, 2014.